

UMA NERD NA MÁFIA

*Tudo começou
com um mal
entendido.*

AMANDA PEREIRA



UMA
NERD
NA,
MÁFIA

© Copyright 2020 Amanda Pereira
Capa: Ellen Scofield
Diagramação: Tici Pontes
Imagem da diagramação: Designed by Freepik

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as Normas da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados a autora. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Sobre a autora](#)

Sinopse

Nicolai era conhecido como o mais novo chefe da máfia italiana, temido por todos, ganhando o apelido de demônio na Itália.

De uma hora para outra se vê indo para os Estados Unidos para encontrar a pessoa que teve a ousadia de lhe roubar duzentos milhões. Ele jurou a si mesmo que a encontraria e que lhe faria pagar com lágrimas de sangue.

Isabela é uma garota de apenas dezenove anos que não tem nada a não ser a sua incrível inteligência. Cursando o penúltimo ano de ciências da computação faz de tudo para ajudar a quem precisa. Isso inclui de vez em quando invadir algumas contas, e transferir pequenos valores para instituições de caridade pelo mundo.

Tudo em sua vida mudar quando se vê sendo sequestrada pelo chefe da máfia italiana. Acusada de ter roubado um enorme valor ela fará de tudo para provar a sua inocência. Porque uma coisa ela tem certeza, se fosse ela a ter pegado o dinheiro, ele jamais a teria encontrado...

Ela louca por jogos, séries e livros.

Ele louco por sangue e as piores torturas. Em romance Dark com uma pitada de humor.

Não recomendado para menores de 18 anos contém cenas de violência, de sexo, tortura e linguagem imprópria.



Nicolai Pezzino

— Temos um problema, Nicolai

— O que foi? Porra... não vê que estou ocupado. Dou mais dois socos na costela do infeliz que está amarrado na minha frente. — E aí, Miguel decidiu se vai falar? Estou adorando passar esta tarde com você — falo me aproximando da mesa. Passo a mão pela sua lateral pensando em qual vou usar. Para falar a verdade gosto de usar a faca militar então a pego, me viro chegando mais perto desse miserável, e a enfio na sua perna esquerda. Os gritos que ele dá são como música para os meus ouvidos, uma música gloriosa, por sinal.

— Por favor, senhor. Eu já falei tudo que eu sabia, eu... tenho família

— Você acha que falando que tem família pouparei a sua vida? — Balanço a cabeça com um sorriso irônico, chegando o mais próximo do seu rosto. — Sabe o que eu gostaria nesse momento?

— Não, senhor.

— Gostaria que a vadia da sua mulher estivesse aqui para ver merda que é o seu marido implorando por misericórdia. — Puxo a faca da sua perna e a passo pela sua garganta dando um fim nesse desgraçado. E lá se foi mais um terno italiano. Limpo a mão na lateral da calça retirando o sangue. Viro e encontro o meu consigliere na porta me esperando.

— O que é tão importante para você estar aqui atrapalhando, Paollo?

— Temos um problema.

— Isso você já falou!

Chego mais perto. Ele sabe que a minha paciência já se acabou há muito tempo e o vejo engolir em seco.

— As nossas contas da Suíça... foram roubadas.

— O que você falou? — O pego pela gola da camisa encostando-o na parede

— O Pierre descobriu há mais ou menos uma hora.

— De quanto estamos falando?

Afasto-me já imaginando a dor de cabeça que isso vai dar.

— Duzentos milhões.

— Você só pode estar brincando com a minha cara, porra!

— Eu gostaria que fosse uma brincadeira, mas é sério. Alguém entrou no nosso sistema e conseguiu transferir duzentos milhões para uma conta fantasma.

— Como alguém entrou no nosso sistema? O Pierre não era o melhor hacker que você conhecia.

— Pelo visto não é mais.

— Você tem noção do que isso significa?

— Sim.

— Não... você não tem. O conselho de capôs usará isso para tentar

me derrubar. Quero que isso fique somente entre nós dois, entendeu?

— E o Pierre?

Apenas viro e saio, ele já sabe a minha resposta. Dentro da máfia não tem lugar para erros.

— Onde ele está? — falo abrindo a porta do carro.

— Está em seu apartamento, tentando descobrir quem fez isso.

— Ótimo, me encontre lá. — Entro no carro e tento relaxar um pouco, suspiro alto, coisa impossível para um chefe da máfia.

— Para onde senhor?

— Apartamento do Pierre Lucena

— Ok.

Tento relaxar, fecho os olhos, mas só dura cinco minutos. O meu celular não para de tocar. Inferno.

— Alô!

— Oi! Nicolai, meu amor, que horas você vai vir, estou aqui nesse apartamento morrendo de saudades.

— Quem te disse que poderia me ligar, Rebeca?

— Pensei que poderia, afinal já estamos juntos há mais de um ano

— Quer saber de uma coisa? Você não tem que pensar! — Já estou gritando. — Porque afinal, você só presta para abrir as pernas.

— Nossa... Nicolai eu não sou uma prostituta você sabe disso.

Oh mulher insuportável! Me arrependo amargamente de ter trepado com ela. Respiro profundamente antes de responder.

— Não você não é, porque uma prostituta sabe o seu lugar, você é uma puta mimada que pensa que depois de ter me dado tudo o que eu queria, eu iria me casar com você. Vou deixar claro, já que é burra. Eu nunca me casaria com você. Então vá procurar um velho rico e me esquece, não quero ver você no meu apartamento quando eu chegar.

— Isso não vai ficar assim, Nicolai você me pagar!

— Já paguei te dando vários orgasmos, querida.

Desligo não querendo ouvir mais aquela voz irritante.

— Problemas, senhor?

— Todo dia um diferente.

— O senhor dará um jeito.

Não o respondo apenas continuo olhando às mensagens que não param de chegar.

— Chegamos senhor.

— Ok. Vamos começar a festa...

Saio e o Paollo já está me esperando na portaria do prédio.

Entro e já vou direto para o elevador. Um silêncio reconfortante se instalar entre nós, ele sabe que odeio conversa fiada. O elevador para e já na porta do apartamento um Pierre totalmente assustado nos recebe.

— Gostaria de alguma coisa, senhor?

Entro e caminho em direção ao sofá me sentando, coloco uma perna sobre a outra encosto ainda mais e dando um longo suspiro o encaro.

— Gostaria sim. — Dou um sorriso de lado

— Gostaria que você, me explicasse como outra pessoa conseguiu invadir o nosso sistema, e me roubasse duzentos milhões.

— Bem como eu tinha falado para o senhor Paollo...

— Quero que você fale para mim.

— Ha... ok, claro e quero dizer a pessoa que invadiu o sistema entrou e em menos de cinco minutos conseguiu transferir a quantidade que o senhor sabe para uma conta fantasma, mas a encontrei.

— Conseguiu? Como?

— Na verdade, eu também achei estranho é como se ela quisesse ser encontrada.

— Ela? — falo levantando uma sobrancelha.

— Ah, sim, é uma garota, estudante de ciências da computação de Harvard.

— Uma estudante conseguiu ser melhor que você?

— Desculpa por isso, senhor.

— Mais alguma coisa?

— Sim, aqui está tudo sobre ela.

Pego o papel e dou uma olhada rápida.

— Ótimo.

Vou em direção a porta, paro e me viro para ele.

— Ah, já ia esquecendo. Eu não tolero erros.

Retiro a minha pistola, Taurus 875 da cintura e dou dois disparos na sua cabeça. Ele cai e já tem uma poça de sangue a sua volta, respiro profundamente aquele cheiro maravilhoso.

— Cuide disso.

— O que você vai fazer, Nicolai?

Pego na maçaneta e me viro para o Paollo.

— Parece que vamos fazer uma visita para a Srta. Isabella Miller.

Caminho para fora daquele prédio com a certeza que essa garota não faz a mínima ideia no que se meteu.



Isabela Miller

— Sério, Eduardo, de novo?

— Bela é só dessa, vez juro! É rápido. Eu ainda não peguei o meu no conserto.

— Só dessa vez mesmo, não vou mais emprestar.

— Ok, meu anjo. — Entrego-lhe o meu notebook

— Vou à lanchonete comer algo e já volto.

— Sem problema, minha princesa guerreira.

— Nossa... Eduardo se for para me comparar com algo, que seja de bom gosto credo.

Às vezes penso que a idade mental daquela criatura é de doze anos e não de vinte e três.

Pego meu celular e começo a procurar o boneco do Harry Potter que eu tanto estou querendo. Estou tão distraída que não vejo o brutamonte que está na minha frente.

— Merda...

Abaixo para pegar o celular, que agora está com a tela trincada.

— Não olha para onde anda não?

— Se eu fosse você, trocaria as lentes destes óculos já que não consegue andar direito.

— Essas lentes são novas, meu filho, que eu saiba o corredor é grande e daria para você passar tranquilamente.

— Todos aqui são iguais a você? A alegria em pessoa?

— E eu lá sou obrigada a mostrar os dentes. Você é dentista por um acaso, hein?

— E você é uma mal-educada, bom saber. Não volto mais nesta livraria.

Não espera nem eu responder e já sai andando.

Mal-educada? Eu hein! Perdi até a fome.

É melhor voltar já são quase três horas, nesse horário a livraria fica cheia.

— Não ia a lanchonete, Bella.

— Perdi a fome.

Ele se aproxima com uma cara muito estranha colocar a mão na minha testa e balança a cabeça.

— O que foi?

— Para você negar comida só pode estar doente.

— Do jeito que você fala parece até que sou morta de fome.

— Deixa de drama, Isabela. A última vez que saí com você o dono da pizzeria quase te expulsou de lá.

— Nossa, que mentira.

— Você comeu quinze fatias de pizza.

— Era um rodízio, tinha que valorizar o meu dinheiro.

— E uma coca sozinha. Fiquei até com medo de ter que te levar a um

hospital.

— Não exagera.

— Não vou nem falar aquele dia que comeu um bolo inteiro.

— Está bem, eu já entendi. Vou dar uma olhada na sessão infantil tenho certeza que deve estar uma bagunça.

Passo por ele e como esperado está mesmo uma bagunça. Em pensar que já estou aqui há dois anos! Não dá para acreditar, trabalhar aqui é um sonho, poder ser a primeira a ver os lançamentos. Arrumo tudo com satisfação. Quando vejo o tempo passou voando. Já deu a minha hora de ir embora.

— Eduardo. Já estou indo.

— Até segunda, Bella

— Tchau!

Falo já saindo, a parte chata é ter que voltar de ônibus, mas é por pouco tempo. Estou juntando dinheiro para comprar um carro. Isso é, se eu não gastar muito na *Comic Com* esse ano. Sorrio com essa possibilidade. Morar em Boston é ótimo, eu particularmente acho. Ter conseguido um apartamento aqui é um milagre, mas consegui. Hoje é sábado então posso jogar ou assistir a uma série. Chego em casa e já são cinco e meia. Abro a porta e coloco minha bolsa em cima da cama, retiro o meu notebook e o ligo. Hora de fazer meu outro trabalho.

Quando comecei a hackear não era lá grande coisa, mas hoje posso afirmar que sou muito, mais muito boa mesmo. Sei que é errado, mas também sei que com isso posso ajudar muita gente, como esse orfanato na África que está precisando até do básico. A maioria das contas que invado tem valores absurdos. São políticos corruptos, empresários e pessoas do mundo do crime que pensam que colocar o dinheiro sujo em contas na Suíça é seguro, grande erro.

Começo e em menos de dois minutos aquelas crianças na África agora tem o que comer pelo menos por um mês, sempre que faço isso evito as instituições por três meses ou mais, depois começo tudo de novo.

Mais um trabalho bem feito. Meu peito se enche de felicidade e um sorriso bobo já se forma, eu realmente fui feita para isso.

Hora de tomar um banho. Entro no banheiro e ligo o meu celular colocando a música tema de Dragon Ball Z, começo a tirar a roupa e cada uma cai no chão em um passinho diferente.

Agora estou aqui, pelada com uma escova de cabelo na mão cantando igual uma doida, adoro essa música.

Termino e saio só de toalha a procura de um pijama. — Qual escolherei? Deixe-me ver. Você não, Naruto, você sim, Star Wars.

Agora é hora da meia.

— Você — falo apontando para um par de meias, uma com a estampa de banana e a outra de ovo frito.

Visto-me e prendo meu cabelo em rabo de cavalo como sempre. Faço uma pipoca, deito na minha cama e ligo a televisão. Coloco The Big Bang Theory para assistir. Depois de um tempo pego o meu celular e já são uma e meia.

— Dorme, dorme — falo comigo mesma.

Já estou quase dormindo quando ouço passos no corredor levanto-me assustada. Chego um pouco mais perto da janela para ver melhor e vejo sombras lá fora. Um arrepio passa por todo o meu corpo.

— Agora, o eu que faço?

Saio dos meus pensamentos quando ouço alguém tenta abrir a porta.

— Pensa, pensa... — Bato duas vezes na cabeça. Dou uma olhada para a parede da TV, vou até ela. Pego a espada do Jon Snow, de Game of Thrones.

— Você vai me ajudar, Garra Longa? — pergunto empunhando-a.

Quando vou pegar o celular para ligar para a polícia, dois homens armados entram no apartamento.

— O que vocês querem?

Os dois se olham totalmente surpresos por ver uma garota com uma espada quase do seu tamanho, desafiando-os.

— Você vem conosco, Srta Isabella Miller.

— No seu sonho, talvez. Como vocês sabem o meu nome?

Um deles tenta se aproximar, mas o ameaço com a espada.

— Saíam do meu apartamento, agora! Já liguei para a polícia eles já estão chegando.

O de cabelo preto tenta chegar mais perto.

— Não dá nem mais um passo, para trás agora.

— Você sabe que não tem como acertar os dois ao mesmo tempo.

— Pelo menos um já está bom para mim.

Tudo é muito rápido. O de cabeça raspada que, por sinal me lembra o ator de carga explosiva vem rápido na minha direção. Quando já está próximo de mim avanço com a espada, era para acertar o pescoço, mas o infeliz se vira e acabo acertando o seu braço direito.

— Vadia.

— Não sou sua mãe não, hein.

Distraio-me com o cabeça de ovo e acabo esquecendo do outro. Ele chega mais perto e consegue retirar a espada da minha mão.

— Devolve, é item de colecionador.

— Pode ficar tranquila vou cuidar muito bem dela.

— Ah! Cabeça de ovo devolve agora.

Tento me soltar mais ele e muito forte. — Inferno. Me solta!.

— Cala a boca, garota.

— Não.

— Acaba logo com isso, Braian.

Tudo que percebo é ele levantar a arma. Uma dor muito forte toma conta da minha cabeça, tento ficar acordada mais os meus olhos estão pesados e acabo apagando lentamente.



Mas que droga, por que não consigo mexer as mãos? E a minha cabeça, porque está doendo igual ao inferno. Tento abrir os olhos duas vezes, na terceira consigo.

Estou sentada em uma cadeira, em algum lugar. As minhas mãos estão presas nas costas. Para piorar, onde estão os meus óculos?

Aperto os meus olhos para enxergar um pouco melhor e com isso a minha cabeça começa a doer ainda mais.

Aqueles desgraçados me acertaram com tudo. Minha espada! E agora como vou recuperar lá.

— Pensei que iria ficar dormindo a noite toda.

— Até queria, sabe, mas o brilho da sua careca me fez acordar.

— Você é muito folgada, garota. Vou fazer questão de passar um tempo com você depois que o chefe terminar, lhe ensinarei a ficar com essa boquinha fechada.

— Chefe?

— Pode ficar tranquila, ele já está a caminho.

— Para o inferno você é o seu chefe, me tira daqui agora!

— Cala essa boca, é a última vez que aviso.

Era melhor obedecer por enquanto. Tento ver melhor, mas é difícil, não consigo enxergar quase nada de longe.

— Oh! Moço, moço, moço.

— O que foi? Porra.

— Onde estão os meus óculos?

— Eu lá vou saber.

— Eu estava com eles quando você e o cabeça de ovo invadiram o meu apartamento.

— Não faço a menor ideia, mas pode ficar tranquila provavelmente depois que o chefe terminar com você, não precisará mais deles.

— Por quê?

Ele chega mais perto, fica cara a cara comigo. Consigo até sentir o cheiro de cigarro.

— Porque você provavelmente não terá mais olhos para isso.

O meu coração se acelera, não faço a mínima ideia do porque eu estou aqui.



Já se passou um bom tempo e nada de alguém me explicar o motivo de eu estar aqui. Sério a pouca paciência que tenho já se acabou faz tempo. Vejo uma movimentação estranha na porta do galpão, alguém entra e vem em minha direção, só quando está bem perto que consigo ver melhor.

Um homem muito alto se aproxima ficando bem na minha frente, ele me olha de cima a baixo e dá um pequeno sorriso.

— Finalmente nos encontramos senhorita Isabella Miller, tem como

você me falar onde está o meu dinheiro, porque uma coisa eu tenho certeza, você não o usou para comprar roupas.

Fico um tempo olhando para ele sem saber o que fazer, de que dinheiro ele está falando?

— Foi o Eduardo, não foi? — Aquele infeliz me paga, mas tenho que admitir, cara me senti em máfia aqui.

Ele não me responde. Se aproxima e simplesmente dá um tapa no meu rosto, não consigo nem explicar a raiva que estou sentindo agora

— Você me bateu? — A minha voz sai tão baixa, que parece que nem é minha. — VOCÊ ME BATEU? — Já estou gritando. — Me solta, infeliz. E vamos ver se vai conseguir me bater de novo

— Cala essa boca, ou vou quebrar todos os seus dentes.

Sabe uma coisa que tenho que aprender é ficar com a boca fechada, mas não vou, com certeza, não.

— Não sei onde você estudou, clone de Christian Grey, mas os dentes não vão me impedir de falar.

— E a língua também não.

— Seria uma boa ideia, mas que tal você me explicasse o porquê de eu estar aqui.

— Você pensa que sou idiota.

E mais um tapa dessa vez mais forte. Respiro fundo

— Idiota com certeza, e pelo visto burro também. Inteligência, não quero te ensinar a fazer o seu trabalho, mas que tal falar de que estou sendo acusada hem!

Ele vai para um canto da sala e se aproxima de uma mesa, volta com um alicate na mão.

— Oh! Droga, sério isso?

— Já que quer saber, ok, então, você coisinha estranha me roubou

duzentos milhões.

— Primeiro coisinha estranha é a sua mãe. Segundo quem falou isso? E terceiro, você acha mesmo que se tivesse roubado esse dinheiro eu estaria no mesmo país ainda?

— Pensou que eu nunca iria te encontrar.

— Por que acharia isso, você por acaso é tão importante assim?

Ele levanta uma sobrancelha e continua olhando para mim.

— Vamos fazer assim então, já que você é tão insuportável. Vou te fazer uma pergunta se sua resposta não me agradar, você terá uma punição.

— Eu não.

— Quem falou que você tem que querer alguma coisa?

— Sabe o que acho, com essa cara de psicopata que você tem com certeza já teria me matado, se estou viva até agora alguma coisa você estar querendo. É o dinheiro? — falo levantando uma sobrancelha igual a ele.

— Por que você não fala em qual conta está o meu dinheiro? Talvez assim você possa sair daqui, pelo menos viva.

— Eu gosto de viver, sabe. Quem te falou que roubei seu dinheiro?

— O hacker que trabalhava para mim.

— E como ele chegou a essa conclusão?

— Ele hackeou a pessoa que me roubou e descobriu que o endereço de IP era do seu computador, descobriu também que você sempre faz pequenas com tribulações para algumas instituições pelo mundo, no mínimo se cansou de roubar pequenos valores.

— Se ele te falou tudo isso também deve ter te falado que nunca fiquei com nada que eu consegui nas contas.

— Conseguiu não, roubou mesmo.

— Que seja, cadê o seu hacker?

— O matei.

— Sério isso nossa, mas você é burro mesmo, hein!

Ele simplesmente não responde, se aproxima de mim e dá um soco no meu estômago. Com o impacto fecho os olhos, minha respiração se acelera e as lágrimas que estava tentando não soltar já estavam rolando pelo meu rosto.

— Isso mesmo, chora muito, adoro isso. Ele fala pegando no meu rosto o segurando forte.

—Escuta bem o que vou falar agora. A próxima vez que você abrir essa boca, quero que fale sobre o meu dinheiro! Mais alguma gracinha que sair dela, quebro o seu braço, me entendeu? Apenas balanço a cabeça concordando. Ele me solta, só aí respiro direito. nem tinha percebido que estava segurando o fôlego.

A dor no meu estômago está aumentando. Já tinha apanhado de crianças maiores no orfanato, mas nunca de um adulto e pior ainda de um homem.

— Onde está o meu dinheiro?

— Se você não tivesse matado o seu hacker seria mais fácil te explicar.

— Sou bastante inteligente para entender.

— Qualquer pessoa com um nível avançado em conhecimento em computação, saberia que você pode entrar em uma conta e bagunça o sistema direcionado a outra pessoa para o endereço de IP desejado.

— Por que ele não falou nada disso?

— Eu também gostaria de saber se você não tivesse o matado, aí nos dois saberíamos.

— Por que uma pessoa iria ter o trabalho de fazer com que eu saísse do meu país para vim aqui te matar?

Comecei a tremer com essa revelação.

— Me matar?

— Você pensar que eu teria esse trabalho todo à-toa?

— Não precisa me matar não.

— O que eu ganharia em deixar que você vivesse?

E agora Isabella pensa, anda!

— Posso tentar encontrar a pessoa que te roubou.

— Como?

— Ao contrário da pessoa que trabalhava para você sou boa em invadir sistemas e além do mais também quero saber quem se esforçou tanto para me ver morta.

Ele se afasta e vai para o outro lado da sala só aí percebo um homem nos observando, sombrio igual a ele.

— O que você acha, Paollo?

— Não temos nada a perder, ela sabe que se estiver mentindo, nós a matamos.

— Ok, então podem soltar ela.

O mesmo cabeça de ovo vem em minha direção e retirar as amarras, passo a mão no meu pulso tentando aliviar a dor.

— Vamos ao seu apartamento quero ver se está falando a verdade.

— Ok

Vou seguindo ele para fora do galpão, quando estou próxima do carro caio no chão por não vê uma pedra no meu caminho.

— Merda.

— Olha para onde anda, garota. — Ele fala me levantando na maior ignorância.

— Até olharia se estivesse com os meus óculos aqui.

Ele não responde apenas abre a porta, e me joga literalmente dentro do carro.

— Não precisava me jogar, porra.

— Você não aprende né garota, não sou seu amigo, não fale comigo como se fosse. Acabo encostando-me no máximo na porta. Passo a mão na lateral do meu rosto sentindo- inchar.

O carro se movimenta e um silêncio muito cômodo instalou-se entre nós.

Só quero que isso acabe, só isso.

Agora estamos aqui, na frente do meu apartamento. O infeliz pega a chave do bolso como se fosse dele e abre a porta. Entra e vou seguindo-o, como se esse lugar não fosse meu.

Uma angústia toma conta de mim como se meu coração se apertasse cada vez mais, era um pressentimento. Uma sensação que eu não voltaria mais aqui. Ele para na porta do meu quarto e observa cada canto e se vira para mim com um sorriso irônico no rosto.

— Quantos anos você tem? Dez.

— Não que isso seja da sua conta, mas tenho dezenove.

Passo por ele, mas quando estava pronta para abaixar e pegar os meus óculos no chão, sinto sua mão envolta do meu pescoço ele me prende na cama.

Sinto sua respiração próxima do meu rosto.

— Você só pode ser louca, não aprende mesmo, que tal um companheiro para esse rosto hem!... — fala passando a mão pela lateral machucada do meu rosto.

Uma expressão de dor se forma o que o leva a apertar ainda mais.

— Entendi, pode parar.

— Espero mesmo.

Meu coração está tão acelerado que parece que vai explodir agora mesmo.

— Anda levante-se não tenho o tempo todo para ficar aqui.

Saio da cama e pego os meus óculos e os coloco. Aproximo-me do meu notebook e sento, com ele observando cada movimento, ele se aproxima e fica do meu lado.

— Qual é o seu nome?

— Nicolai Pezzino.

Primeiro pesquiso tudo sobre essa cara. Assusto-me com o que acabei descobrindo tanto que começo a tremer.

— Algum problema?

— Não, por quê?

— Você começou a tremer.____

— Deve ser o frio.

Continuo a minha pesquisa e entro no sistema do banco da Itália e acabo nos seus dados pessoais. Invado o sistema da conta e vou à procura das transações bancárias. Não consigo nada ali que me ajude, então coloco o algoritmo que desenvolvi alguns anos atrás e acabo encontrando o endereço de IP da pessoa que me acusou de ter roubado esse dinheiro.

Mas tenho que admitir, que não foi tão fácil como eu imaginei.

— Consegui, a pessoa que te roubou e transferiu o dinheiro para uma conta na Itália se chama Pierre Lucena.

— Você só pode estar brincando com a minha cara.

— Por que eu faria isso?

— Porque Pierre Lucena é o hacker que matei.

— Entendi, não podemos falar com ele.

— Descobriu mais alguma coisa útil?

— Sim, ele depositou esse dinheiro em uma conta na Itália, mas ainda não consegui descobrir de quem é, assim que eu descobrir mandarei um email para você com todos os dados.

— Um email?

— Se você preferir pode me passar um número de telefone.

— Acho que você não entendeu garota, você vai comigo para a Itália.

Arrume suas coisas o mais rápido possível. Você tem trinta minutos para isso e coloque uma roupa que não foi feita para uma criança de dez anos.



Isabela Miller

— Eu não vou nem morta, você pensa que é quem? Não vou com você para lugar nenhum.

— É até emocionante você pensar que tem alguma opinião aqui.

— Essa. — Falo mostrando o quarto. — É minha vida lutei muito para conseguir, o que tenho hoje não vou renunciar a nada, por ninguém.

— Agora você só tem vinte minutos.

— Vá para o inferno você e os seus minutos. Daqui eu não saio. — Sento-me na cama igual uma criança, mas não estou nem aí.

Demorei tanto para conquistar o que tenho hoje. Não foi fácil e agora esse cara pensa que pode invadir a minha vida e bagunçar tudo, mas não vai mesmo. Que ele queime no mármore do inferno, esse demônio.

— Levanta daí e vá arrumar suas coisas, agora!

— Não vou mesmo.

— Vá agora!

— Não e não.

— Retiro o que disse, você não se veste só como uma criança tem a mentalidade de uma.

Quando penso que deu certo ele vem na minha direção.

— Você não vai levantar?

— Não.

Ele simplesmente começa a puxar-me pelo cabelo em direção ao banheiro.

— Você é louco, me solta seu homem das cavernas.

Sem pensar muito bem acabo acertando um tapa em seu rosto. Sabe quando uma pessoa fala que sentiu a alma sai do seu corpo? A minha saiu agora.

Ele solta o meu cabelo e me empurra contra a parede com uma força incrível. Si nto o meu ombro começar a doer na hora, quando vou segurá-lo, ele começa a apertar com força o meu pescoço. A dor que estou sentindo agora é horrível tento me soltar, chuto, arranho e dou tapas, mas nada.

Não estou conseguindo respirar meus olhos vão fechando gradualmente pequenos pontos começam a aparecer e apago.



Sinto-me diferente o meu ombro está doendo e a minha garganta está ardendo. Tento abrir os meus olhos, mas estão tão pesados.

Respiro profundamente tentando entender onde eu estava. Levanto a cabeça só para constatar que estou em um quarto extremamente luxuoso.

— Em dez minutos partiremos espero que esteja pronta.

Ele sai como se não tivesse quase me matado, infeliz.

Levanto da cama. O quarto é todo decorado na cor escura. A cama cheia de almofadas, uma mais macia que a outra.

Olho para perto da porta e tem uma mala.

Pera aí! Essa mala é minha! Vou até ela e coloco-a em cima da cama abro, constatando que está cheia das minhas roupas.

Droga, droga, droga!

Pego uma calça jeans e uma blusa de moletom e procuro um banheiro.

A primeira porta que abro é um enorme closet repleto de roupas masculinas, principalmente ternos que tenho certeza que são super caros. Saio dos meus pensamentos e vou para a outra porta que dá em um banheiro, do tamanho do meu quarto.

Começo a tirar a minha roupa e entro debaixo do chuveiro. A água está bastante quente lavo o meu cabelo com os produtos que estão ali mesmo e fico um pouco mais que o normal.

Saio e pego uma toalha extremamente macia, me seco e começo a vestir as minhas peças íntimas. Coloco a calça jeans e depois o moletom do Harry Potter, calço o meu tênis All Star vermelho e vou dar uma olhada no espelho.

Estou com umas olheiras horríveis. O lado direito do meu rosto está um pouco inchado e meu pescoço está com marcas roxas dos dois lados. Decido deixar o meu cabelo solto e coloco os meus óculos.

Saio do quarto e vou para uma pequena sala, essa parte é ainda mais bonita.

Em uma mesa está o Nicolai e aquele cara do cativoiro penso que se chama Paollo se não me engano.

O Nicolai me olha de cima a baixo, faz uma carreta e continua olhando o jornal e tomando o seu café tranquilamente. O outro se limita

apenas a me dar uma olhada e continua a tomar a seu café como se eu não estivesse aqui.

Não sei o que fazer então eu fico parada na porta observando o local.

— Você vai ficar aí parada a manhã toda? Coma logo alguma coisa, nós já estamos quase saindo.

Gostaria de negar, mas é comida. Comida eu não nego nem se eu estivesse morrendo.

Vou até eles e me sento. A mesa está repleta de uma coisa melhor que a outra. Pego o café e me sirvo pego um pedaço de bolo enorme. Como tudo quase nem mastigando direito, já que não tenho muito tempo. Vou comer mesmo! Pego um pão e o devoro depois um bolinho meio estranho penso que é ‘croissant’ e coloco na boca. Sinto alguém me observando levanto o olhar, o Nicolai está parado olhando atentamente.

— O que foi? — falo com um pedaço de bolinho na boca.

— Só estava pensando aqui, como uma coisa tão pequena, consegue comer igual uma morta de fome.

Termino de engolir e o encaro.

— Não sou morta de fome só gosto de me alimentar direito.

— Você tem sorte que não engorda porque senão você estaria com uns cem quilos. Já não tem uma ótima aparência imagina se fosse gorda, então.

— Seria feliz do mesmo jeito.

— Por isso você vai morrer solteira.

— Solteira, mas feliz.

— Só termina logo, o helicóptero já está pronto.

— Helicóptero?

— Você pensou que iríamos ir para o aeroporto de que?

— O normal é de carro, sabe. Um meio de transporte muito utilizado

em nosso país.

— Por que você não continuar mastigando, assim não preciso ouvir essa sua voz extremamente irritante.

Até que ele tem razão, prefiro comer a ficar perto dele então corto mais um pedaço de bolo e o coloco na boca. Dou um pequeno sorriso para ele, só para irritar. O que dá certo. Ele revira os olhos e se levanta. Paollo o acompanha e os dois se sentam no sofá.

Continuo comendo tranquilamente.

— Já terminou, merda?

Ignoro.

Ele vem em minha direção e me puxa da cadeira.

— Estou falando com você.

— Sério, pensei que fosse com a merda, porque que eu saiba meu nome é Isabela e não merda.

Ele aperta ainda mais o meu braço com isso.

— Quando você vai aprender a calar essa sua boca?

Dou o maior sorriso irônico para ele.

— Nunca.

— Vá pegar a sua mala estamos saindo agora.

Vou para o quarto e pego a minha mala, pelo menos colocaram meu notebook. Mas procuro os meus documentos e nada deles.

Saio do quarto, puta da vida.

— Ô poderoso chefão?

Ele me olha com um ódio extremo o que torna ainda mais engraçado a cara que ele está fazendo, não estou nem aí.

— Poderoso chefão? — O Paollo pergunta.

— Conhece do filme de máfia?

— E como você sabe que somos da máfia.

Nicolai apenas observar eu e o Paollo.

— Sério isso, vocês pensam que sou burra.

— Tenho certeza. — O Nicolai responde.

— Ah! Tem mesmo, sabe aquela hora que eu estava procurando o culpado de ter te roubado. Aproveitei e dei uma pesquisada sobre você.

— E o que você achou de tão útil?

— Descobri que você é o novo chefe da máfia italiana e que não tem família, porque já morreram. O que nos leva para o seu pai que morreu misteriosamente. — Faço aspas no misteriosamente. — E que você tomou o lugar dele como chefe da máfia italiana. Você tem vinte e cinco anos o que o torna o chefe mais novo no poder, e que se eu quisesse, poderia ter distribuído o seu valioso dinheirinho pelo mundo todo. Com você do meu lado observando então te falo uma coisa, pode me chamar de tudo menos de burra.

— E, por que você não fez isso?

— Porque também quero saber quem tentou me acusar e mudando de assunto onde estão os meus documentos.

— Estão comigo, quando isso acaba talvez te devolva.

— E como vamos embarcar, santa ignorância?

— Em momento nenhum te falei que iríamos de vôo comercial, vamos no meu avião particular.

É lógico, que ele teria um avião particular.

Estamos saindo pela porta quando ele se vira na minha direção me olha com um sorriso no rosto e falar.

— Só para você saber o meu pai não morreu misteriosamente igual você falou. Eu o matei.

Ele sai como se não fosse nada.



Isabela Miller

Não quero ir para a Itália, a única coisa que queria era ficar aqui, só isso. Por que ele não entende? Só queria a minha vida de volta. Estou com saudade até do Eduardo uma coisa que pensei que nunca iria dizer.

Para falar a verdade, do meu apartamento, minha pequena coleção de revista em quadrinhos e tudo mais. Agora, de uma coisa tenho certeza. Que eu terei de volta a minha espada de Game of Thrones, nem que eu tenha que lustrar aquela careca de pirulito.

— Deseja alguma coisa, senhorita?

Uma moça extremamente linda me pergunta com seu uniforme impecável.

— Ela não vai querer nada, Andréia, pode ir.

Ela apenas balança a cabeça e se retira.

Já faz uma hora que entrei nesse jatinho particular com o Nicolai, Paollo o careca e o cabeça de espanador. O avião era todo decorado na cor marrom, com suas poltronas pretas que eram mais confortáveis do que a

minha cama, assustador.

— Eu queria uma água, sabia.

— É só você se levantar e pegar.

— Engraçado, não estou vendo ninguém se levantar e pegar nada.

— Se você está incomodada, pode ser a primeira. Ele fala com aquele sorrisinho idiota no rosto.

— Ainda bem que tenho pernas para isso.

Levanto-me e pego um copo de água. Chego a minha poltrona que é na frente da dele, quando a aeromoça está lhe entregando uma toalha quente.

— Fala sério! Para que isso?

Sento-me esperando a sua resposta.

Ele pega a toalha e seca as suas mãos.

— Estou pensando em enfiar na sua boca, talvez assim você consiga ficar com ela fechada.

— Nossa... — falo colocando a mão no peito. — Assim eu não resisto a seus lindos olhos azuis.

— É sério garota, você é a pessoa mais irritante que já conheci. Você tem sorte que ainda preciso de você, por enquanto.

— Mas ainda precisa desse, é o ponto.

— Você não imagina o quanto espero para que isso mude logo.

— Você vai ter que esperar um pouco mais, ainda tenho que encontrar a pessoa que está com o seu dinheiro.

— Pensei que você fosse boa, penso que me enganei.

— Tentar fazer melhor, eu duvido.

Ele se aproxima o que faz com que eu me encoste ainda mais na poltrona. Gostaria de não sentir medo dele, mas é impossível, o seu tamanho e a sua cara envolta de uma aura tão negra e ruim que me faz sentir um medo sem igual.

— Você não imagina quando olho para você e imagino te torturando de todas as formas possíveis, o prazer que vou sentir em te vê sofrer, vai valer a pena a raiva que está me fazendo passar.

Ele fala pegando no meu rosto e bem próximo ao meu ouvido.

— Já parou com a seção de tortura psicológica? Se você pensa que vai me fazer ter medo está enganado — falo na maior cara de pau.

— Penso não, tenho certeza.

Ele se afasta o que faz com que eu volte a respirar de novo. Ele me olha de um jeito muito estranho o que faz com que todas as partes do meu corpo fiquem em alerta na hora.

— Talvez depois que isso tudo acabe, possa te fazer uma das minhas prostitutas em uma das minhas boates. Você não é a personificação de beleza, mas dá para o gasto, afinal é uma mulher e o principal, tem uma boceta no meio das pernas.

— Prefiro morrer, a ter que me submeter a isso. ninguém vai encostar um dedo em mim, mas não se esqueça, se você fizer isso, você nunca mais vai ver o seu dinheiro, e não estou falando só do que roubaram, mas sim de tudo.

Ele cruza as pernas e dá mais um de seus sorrisinhos.

— Eles não vão só encostar um dedo meu amor e sim te foder de todas as formas que esse corpo aguento. Por julgar por sua experiência, tenho certeza deve ser quase nenhuma você não sairá viva para contar a história.

— Você é prepotente e arrogante ao extremo se acha o quê, hein? O todo poderoso só porque tem dinheiro? Sem isso você não é nada.

— Uma coisa que você tem que aprender garota, com esse dinheiro consigo o que quero. Na hora que quero e nunca sou a caça igual a você, sempre sou o caçador.

— É o que você acha. Estou bem longe de ser uma caça resta apenas

você perceber.

— Cala a boca. — Tenho muita coisa para fazer e você está atrapalhando.

Ele encosta ainda mais na poltrona, coloca uma perna em cima da outra e vai mexer no seu celular.

O tempo se passa e nada de chegarmos. A minha bunda já está latejando de tanto ficar sentada aqui.

Levanto-me um pouco a procura de um banheiro, o Nicolai nem se dá ao trabalho de me olhar uma única vez, o que acho ótimo.

Chego perto da aeromoça.

— Ah! Onde fica o banheiro?

— Naquela porta a esquerda.

Ela fala apontando o final do corredor.

— Ok. Obrigada.

Vou para o banheiro abro a porta e entro. Para um banheiro de avião esse até que é espaçoso. Faço as minhas necessidades e me olho no espelho, ok eu não sou linda igual a muitas mulheres por aí, mas também não sou feia igual ele vive falando. Decido sair antes que ele venha ver o que estou fazendo.

Sabe quando você tem a sensação de estar sendo observada? Isso é o que estou sentindo agora. Viro-me e o tal do Paollo não para de me observar atentamente. Pensei que ele iria ficar sem graça e virar o rosto o que não aconteceu ele continuou a me olhar. Poderia ter ignorado e saído dali, mas não, tinha que abrir a boca de novo.

— Se você quiser, te dou uma foto, talvez assim pare de ficar encarando as pessoas.

Tão rápido quando falei, ele chega perto e me empurra contra a parede do banheiro se aproxima e chega bem perto do meu rosto.

— Quando isso acabar vou fazer questão de levar você para ficar comigo uns dias, vou dar uma serventia a essa boquinha gostosa, deixando-a bem ocupada envolta do meu pau, assim você fica calada.

Tento me afastar dele, mas não consigo.

— Vocês são todos iguais, todos loucos. Me deixa passar, idiota.

— Você vai saber o que é loucura quando estiver na minha cama.

— Continua sonhando, só assim mesmo para que isso aconteça.

— Vamos ver.

Ele me solta, aproveito e vou para a minha poltrona.

— Penso que já sei para quem te dar quando isso acabar.

Ele fala, mas não levanta a cabeça em momento nenhum.

— Você só pode estar brincando com a minha cara. Se pensa que vou ser a prostituta particular daquele cara.

— Você já deveria ter percebido que não costumo brincar com nada.

Ele me olha por um tempo depois me ignora como antes.

Afundo ainda mais na poltrona, onde fui me meter, droga!



Isabela Miller

— Chegamos.

— Ainda bem! Não estava mais conseguindo ficar mais tempo no mesmo lugar que você.

— Sou uma ótima companhia.

— É tão boa que vive só você naquele apartamento. Nunca se perguntou o porquê?

Pela primeira vez na minha vida não tenho palavras para responder. O que ele percebe na hora.

— Você já sabe a resposta, por isso não responde, ótimo.

O avião aterrissa e saímos. Tem um carro todo preto a nossa espera.

Entramos. O Nicolai ficou do meu lado os outros ficaram no banco na nossa frente. — Onde vou ficar, em algum hotel?

— Infelizmente no meu apartamento.

Prefiro não responder já estou cansada e com fome para falar a verdade a minha barriga está roncando.

Ficamos rodando por uma hora mais ou menos até chegar a uma parte da cidade muito chique com seus prédios a perder de vista, uma loja mais linda que a outra.

Paramos em um prédio enorme todo de vidro preto, estou ficando até tonta só de olhar para cima.

Sou tirada dos meus pensamentos quando alguém pega meu braço e sai me empurrando em direção ao prédio.

— Me solta! Sei andar, que merda.

Ele me solta já no elevador e não falo mais nada. Uma vez ou outra me pego olhando para ele pelo vidro a nossa frente. Ele é bonito tenho que admitir, seus olhos azuis com aquele maxilar bem definido e aquele cabelo levemente loiro é de se admirar, tirando o fato que ele é um demônio em pessoa.

Ele aperta o último andar o que não é mais novidade sendo ele quem é.

O elevador para e saímos, paramos em um Hall e logo na frente tem uma porta toda trabalhada na madeira escura.

O seu segurança abre a porta e entramos. Paro em uma sala, toda branca e cinza com uma escada escura no meio. Na sala tem uma parede de vidro tomando a maioria do espaço a nossa volta deixando o ambiente claro, pois a parede deixava uma luz incrível entrar. Um jogo de sofá creme compunha o seu interior. A vista desse apartamento era incrível parecia que eu estava no céu, com uma TV enorme na frente a única coisa que imagino e eu aqui sozinha com um balde de pipoca assistindo minhas séries preferidas, só de imaginar um sorriso se forma no meu rosto.

— Não sei por que você está com esse sorrisinho no rosto, você não está de férias, idiota.

— Idiota é sua mãe, seu cavalo.

Ele me dá um tapa no rosto, o que faz com que os meus óculos caiam no chão.

Não vou chorar, não vou...

— Se você quiser te mostro uma coisa que é grande igual a de um cavalo, você quer?

Não respondo, apenas o encaro com tanto ódio que não sabia que poderia sentir.

— Foi o que pensei, ande, saia da minha frente.

— Claro, é só a inteligência me falar onde fica o meu quarto.

— Você só pode gostar de apanhar, não tem outra explicação. Pode procurar qualquer um lá em cima menos no último do corredor.

— Até parece que gostaria de ir ao seu quarto.

— Pode ficar tranquila você seria a última mulher que eu levaria para a minha cama.

Subo a escada e vou procurar um quarto. O primeiro era bonito, mas era muito escuro, então decido ficar com o segundo que era todo decorado na cor branca com detalhes em rosa. Coloco minha mala em cima da cama e começo a arrumar as minhas coisas.



Já se passaram três dias que estou aqui, fico quieta no quarto, saindo só para comer alguma coisa. Até agora não descobri nada, mas estou cada dia mais perto.

Pego uma calça jeans e uma camiseta branca. Tomo um banho rápido e me arrumo, o meu rosto já está melhor e já nem dá para ver as marcas no

meu pescoço. estou com muita fome então saio do quarto a procura da cozinha.

Depois da sala tem uma cozinha tipo americana completa. Abro a geladeira, mas só tem refrigerante, suco e nos armários não tem nada — meu Deus, esse homem não come não? Que ódio, eu estou com fome.

Saio da cozinha e vou a sua procura, não estou nem aí com ele, só quero me alimentar direito. Não o encontro em lugar nenhum aqui embaixo. Então, vou a sua procura no seu quarto. Estou aqui em frente a sua porta decidindo se bato ou não. Duvido que ele esteja preocupado se já comi algo, então bato duas vezes e nada. E agora, o que faço, dou meia volta e vou para o quarto? Não! Abro a porta e o encontro só de toalha no meio do seu quarto.

Ele me olhar com a raiva de sempre, passa a mão pelo cabelo em sinal de frustração.

— O que te falei sobre o meu quarto, é surda, por acaso? — fala já aos gritos.

— Calma aí, cara só queria saber onde tem comida aqui.

— E isso te dá direito de entrar em meu quarto sem autorização?

— Bati, você que não respondeu.

— É gênio, talvez seja porque eu sabia que era você.

— Que seja, e a comida?

Ele suspira alto e passa a mão pelo cabelo mais uma vez.

— Se arruma, vamos jantar fora.

— Eu já estou arrumada.

Ele me olhou dos pés à cabeça de novo.

— Isso é o que você chamar de se arrumar?

— Muito engraçado, estou me matando de rir, não está vendo? E outra, não tinha quase nada na minha mala.

— Até parece que tinha algo que preste naquele apartamento.

— E a comida?

— Me espere na sala.

Agora estou aqui no sofá esperando o idiota descer. Sério quando tempo se leva para se arrumar já estou aqui há uns vinte minutos.

Quando já estava desistindo, ele chega na sala no seu terno super caro e seu cabelo levemente molhado.

— Não preciso falar o que vai acontecer se você não se comportar, não é.

— Não sabia que eu era uma criança que precise se comportar.

Ele não responde apenas sai em direção ao elevador. Lá já tem dois seguranças nos aguardando. Saímos do prédio e agora estamos no mesmo carro de antes, eu de um lado e o Nicolai do outro. Acabei percebendo que tem mais dois carros nós seguindo. Paramos em um restaurante com a fachada toda na cor vermelha. Um rapaz abre a porta e saímos, o Nicolai vai à frente e eu o sigo. Paramos na recepção e uma mulher muito elegante nos atende.

— Senhor Pezzino, é ótimo recebê-lo aqui mais uma vez.

— Valéria que bom vê-la de novo, vou querer a mesa de sempre.

— Claro, senhor, é por aqui. Entramos e seguimos a moça até um canto mais afastado.

Esse com certeza é o restaurante mais lindo que já coloquei o meu pé, estou até sem graça pela roupa que estou usando.

O Nicolai está agora na minha frente como se esse lugar não fosse digno da sua presença. As pessoas olham disfarçadamente o que torna tudo isso mais estranho.

— O cardápio, senhor, já sabem o que vão beber?

— Quero uma coca.

O rapaz me olhar como se eu fosse um extraterrestre.

— Aqui não servem refrigerante, Isabela, pode trazer duas taças do Barolo.

— Ok, senhor.

— Eu não quero vinho, pode ser um suco então.

— Eu estou pagando, então é o vinho que você vai beber.

— Em momento nenhum te pedi para pagar nada, só falei que queria comer, se esse é o problema eu pago.

Ele começa a rir da minha cara Tento ficar tranquila, mas está cada vez mais difícil.

— O que você tem no banco provavelmente não daria para pagar nem essas duas taças de vinho.

— Você que veio para cá, eu só queria comer, uma lanchonete estaria ótimo.

— O dia que você me ver em uma lanchonete, pode saber que tem algum problema.

O rapaz traz o vinho e nos serve, pego o cardápio para ver o que vou pedir, só quero comer. Dou uma olhada e está tudo em italiano, o que não é um problema já que falo cinco idiomas e italiano é uma delas, mas a única coisa italiana que já comi foi macarrão.

— Pode ser o Tortellini de Bolonha. O Nicolai me olha esperando que eu faça o meu pedido.

— Ah! Vou querer o Gnocchi.

Experimento o vinho, que coisa ruim, meu Deus!

— Nossa, esse vinho é horrível.

— Você não sabe apreciar o que é bom, garota.

— Sei sim, e isso é horrível.

— Você tem ideia do valor de cada taça.

— Só porque é caro, não quer dizer que é bom.

Quando ele ia responder uma garota linda mesmo atravessa o salão e vem em direção a nossa mesa. Ela está com um vestido preto que não deixa nada para a imaginação e o cabelo na cintura de um ruivo maravilhoso. Ela para do lado da nossa mesa nos observando.

— Nicolai, o que você está fazendo aqui com isso?

— Isso?

O Nicolai a olha dos pés à cabeça levanta uma sobrancelha e fala.

— Rebeca!



Isabela Miller

— Você me chamou de quê?

— É surda, é?

— Só estou perguntando para ter certeza, você é louca garota?

— É claro que não.

— Essa é a única opção para uma pessoa que eu nunca vi na vida começar a me maltratar do nada ou a culpa é sua Nicolai no mínimo não comeu essa daí direito por isso está fazendo essa cena aqui.

— Cala a boca, Isabela.

— Vai se foder, se pensa que vou deixar o projeto de puta me xingar aqui.

— Quem é puta aqui, hein? Miniatura de ser humano.

— É surda, por acaso, é você mesmo?

— Vou te arrebentar, garota.

Levanto-me na hora.

— O que você está esperando para tentar.

Antes que ela coloque um dedo em mim. Nicolai entra no meio com uma cara de demônio saindo do inferno, a procura de mais uma alma.

— Você — fala apontando para mim — é a última vez que aviso. Cala essa maldita boca, agora! E você, Rebeca, quem você pensa que é para atrapalhar o meu jantar? Saia da minha frente agora antes que eu mande um dos meus seguranças te colocarem para fora daqui.

— Você não teria coragem, Nicolai?

— Você sabe que tenho coragem para muito mais, então suma da minha frente.

Ela olha para mim de novo e sai resmungando.

Sento-me e bebo um gole do vinho.

— Garota mais louca, né.

— Você me paga, quando chegarmos em casa.

— Não estou te devendo nada, da próxima vez controle as suas putas, meu bem.

— Fique tranquila não haverá próxima vez, antes disso te mato.

— Sabia que já estou até me acostumando com as suas ameaças?

Quando ele ia responder o garçom chega com o nosso pedido. Olho para o meu prato e só tem uma pequena porção no meio com umas coisinhas verdes em cima. Não é possível ser só isso não.

— Nicolai.

— O que foi?

— Só vem isso de comida?

— Você pensa que isso aqui é o que, hein, restaurante à quilo?

— A culpa é sua! Se tivesse me levado para comer em uma lanchonete isso não estaria acontecendo.

— Culpa minha não, você que come igual a um sem teto.

— Seu rabo.

— Você tem uma linguagem ridícula principalmente para uma garota da sua idade.

— Você é muito velho, por um acaso, hein?

— Não, mas tenho educação, uma coisa que você deveria aprender, seria ótimo.

— Uma coisa que você deveria aprender, Nicolai Pezzino, é que tenho educação sim, mas a uso só para quem mereça e você com certeza não é essa pessoa

— Se eu fosse você terminaria de comer logo, talvez seja a sua última refeição.

Desisto de ficar discutindo com ele e coloco um pouco na boca. Meu Deus está tão gostoso, o que dificulta ainda mais! Vou querer comer mais, só que tenho certeza que ele não vai me dar.

Um casal mais velho se aproxima do Nicolai.

— Senhor Pezzino, que prazer te encontrar aqui.

O Nicolai se levanta.

— Senhor Lourenço, como estás?

— Estou bem, espero que possa ir ao leilão no domingo. — Esse povo não tem o que fazer.

— É claro que estarei lá.

— E essa moça linda, quem é?

Um sorriso se forma no meu rosto que logo morre quando olho para o infeliz.

— Não é ninguém importante.

Minha língua coça para responder, mas aguento firme, dou um sorriso sem graça para o casal e logo eles já se foram.

— Não sou ninguém importante é? Quem aqui de nós está fazendo alguma coisa em relação ao seu dinheiro?

— Até agora você não fez nada de importante.

— Se você não tivesse matado o seu hacker já saberíamos o que aconteceu.

— Tarde demais para isso, aquele infeliz já deve estar no inferno.

— Igual a você.

— O que você falou?

— Nada não.

— Já terminou?

— Até parecer que tinha algo aqui para terminar, ainda estou com fome.

— Azar o seu.

— Bem que podíamos passar em algum lugar para comer outra coisa hem!

— No seu sonho, talvez.

— No seu sonho, talvez — o imito.

O Nicolai paga a conta e saímos. Entramos no carro, encosto o rosto no vidro e fico pensando na pizza que tinha na minha geladeira. Fico com mais raiva ainda.

— Inferno.

— Para de ficar resmungando garota, você me irrita ainda mais.

— Tudo isso é culpa sua.

— O que é culpa minha?

— Sério? Primeiro você me sequestrou, depois me levou para outro país E depois me nega comida. Tudo isso é ridículo e a culpa é sua, seu demônio.

— Vejo que já sabe o meu apelido.

— Tenho que admitir combina perfeitamente com você.

Ele cruza as pernas e pega o seu celular do bolso sem levantar o olhar

responde.

— É o que dizem por aí. — Decido fica calada tudo isso já está me deixando com mais raiva.

Paramos em frente ao seu prédio e saímos. Estou cansada a única coisa que quero é dormir e acordar em meu apartamento e perceber que tudo isso foi apenas um sonho.

— Vê se descobre alguma coisa em relação à conta que eles colocaram o meu dinheiro.

— Claro, patrão. Vou providenciar isso.

Ele me prende mais uma vez na parede e com uma mão prende os meus braços para trás. Com a outra ele aperta o meu pescoço fazendo menos força que da última vez. Chega com a sua boca próximo da minha orelha, o que faz com que sinta o seu perfume invadir no meu nariz instantaneamente.

— Você com certeza é a garota que mais me tirou do sério até hoje. Penso que você esteja precisando de um homem para te ensinar o seu lugar.

Tento soltar-me e nada. Ele solta o meu pescoço, o que faz com que eu respire normalmente.

— O que eu preciso não é da sua conta. Me solta.

Ele passa a mão pela lateral do meu corpo e vai subindo devagar até chegar ao meu rosto. Passa o dedo indicador no contorno da minha boca o que faz com que o meu coração traidor acelere ainda mais.

— Você não é uma garota feia, Isabela.

O meu nome saindo da sua boca com essa voz rouca faz um arrepio passar por todo o meu corpo.

— Pode negar a vontade, mas você também está sentindo o que está acontecendo entre nós .

Aproveitando a sua distração, posiciono o meu joelho no meio de suas pernas. Aproximo-me dele o que o leva a dar um sorriso safado para mim,

retribuo do mesmo jeito quando ele se aproxima para me beijar dou uma joelhada em cheio no meio da sua parte íntima.

Ele se curva no chão de dor e saio de perto dele e falo.

— Bem feito para você.

Saio correndo o mais rápido possível em direção ao meu quarto e antes de fechar a porta o ouço gritando na sala.

— I-sa-be-laaaaa.

Fecho a porta com a certeza que acabei de fazer uma merda das grandes.



Nicolai Pezzino

Sento no sofá e respiro profundamente tentando controlar a dor que estava sentindo no meu pau. Agora vou matar essa infeliz, desgraçada. Porque não a matei em Boston? Me pouparia essa dor que estou sentindo agora.

Poderia ter percebido que ela é um desastre em pessoa quando estive com ela naquele galpão. Primeiro a infeliz cortou o meu soldado com uma espada, sério (uma espada), depois me desafiou mais vezes que todos que me odeiam juntos, me tira do sério com seu estilo ridículo de se vestir e agora isso de me acertar bem nas minhas bolas. Quando eu pegá-la vou apertar tanto aquele pescoço.

— Chefe, algum problema?

— Não. Falo entre os dentes.

— Ok, o senhor Paollo esteve aqui e logo se foi sem falar nada.

— Ok.

Saio do sofá um pouco torto ainda, pego uma bolsa de gelo e subo as

escadas, passo pela porta da infeliz e decido resolver isso mais tarde, ela não perde por esperar. Entro no meu quarto e retiro o terno que estou usando, deito na cama e coloco o saco de gelo em cima do meu pau. Um alívio toma conta de mim fecho os olhos e a única coisa que vem em minha mente e a boca daquela desgraçada na minha frente se abrindo devagar a cada respiração que dava quando eu a tocava.

Preciso acabar com isso logo. Tirá-la da minha vida o mais rápido possível.

Levanto-me e vou tomar um banho. Entro debaixo do chuveiro deixando a água me lavar, olho para baixo e o meu pau já está pronto para outra. O que me faz pensar que estou precisando de uma boa trepada.

Saio do chuveiro ainda molhado e pego uma toalha, me seco e pego meu celular. Mando uma mensagem para a Sofia, uma puta da minha boate, mandando-a vir para cá agora. Apenas recebo um ok da sua parte.

Ligo para o Paollo, esse atende no terceiro toque.

— Fala, Nicolai.

— Soube que esteve aqui.

— Sim fui ver como estava a sua hóspede.

— Aquela atrevida deve estar trancada no seu quarto.

— Tenho que admitir que é uma atrevida mesmo, mas também uma delícia, o que me faz lembrar quando isso tudo acaba você poderia me dá-la, o que você acha?

— Depois que eu a fizer pagar pela dor de cabeça que ela está me dando será toda sua. Teve alguma novidade com os capôs?

— Ainda não, mas o Esteves está impaciente para o noivado da sua filha com você.

Aperto as têmporas me lembrando desse terrível detalhe.

— Aquele miserável só quer subir na hierarquia da máfia. Maldita

hora que o meu pai fez esse acordo com ele.

— Meu caro, daqui a dois meses a Valentina completa dezoito anos e você terá que casar com ela, meus pêsames, ela é insuportável.

— Você vem falar isso para mim, sei disso, mas logo a coloco nos trilhos.

— Eu sei que sim.

— Qualquer novidade me avise.

— Ok.

Desligo o celular e pego um copo coloco uma dose de uísque e o viro de uma só vez. O gosto amargo se instala na minha boca. Paro na frente da janela de vidro do meu quarto e observo a paisagem da cidade.

Sou tirado dos meus pensamentos quando ouço alguém entrar no quarto a Sofia está parada próximo da minha cama com aquela cara de puta mimada que só ela tem.

— Nicolai, eu pensei que tinha se esquecido de mim.

— Estava viajando, mas vamos deixar de conversa fiada e vem fazer o que você sabe de melhor.

Sem mais delongas ela se posicionar na minha frente e retira a toalha e um sorriso se forma em seus lábios pintados de vermelho sangue.

— Sempre pronto.

Não respondo apenas retiro seu vestido e a deixo pelada, essa safada já veio pronta ótimo. Aperto o seu seio esquerdo e começo a chupá-lo passando a língua, sentindo seu gosto.

Vou para o outro seio e faço o mesmo processo até deixá-la louca gritando o meu nome.

Empurro-a em direção a cama e vou dando beijos em sua barriga até chegar a sua boceta, abro bem as suas pernas o máximo que dá enfio dois dedos dentro dela e começo a fazer movimento de vai e vem sem parar.

Passo a língua na sua entrada e vou chupando o seu clitóris já inchado, ela começa a se contorcer na minha boca chegando ao orgasmo. Aproveito que ela ainda se deliciando com o final do orgasmo pego uma camisinha e a visto, me posiciono e empurro o meu pau com tudo na sua entrada totalmente preparada para mim.

O movimento de vai e vem e cada vez mais rápido meto com bastante força sentindo as paredes de sua boceta apertar-me ainda mais.

A viro de quatro e continuo a estocar, dou uns tapas naquela bunda gostosa e um sorriso de satisfação se forma nos meus lábios com o tom rosado que se forma no lado esquerdo da sua bunda.

Logo ela tem mais um orgasmo. Eu vou logo em seguida enchendo a camisinha. Saio de dentro dela e me deito respirando com um pouco de dificuldade, me levanto e pego mais uma dose de uísque tomo em um só gole.

— Recolha as suas coisas e saia daqui.

Ela se levanta e recolhe o seu vestido e sai do quarto sem falar nada, assim como gosto.

Tomo mais um banho e me pego, pensando no que fazer com a Isabela.



Isabela Miller

Fico deitada na cama até às onze horas morrendo de medo do que o Nicolai possa fazer.

Já se passaram mais três dias e ele não fez nada, mas sei que o que eu fiz, ele não vai deixar barato e essa sensação não vai deixar em paz com certeza.

O único problema é a fome que estou sentindo agora, se não fosse isso eu ficaria no quarto o dia todo.

Levanto-me da cama e abro a porta devagar, coloco a minha cabeça para fora e olho o corredor a minha frente e nada nenhum sinal dele. Vou devagar até a escada e observo e também nada.

Respiro profundamente e vou em direção a cozinha. Procuro algo para comer, abro a geladeira e nada só água e refrigerante. Pego duas latas de guaraná, abro a porta do armário e a mesma coisa.

— Vou morrer de fome.

Tantas formas de se morrer e vou logo morrer de fome. Bebo os meus refrigerantes de uma vez.

Só um pão, custava só um pão.

Decido ficar na sala e coloco Naruto para assistir.

— Vai Sakura porra vai, isso boa. Oh! Inferno, faz alguma coisa.

Fico a tarde toda no sofá assistindo a Naruto, quando já são seis horas tomo um banho e visto um dos meus pijamas preferidos, ele é todo preto do Batman.

Quando já são sete horas alguém abre a porta.

— Pensei que iria ficar no seu quarto o dia todo.

O Nicolai entra e já fico em alerta na hora. Ele não é assim tem algo errado com certeza.

— Você não vai fazer nada?

Ele se senta do meu lado e fica me observando de um jeito muito estranho.

— Eu não sou tão ruim igual você imagina, Isabela.

— Sei.

— Mudando de assunto, conseguiu alguma coisa em relação ao dinheiro?

— Nem liguei o meu notebook hoje.

Ele começa a ficar vermelho e juro que estou pensando que ele vai estourar na minha frente.

Ele solta um longo suspiro e passa a mão pelo cabelo fecha as mãos em punho as apertando com força, umas duas vezes e olha para mim.

— Você sabe o porquê de estar aqui, né?

— É lógico, tenho que encontrar a pessoa que te roubou e limpar o meu nome.

— E o que você está esperando?

— Estou esperando você desconfiar e perceber que sou um ser humano e um ser humano precisa do básico sabe, comida, por exemplo.

Ele levanta uma sobrancelha para mim.

— Que droga, cara, comida. Fiquei trancada nesse apartamento o dia todo sem comer porque o bonito aí saiu e não deixou nada.

— O bonito?

— Sério qual é o seu problema, você está super esquisito.

— Você gosta de comer, né?

— Adoro.

— Ok, pode ser uma pizza então?

— Uma nada, pode ser duas.

Ele está estranho, está sorrindo e a forma que sorri é assustadora, para falar a verdade.

Continuo a assistir o meu anime e ele fica trocando mensagens no celular, uma hora ou outra ele me olha e aquela mesma sensação de que algo vai acontecer não me deixa.

Alguém abre a porta e entra, para o meu completo espanto é o Paollo.

— Nicolai, você me chamou?

Ele olha de mim para o Paollo e dá um sorriso macabro. Levanta-se e vai para perto dele. Coloca uma mão no bolso da sua calça social.

— Sabe, Paollo pensei melhor e decidi que você pode ficar com ela agora mesmo se você quiser.

Entro em alerta na hora, me levanto e começo a dar passos para trás, mas o Nicolai vem até mim e me pega pelo braço com força e começa a me puxar, e para na frente do Paollo.

— Me solta, Nicolai você ficou louco?

— Louca é você em pensar que manda em algo aqui, que tal eu te ensinar o seu lugar.

Ele começa a tentar tirar a minha roupa puxando o zíper da frente mais não sou o tipo de mulher que fica só esperando a merda ser feita, brigo com ele tentando me soltar.

Em um ato de pura raiva pego a sua mão e dou uma mordida o mais forte que eu consigo, o gosto de sangue se faz presente na minha boca só paro porque ele me dá um empurrão tão forte que caio e acabo batendo a cabeça no chão com o impacto.

— Vou te matar, garota por isso.

Ele aproxima-se, tento me levantar e nada, começo a arrastar-me em direção a cozinha. Quando já estava quase conseguindo, ele me pega pelos cabelos e me arrasta de volta para a sala, me joga no sofá e olha para o Paollo que eu já tinha me esquecido que estava aqui.

— Saia daqui, Paollo! Depois conversamos.

— Nicolai!

— Eu mandei sair, porra, agora.

Ele sai como se nada estivesse acontecendo aqui.

— Vai me matar, é?

— Você tem muita sorte por eu precisar de você ainda.

Ele me olha de cima a baixo mais uma vez.

— Que tal tirar essa sua roupa ridícula.

Ele se aproxima e tentar tirar o meu pijama de novo.

— Para, por favor, para.

Uma coisa que eu não gostaria, mas que é impossível começo a chorar sem parar. — Por favor...

— Não.

Ele me pega pelo braço e me arrasta escada acima, tento me soltar seguro no corrimão e nada.

— Me solta, filho de uma puta, me solta.

Jogo-me no chão tentando fazer com que ele desista, mas parece impossível. Choro ainda mais, quando passamos pelo meu quarto e vamos para o dele.

— O que você vai fazer para, por favor, Nicolai, paraaaaa.

— Você logo saberá.

Ele me puxa e me joga na cama, arrasto-me, mas ele me pegar pelos calcanhares até a beirada dela.

— Agora você vai aprender a me respeitar.

Ele segura as minhas mãos em cima da cabeça e abre o pijama.

Deixando-me só de calcinha e sutiã. O choro já se tornou desespero a essa hora, tento me soltar e nada.

Ele passa a mão na lateral da minha barriga e vai subindo, para na região dos meus seios.

— Para.

— Isso tudo é para você aprender a me respeitar, você não é nada, não tente medir força comigo. — Ele dá um longo suspiro. — Sempre sairá perdendo.

Ele abaixa a cabeça no vale do meu pescoço e me cheira nesta região. Chega perto do meu ombro e dá um sorriso.

— Já que você me marcou nada mais justo que te marque também.

Antes de o meu cérebro processar a informação. Ele me morde com toda a sua força. Um grito que parecia não ser meu sai da minha boca.

Choro ainda mais.

— Saia daqui. Posso ser tudo, mas nunca obrigaria uma mulher a fazer sexo comigo.

Ele sai de cima de mim e pega uma bebida. Levanto-me e coloco a mão no meu ombro esquerdo em cima da ferida que ele fez uma dor muito forte tomar conta de mim.

— Anda saia daqui e não coloque o pé para fora do seu quarto até eu mandar.

Pego o resto do que um dia foi meu pijama e saio.



Isabela Miller

Entro no meu quarto e tranco a porta, uma sensação de impotência toma conta de mim. Vou para ao banheiro e abro o chuveiro.

Sento-me no chão do box e choro tudo que vinha sendo guardado. O meu coração parece que vai sair de tanto medo que estou sentindo agora, abraço as minhas pernas na esperança que isso possa me confortar.

O que é meio impossível no momento, juro que pensei que ele fosse me violentar naquele quarto mesmo, e um desespero toma conta. A água vai levando as minhas lágrimas e o meu sangue que escorre do meu braço.

Eu nunca me senti tão mal como agora. A única coisa que quero é ir embora, voltar para a minha vida, só isso

Não sei quanto tempo fiquei no banheiro, decido sair e quando vou pegar uma roupa vejo uma bandeja em cima da cama.

Uma angústia toma conta de mim, vou até a porta e vejo que está destrancada. Torno a fechá-la e em cima da cama tem um prato de macarrão

com um molho estranho, uns pãezinhos de um lado, um copo de suco e um pedaço de bolo de chocolate.

Termino de me trocar e passo um pouco de álcool no meu braço.

Fico até às três horas da manhã acordada, toda hora que eu fechava os olhos e lembrava cada cena que passei no seu quarto uma dor tão grande toma conta do meu corpo e apago.

Abro os meus olhos e o meu coração começa a bater muito mais rápido, o Nicolai está na frente da cama me observando atentamente.

Sento-me próximo da cabeceira e puxo o edredom para mais perto de mim na triste esperança de me proteger contra ele.

— O que você está fazendo aqui?

— O apartamento é meu.

— Você entendeu.

— Você gosta de me desafiar, Isabela vejo que não aprendeu nada em relação a isso ainda.

— Ah! ... Aprendi muito, obrigado pela aula.

Ele vem em minha direção e tira o edredom que me cobria.

— Hoje você irá comigo ao leilão.

— Mas não vou mesmo, principalmente com você

— Não é um pedido, Isabela, é uma ordem.

— Por que justo eu tenho que ir, é por falta de opção, é?

— Entenda uma coisa, eu mando você obedece.

— Continue sonhando com isso.

— Se vista iremos comprar uma roupa que não foi feita para uma criança.

— Não preciso da sua ajuda.

— Precisa sim, em vista do que venho vendo você vestir, não tenho o

tempo todo estarei na sala.

Inferno, mil vezes inferno. Tomo um banho rápido e nem lavo o cabelo que tenho que dar um jeito de cortar, ele já está na cintura e tenho que retocar a raiz, o castanho já está aparecendo.

Sei me arrumar, de vez em quando. Só não estou a fim fazer isso aqui. Pego um vestido azul clarinho que não chega ao joelho e um par de tênis preto. Deixo o meu cabelo solto e pronto saio do quarto.

Chego à sala e ele está no sofá olhando o celular.

— Decidiu mudar de estilo?

— Sempre tive vários estilos, só não gosto de mostrar principalmente para você.

— Pode ficar tranquila você não tem muita coisa para mostrar, mais parece uma adolescente de quinze anos e não dezenove.

Fico resmungando até chegar ao carro, me sento ao seu lado o mais longe possível o que não o impede de se aproximar de mim.

— Você sabe que tem mais espaço aqui dentro né, chega para lá, Nicolai.

— Você fica incomodada com a minha proximidade, então é aqui que vou ficar.

Olho para ele.

— Por que será né?

— Talvez seja porque tenho vários motivos para isso. — Ele chega mais perto segura uma mecha do meu cabelo.

— Você fica melhor de cabelo solto.

Dou-lhe um tapa na sua mão.

— Tira a mão.

Ele pega na minha perna e começa a apertar com força.

— Coloco minha mão onde eu quiser, está me entendendo?

Não falo mais nada apenas e fico quieta, por enquanto. Vamos para o centro da cidade e paramos em frente a uma loja.

Agora estou aqui em uma loja linda que com certeza nunca entraria em outra ocasião.

Uma vendedora de terninho preto e branco está nos atendendo.

— O que o senhor deseja?

— Encontre algo que não a deixe com cara de criança.

A vendedora pega vários vestidos um mais revelador que o outro.

— Não vou usar isso.

— Por que não? Você tem um corpo tão bonito, tem que valorizar.

— Esse — falo mostrando os vestidos em cima do balcão —, não é o meu estilo.

— O rapaz que está com você pediu um vestido de festa então tem que ser um desses.

Merda

— Ok, então pode ser esse preto.

— E os sapatos?

— Oh! Droga tinha me esquecido, será que tem como ir de tênis?

— É meio impossível, mas vou tentar encontrar um mais baixo.

— Muito obrigada, moça.

— Não por isso, e pode me chamar de Ana

— Muito obrigada, Ana.

Ela sai para pegar os sapatos e fico olhando outros modelos de vestidos.

— Julgo que esse serve.

Fala me mostrando um par de sapatos pretos delicados, mas com um saldo estilo boneca.

— Perfeito.

— Que bom que gostou. Você vai querer mais alguma coisa?

— Não, só isso mesmo.

O Nicolai paga as coisas e saímos. Pensei que iríamos para o seu apartamento, mas ele me leva para uma cafeteria muito linda ali próximo mesmo.

Acabei pedido um café com vários tipos de bolinhos diferentes.

Ele não falou mais comigo o que dou graças a Deus, estou tão estressada que seria capaz de lhe matar ali mesmo.

Chegamos ao apartamento e já eram umas cinco horas, o tempo passou voando. O leilão era às oito o que dava um pouco de tempo para começar a ver o que eu achava da tal conta.

Abro o meu notebook e começo a hacker a conta. Entro no sistema do banco de novo e vou à procura. Dez minutos depois já tenho um nome, mas que irei guardar até ter a garantia que irei sair dessa bem.

Conhecendo o Nicolai tenho certeza que daria um fim na minha vida logo após entregar a pessoa que o roubou. Tenho que descobrir o porquê me envolveu nisso tudo o mais rápido possível.

Tomo um banho e começo a me arrumar para essa merda de leilão.

Faço um coque que aprendi no YouTube e a maquiagem também.

Passo um batom vermelho e pronto.

É hora do vestido, ele é preto com uma fenda na lateral o caimento dele é lindo. Com esse brilho todo tenho certeza que estou sendo vista até de Marte, por último pego as lentes de contato que tenho guardada.

Tenho um pouco de dificuldade de me locomover com os sapatos.

— O que esse povo tem contra o tênis?

Viro o pé duas vezes antes de conseguir descer as escadas paro na sala e o Nicolai já está aqui.

— Vamos acabar logo com isso.

Ele se vira e me olhar de cima a baixo dá um sorriso que faz com que uma covinha apareça na lateral da sua bochecha e começa a ir em direção a porta.

— A propósito, você está linda.



Isabela Miller

Entro no carro com o Nicolai e na hora já fico sem graça lembrando de minutos atrás quando recebi o seu elogio.

As minhas mãos estão suando até demais, não quero acreditar que seja por estar com ele no mesmo ambiente não é não.

Limpo o suor que está se acumulando no vestido, fico brincando com ele tentando esquecer o seu cheiro que insiste em permanecer presente no ambiente. Um cheiro forte, não só do seu perfume, um cheiro só dele.

Ele não fala nada comigo, o que eu acho ótimo, o nervosismo só aumenta ainda mais quando sinto a sua mão próxima da minha. Ele entrelaça a sua mão na minha, nesse momento o meu coração começa a bater muito mais rápido e tento me soltar, o que o faz apertar ainda mais.

— O que você está fazendo?

— Segurando a sua mão.

Ele olha para mim como se fosse óbvio.

— Sei disso, quero saber por quê?

— Sua mão é muito delicada, sempre que olho para ela sinto uma necessidade de tocá-la.

— Você é a pessoa mais estranha que já conheci e olha que já fui na Comic Com muitas vezes.

— Comic Com?

— Você nunca ouviu falar da Comic Com?

— Eu tenho uma vida Isabela, não frequento esse tipo de lugar.

— Nossa você não sabe o que está perdendo, lá é perfeito.

Ele não responde então fico olhando para a rua lá fora, tantas vidas e tantas histórias. Gostaria de estar no meu país na minha vida, nunca imaginei que fosse gostar de ficar sozinha, mas vejo que estava errada em relação a isso.

O motorista para e o Nicolai sai, quando vou abrir a porta ela se abre sozinha para revelar ele do lado de fora estendendo a mão na minha direção.

A minha cara deve ser a mais estranha nesse momento, porque ele me dá um sorriso lindo, único. Depois pega na minha mão levando-me para a entrada do hotel todo iluminado e com vários fotógrafos presentes.

— Não pensei que seria um evento tão grande.

Ele me conduz para tirar várias fotos, nunca estive mais sem graça como agora. Percebendo o meu desconforto ele me puxa em sua direção e passa o braço pela lateral da minha cintura me aproximando ainda mais do seu corpo. Ele chega perto do meu ouvido e sussurra:

— Finja que somos somente eu e você aqui, Isabela.

Pronto, agora ferrou. Sinto a sua barba por fazer arranhar o meu pescoço e um pequeno calafrio se faz presente em mim agora.

— Vamos.

Vou com ele em direção ao hall de entrada. Passamos por lá e vamos em direção a uma porta. Ele continua a segurar a minha cintura firmemente.

— Pode me soltar agora?

— Não, eu gosto.

Fico sem resposta para ele e extremamente sem graça com a sua revelação, continuamos a andar.

O salão está todo decorado com fotos de crianças africanas, o meu coração se aperta em imaginar o que elas passam naquela pobreza extrema, por isso que faço o que faço, tento ajudar ao máximo.

O local está todo cheio de pessoas elegantes homens em seus ternos caros e mulheres em seus vestidos que com certeza devem valer um rim no mercado negro.

Andamos até chegar a uma das mesas espalhadas pelo local.

— Aqui é um local muito bonito.

— Tudo que é caro, é bonito.

— Se você está falando!

Ele puxa a cadeira para que me sente e se senta ao meu lado. Um homem beirando seus cinquenta anos se aproxima.

— Que bom que pode vir, Nicolai.

— Framdesco que bom te rever.

— Igualmente, bambino e essa linda jovem que é?

— Essa é Isabella Miller. — Ele olha para mim e dá um sorriso. —

Ela é uma amiga.

— Prazer, minha jovem, você é muito bella igual o seu nome.

Levanto-me e cumprimento ele.

— O prazer é meu, senhor...

— Framdesco, só Framdesco.

Apenas balanço a cabeça concordando com ele.

— Qualquer coisa que precise, só me procurar.

O Nicolai se despede dele e sentamos de novo vejo uma mesa logo à

nossa frente e aquela mesma mulher do restaurante está sentada com um casal mais velho.

— É Nicolai você está meio ferrado, a sua ex está bem ali.

— Ela não é minha ex é apenas uma das mulheres que trepei quando tive vontade, e ela sabe disso.

— Não me parece que ela saiba disso.

Ele não responde, apenas fica olhando para mim daquele mesmo jeito de antes.

— Está com ciúmes, Isabela? — Sua voz sai ainda mais rouca

— Para de me chamar desse jeito.

— Esse é seu nome, não é?

— O jeito que você pronuncia o meu nome, e o seu tom de voz.

— O meu tom de voz é normal, você que se sente atraída por mim por isso você vê a diferença.

— Continue sonhando, Nicolai.

— Só se for com você, ele chega mais perto e encosta o seu nariz na lateral do meu pescoço. — Você tem um cheiro muito bom.

O mesmo arrepio de antes, só que mais forte agora.

— Você é louco, olha onde estamos para com isso.

— Que todos aqui vão para o inferno, não estou preocupado com eles.

Chega um garçom até a nossa mesa e nos serve duas taças de champanhe e umas coisinhas que tenho quase certeza que sejam canapés. Sirvo-me com uns quatro de uma vez.

— Tinha até me esquecido que você gosta de comer.

— Tenho que aproveitar já que você não tem comida em casa.

Ele levanta uma sobrancelha e não fala nada. Continuo a comer e beber o champanhe até que tem um gosto bom, quando vou pegar mais uma

taça o Nicolai me impede.

— Isso não é suco. Isabela se controle. Você já é insuportável, imagina bêbada.

— Falou o doce em pessoa.

— Vem dançar comigo e cale essa boca.

— Eu não sei dançar.

— Não lembro ter perguntado se você sabe.

Ele se levanta e me puxa com ele em direção ao salão, que já tinha vários casais dançando uma música melosa pra caralho.

Ele me conduz até o meio e coloca uma mão na minha cintura e com a outra segura firmemente a minha mão.

Começamos a nos movimentar lentamente ao som de uma orquestra, ele se aproxima do meu ouvido e fala.

— Respondendo a sua pergunta de mais cedo, estou louco sim, louco para beijar a sua boca.



Isabela Miller

— Para com isso, Nicolai, você pensa que é engraçado brincar com as pessoas desse jeito.

Ele segura no meu rosto e começa a acariciá-lo, tento retirar a sua mão, mas ele não deixa.

— Eu não estou brincando com você, Isabela. Somos dois adultos, eu não estou apaixonado por você, mas isso não significa que não possamos aproveitar o tempo que estamos juntos.

— Aproveitar?

Não consigo tirar o tom de sarcasmo na minha voz.

— Isso... aproveitar. eu te acho uma garota linda, para falar a verdade. Você me irrita ainda, mas isso não impede que possamos fazer sexo. Sinta como o meu pau fica duro quando estou com você.

— O único pau que vai ter entre nós, vai ser o que vou bater nessa sua cabeça sem noção. Você pensa que é quem? Hein! Você é a pessoa mais

imbecil que já tive o desprazer de conhecer.

Saio de perto dele o mais rápido possível e vou à procura de um banheiro, depois de perguntar a uma moça, o encontro.

Tranco-me em uma cabine e tento respirar melhor. Puxo mais ar para os meus pulmões, devagar, uma, duas, três vezes.

— Se acalma, se acalma, você consegue...

Depois de uns cinco minutos consigo respirar normalmente. Saio da cabine e paro em frente ao espelho, me olho e vejo que o meu cabelo já está todo bagunçado, então retiro os grampos e o deixo solto.

Quando vou sair, alguém entra pela porta e a tranca.

O Nicolai vem em minha direção e me empurra contra o espelho.

— Nunca mais me deixe falando sozinho de novo. — Ele pega no meu braço e começa a apertá-lo. — Está me entendendo?

Tento retirar a sua mão, mas não consigo.

— Me solta, Nicolai... — falo entredentes.

— Cala essa boca, porra.

— Ou o quê? Vai me bater aqui na frente de todos? Duvido.

Ele começa a sorrir para mim na hora.

— Você acha mesmo que alguém aqui vai fazer algo em relação a você se eu acidentalmente quebrar o seu braço? Você não faz ideia do que posso fazer ou não. Quando eu falar, cale essa merda de boca, você cala.

— É até engraçado você pensar que tem esse poder sobre mim. Você se engana em relação a isso. Nunca vou te obedecer não importa o que fale ou faça.

— Esse showzinho todo só porque quero trepar com você. Cresce garota, até parece que nunca fez sexo na vida.

A minha cara deve ter respondido a sua pergunta, porque ele começa a rir de mim na hora. Tento me soltar mais uma vez.

— Ah! Que bonitinho. Sério, você é virgem? — Ele pega no meu rosto mais uma vez. — Não se, preocupe te ensino tudo, basta falar que sim. Vou adorar ser o primeiro.

— Vá para o inferno.

— Do jeito que é irritante não vai demorar, para que isso aconteça. Não pense demais sobre o que é certo ou não, às vezes devemos fazer uma loucura, vamos o leilão já vai começar.



Isabela Miller

— Você é a reencarnação do demônio mesmo, não tem nada a ver eu beber mais uma taça de champanhe.

— Se você está com sede é só beber água.

— Pega essa água e enfie no seu cu.

— Você não é virgem, Isabela? Já está querendo dar o seu cu, que coisa feia.

— Vá para o inferno você é o seu sarcasmo.

Vou te matar. Nicolai insuportável idiota. Ah! Que raiva desse homem, meu Deus, queria fazer picadinho de cada parte do seu corpo, esse maldito. Continuo a comer já que não posso beber, infeliz desgraçado. Estou já entediada com essa droga que não começa.

Oh! Povo cheio de mimimi.

— Nicolai, dance comigo essa música?

A piranha ruiva está agora na nossa mesa, fico observando a

conversa.

— É Nicolai, dança com ela.

Ele me olha com tanta raiva, que penso que se pudesse, estaria me matando agora mesmo. Dou o maior sorriso irônico em resposta.

— Não estou a fim procure outro.

— Nossa, Nicolai deixar de ser chato, só uma dança.

— É Nicolai, só uma dança.

— Qual é o seu problema, Isabela? Por que está me empurrando para ela? O que está tramando?

— Eu nada, você que é paranoico, é só uma dança.

— Estou de olho em você garota — fala já se levantando.

Dou graças a Deus que estou sozinha agora. Pego mais uma taça de champanhe e a viro de uma vez isso é muito bom.

Oh, delícia!

Pego mais uma só e quando vou virar chega uma garota loira, com olhos de um azul perfeito. Ela se senta na minha mesa e cruza as suas pernas extremamente longas em seu vestido rosa bebê.

Olha-me de cima a baixo e dá um sorriso para mim.

— Então você é a nova puta do Nicolai.

Mais uma rejeitada, mereço.

— Estou sabendo não, sou?

Levanto uma sobrancelha igual o Nicolai.

— Se está vivendo no apartamento, igual à Rebeca antes, sim, você é.

— Eu lá tenho culpa dele ser um safado. Resolve com ele garota.

— Pode ficar tranquila daqui a dois meses resolvo com ele.

— Por que daqui a dois meses?

— Ah! Desculpa por não me apresentar, sou Valentina Mancini. —

Ela olha para mim com um ar de superioridade, — Noiva do Nicolai.

Fiquei até abalada por ele ter uma noiva, mas isso não é o motivo da minha boca aberta e sim pelo sobrenome Mancini. Mais que inferno Mancini é o sobrenome da mulher que está com o dinheiro do imbecil do Nicolai.

— O que você é de Verônica Mancini?

— Ela é minha mãe por quê?

Vai dar merda, vai dar merda das grandes.

— Eu já ouvi falar dela aqui na festa — minto.

— É normal, já que foi ela que a organizou.

— Lógico.

— Ah! Pode aproveitar o tempo com ele. Daqui a dois meses ele será todo meu.

Ela sai da minha mesa e some entre os convidados.

Agora o que faço? Conto para ele que a futura sogra o roubou ou não?

Pensando bem se eu contar, nunca vou saber o porquê dela ter me envolvido nessa merda, droga. Preciso saber primeiro, depois conto para ele.

Bebo mais uma taça e decido andar um pouco e ver se descubro algo sobre essa mulher.

Levanto-me e sinto uma leve tontura e parece que subestimei o teor alcoólico do champanhe.

Passo pelas mesas e vou em direção a exposição de fotos e no caminho pego mais dois canapés e enfio na boca.

Levo um susto quando alguém pega no meu braço e sai me arrastando em meio das pessoas.

— Olha a vergonha. Nicolai para com isso.

Ele não responde só continua a me levar com ele de novo para a mesa.

— Você tem algum problema, Isabela? Em qual momento falei que poderia sair da mesa?

— Desde quando eu preciso te avisar de algo, você não é nada meu.

— Porque posso. Então se comporte, já matei pessoas por muito menos.

— Não tenho culpa se você é um psicopata sádico.

— Você terá, quando estiver se engasgando com o seu próprio sangue.

Não respondo apenas contínuo o encarando com ódio extremo, pego mais um docinho e como.

Uma mulher beirando aos seus quarenta anos sobe no palco com sua elegância ao extremo.

— Boa noite, como vocês sabem esse é o décimo ano seguinte que realismo essa festa para arrecadar fundos para instituições de caridade pelo mundo. Esse ano foi escolhido por nós a África para ajudar principalmente as crianças que lá vivem. Então vamos lá, que comecem os lances. Agora fiquem com Tomás ele vai ser o nosso leiloeiro dessa noite.

Um homem mais velho sobe ao palco e começa seu trabalho.

Viro-me para o Nicolai que está prestando atenção em cada movimento nela.

— Nicolai, quem era aquela mulher que estava no palco?

— Para que você quer saber?

— Só curiosidade.

Ele olha para mim desconfiado, mas responde.

— Aquela é Verônica Mancini.

Já imaginava ser ela.

— Sua futura sogra.

Ele se aproxima de mim e pega no meu braço começando a apertá-lo de novo.

— Qual é o seu problema com braços hem?

— Me controlo para não pegar a minha arma e acertar a sua testa.

— Ok então, foi sua futura esposa que veio até aqui me falar e já ia me esquecendo parabéns.

— O que mais aquela idiota falou?

— O básico sabe, que vão se casar e que é para eu aproveitar bastante de você porque daqui a dois meses será todo dela.

— Quanta inocência ela pensa que irei ficar somente com ela quando casarmos.

— A esperança é a última que morre, né. Ela afinal não tem culpa de ser exatamente com você.

— Você está com a língua mais solta do que o normal, você bebeu não foi?

— Não, você falou para não beber, obedeco.

— Às vezes, fico imaginando como seria arrancar essa sua língua?

— Tá bom, até parece que seja só isso, o que você imagina fazendo com a minha língua.

Merda, falei em voz alta. Nunca mais bebo.

— Nicolai? — Viro-me na mesma hora que ele.

O Nicolai se levanta e lógico me levanto também. Tem um homem agora na minha frente beirando seus cinquenta anos, seu cabelo branco, mas que um dia já foram loiros, seus olhos de um azul muito bonito e marcas de expressão aparentes.

Ele olha para mim de cima a baixo, essa mania chata de olhar para as pessoas assim, mas algo em sua expressão não me agrada em nada.

— Te conheço de algum lugar, senhorita?

— Que eu saiba não, por quê?

— Devo ter me confundido deixa, você me lembra alguém.

Quando ia perguntar quem, o Nicolai me interrompe.

— Isabela esse é Esteves Mancini.

O marido da mulher que o roubou e seu futuro sogro.

— Prazer senhor, me chamo Isabella Miller e sem ser chata, mas quem eu te faço lembrar?

Talvez seja alguma pista, o Nicolai agora está me observando atentamente.

— Ah! Você me faz lembrar, da minha antiga mulher.

— Ela está aqui? Gostaria de conhecê-la.

— Impossível ela morreu já faz anos.



Isabela Miller

— Sinto muito pela sua perda.

— Já faz muito tempo, mas obrigada mesmo assim.

— Você quer alguma coisa, Esteves?

— Você está nos devendo uma visita, Nicolai já está na hora do jantar de apresentação do seu noivado, com a minha filha.

Ele chega mais perto dele.

— Não estou te devendo nada, já vou me casar com a sua filha daqui a dois meses, peça a sua esposa para preparar tudo e me avise qual será a data do casamento e pronto.

— Não é bem assim, a nossa cultura fala que temos de fazer uma cerimônia antes para apresentar o casal à sociedade.

— Sou o chefe da máfia italiana e estou dizendo que é assim que vai ser porra e pronto, já falei não vou repetir.

— Farei o que deseja. Obrigado pelo tempo.

Ele se retira.

— Você é um mal-educado mesmo.

— Você não se meta no que não é da sua conta, você já me irritou demais essa noite.

— Mal-educado.

— O que você falou?

— Nada não.

Ele levanta uma sobrancelha e continua digitando no seu celular.

— O Nicolai você bem que poderia tomar vergonha na cara e comprar algumas coisas para sua casa.

— Lá tem tudo que preciso.

— Bem é que você esqueceu que agora vivo lá também, então devolva o meu cartão de crédito que eu mesma compro.

— Você está falando de comida?

— Do que mais seria?

— Vou pedir para resolver isso, talvez assim você fique com a boca fechada, pelo menos com isso.

— Até que fim.

— Você é muito folgada, garota.

— E você é idiota, e aí.

— Ocupe então a boca com comida, talvez assim você consiga ficar com ela fechada.

— Pego mesmo.

Continuo a comer como se não houvesse amanhã.

O Nicolai sai um pouco da mesa e começa a conversa com várias pessoas. Me deixa aqui aproveito e bebo mais uma taça de champanhe. É melhor não beber mais, já estou um pouco zonza.

Já tem quase trinta minutos que o infeliz saiu e a minha bexiga já está quase estourando de tão apertada que está.

— Que se foda vou ao banheiro.

Levanto-me e vou em direção ao banheiro até apertando uma perna na outra, de tanta vontade que estou de fazer xixi. Abro a porta e tem umas três mulheres lá dentro mexendo em suas maquiagens, corro literalmente e entro na cabine.

Alívio, essa é a palavra que me define agora. Saio e não tem ninguém mais aqui.

Quando vou sair alguém entra, pensei que fosse o Nicolai, mas não é. É um homem com uma pequena cicatriz no olho direito. Ele me olha e só consigo sentir medo.

— Oi! Moço aqui e o banheiro feminino.

— Sei.

— Se você sabe, o que o senhor está fazendo aqui?

— Estava te procurando.

— Você me conhece?

Ele chega mais perto e pega o meu braço tento retirá-lo na mesma hora.

— Solta o meu braço agora, você ficou maluco?

— A ordem dela foi de te matar, mas acho que vou aproveitar primeiro.

— Ordem?

— Parece que tem alguém que te odeia bastante, mas te conhecendo agora entendo.

— Para com isso me solta agora!

Começo me debater contra ele, o desgraçado pega no meu pescoço. Começa a apertar com força, dou um chute em sua barriga e ele acaba me soltando. Aproveito e corro em direção a porta. Quando vou tocar a maçaneta, sinto ele pegar no meu cabelo, o puxando para trás tento me

equilibrar, mas não consigo acabo caindo

Ele vem para cima de mim e dá um tapa no meu rosto que se vira no processo. A essa hora já estou chorando e gritando por socorro. Tento sair debaixo dele, mas não consigo. Ele prende as minhas mãos para cima e segura as minhas pernas com o peso do seu corpo.

— Por favor, para.

— Calma você vai gostar.

— VOU GOSTAR O CARANHO, ME SOLTA DESGRAÇADO INFELIZ.

Ele começa a tentar retirar o meu vestido rasgando-o no meio. Coloco toda a força no braço e consigo soltar um e enfio o dedo no seu olho direito com toda a força que tenho.

— Vadia.

Aproveito que ele me soltou para segurar o olho machucado e levanto a perna acertando um chute nas suas partes íntimas. O grito de dor que ele dá é alto e esganiçado. Saio de baixo dele com dificuldade e me arrasto em direção a cabine e a uso para consegui levantar. Uma dor começa no meu quadril, acabo tendo dificuldade para chegar perto da porta, essa se abre.

— O que aconteceu aqui?

Chego um pouco mais perto, mas paro quando sinto uma fisgada, respiro mais devagar tentando não desabar na sua frente.

— Ele veio me matar, mas como você pode ver não conseguiu.

— Levem e o preparem, logo chego lá.

Os dois entram no banheiro e retiram o cara do chão levando-o dali.

— Toma.

Fala retirado o blazer e me entrega, coloco por cima do que um dia foi um vestido quando vou passar por ele quase que caio. Ele é mais rápido e acaba me pegando antes que eu caísse no chão.

Sem mais nem menos ele passa o braço por debaixo das minhas pernas levantando-me acabo encostando a cabeça no seu peito e sentindo o seu cheiro.

— Isso tudo aconteceu por não ter me obedecido, você está horrível.

— Na próxima vez faço xixi no salão.



Isabela Miller

Sáímos do salão de festa e fomos para trás do hotel. Nicolai disse que ninguém poderia ver-me nesse estado deplorável o que eu tinha que admitir que ele está certo. O meu rosto estava ardendo.

Ele me leva até o carro ali parado entro e me sento com um pouco de dificuldade ele faz o mesmo.

— Podemos passar em uma farmácia?

— Não.

— Não?

— Você é surda? Falei não.

— Não sei se você percebeu, mas não estou conseguindo nem andar direito.

— Ótimo talvez assim fique quieta no seu quarto.

Viro-me em direção ao vidro da janela e respiro profundamente três vezes, calma, calma, Isabela, você consegue.

Quando olho para ele, o infeliz está sorrindo para mim.

— Vou te matar, Ni-co-laiiiii.

Avanço para cima dele com tanta raiva que a minha visão até escurece, o ódio me domina que esqueço de tudo nesse momento.

Ele até tenta se defender, mas já tinha fechado a minha mão em punho, acerto um soco bem na lateral da sua boca.

Nem eu e muito menos ele parece estar acreditando no que acaba de acontecer, nesse momento começo a tremer na hora. Ele coloca a mão na lateral do seu lábio superior e a olha está suja de sangue.

Viro-me para porta e começo a tentar abrir lá desesperadamente não consigo e me viro para ele, que continua com a mesma expressão no rosto.

— Eu, eu... não queria fazer isso, desculpa por favor.

A expressão no seu rosto se transforma em ódio e espero seu ataque de fúria.

— Por favor, por favor não faz nada.

Ele chega mais perto de mim e levanta o meu rosto.

— Isabela em algum momento você pensou que sou idiota? — A lerda aqui o que faz, começa a balançar a cabeça concordando com ele.

— Quer dizer claro que não, que isso, você é muito inteligente.

— Sabe Isabela, o seu erro é pensar que é mais inteligente do que os outros.

Agora não estou conseguindo entender mais nada.

Ele começa a rir de mim de novo.

— Sabia que te levei para esse leilão só para ver como você se comportava. — Não falo nada e ele continua. — Reparei no seu interesse em saber sobre a minha noiva e a família dela.

— Curiosidade.

Ele aperta o meu pescoço.

— Também achei, mas logo percebi que você não estava curiosa e sim, estava investigando tudo em relação a eles. Então vai me falar o porquê?

Ele solta o meu pescoço e respiro normalmente de novo.

— Não tem nada para falar, era curiosidade em saber quem é a pobre coitada que irá casar com você.

Ele encosta ainda mais no banco do carro.

— Eu irei saber a verdade não se esqueça disso, te dei a chance de me falar e você recusou. Já tenho uma ideia do que seja. Você só esqueceu um pequeno detalhe, depois irei ter uma conversa com o homem que te atacou no banheiro. Escute bem o que vou te falar agora, irei tirar tudo o que ele sabe e quem foi que mandou te matar só não fale depois que eu não te avisei.

— Não tem nada para falar.

— Para o seu bem, espero que sim.

— Não vamos passar na farmácia?

— Para quê? Você está ótima até arrancou sangue de mim você não precisa de remédio e sim de um hospício.

Depois de uns quinze minutos chegamos ao apartamento. Sento-me no sofá com um pouco de dificuldade. Nicolai fica em pé e pega uma dose de uísque e bebe de uma só vez. Não quero nem olhar para ele, a única coisa que quero. Espero que aquele cara não fale nada porque tenho certeza que se ele falar algo em relação a sogra do Nicolai e ele descobre que eu sabia de tudo ele me mataria com certeza.

— O que foi porque está me olhando desse jeito?

— Você parece preocupada, consciência pesada?

— Pode ficar tranquilo ela está super limpa.

— Não é o que parece e só me falar a verdade que você vai sair com todos os seus membros intactos.

— Que droga de achar, que estou escondendo algo.

— Não acho tenho certeza disso.

— Tem, então fala o que é?

— Você Isabela desde que chegou aqui só me aborreceu sem para, e irritante chata, mania de grandeza e lógico insuportável.

— Procura, tenho certeza que deve haver mais. — Ele se senta do meu lado e começa a me encarar.

— Para de ficar me olhando desse jeito.

— Sabe o que eu queria agora?

— Sou médium, por acaso?

— Queria te levar para o meu quarto e te fazer pagar pelo soco que me deu. Você não imagina a vontade que estou agora para fazer uso de sua língua, como me fez entender mais cedo.

— Sonha, continua sonhando com isso.

— Posso fazer virar realidade.

— Só por cima do meu cadáver.

Sem esperar a resposta. Ele me levanta, olha bem dentro dos meus olhos e cola os seus lábios nos meus.



Isabela Miller

Minhas pernas estão bambas, ele segura minha nuca aproximando ao máximo a sua boca da minha com a outra mão ele aproxima o seu corpo do meu. A sensação que estou sentindo agora é uma mistura de não estar acreditando no que estava acontecendo e um calor que está espalhado por todo o meu corpo.

Ele começa a acariciar a minha cintura e o calor da sua mão se espalha ainda mais. Não é um beijo carinhoso, é um beijo sedento de luxúria e desejo. Ele chupa o meu lábio superior para logo em seguida dá pequenas mordidas, era uma mistura de desejo e uma pequena sensação de dor ao mesmo tempo. Quando ele tira o blazer dele que ainda estava comigo, o frio do ar condicionado faz com que todos os pelos do meu corpo se arrepiarem na hora.

Os beijos que ele estava dando na minha boca começam a ser espalhados pelo meu rosto. Ele se aproxima do lóbulo da minha orelha e dá

uma pequena mordida ali e apertou ainda mais a minha cintura tenho certeza que ficará a marca amanhã de manhã. Jogo a minha cabeça para trás para dar mais acesso a ele o que entende na hora. Ele começa a distribuir beijos nesse local depois vai descendo até o meu ombro retirado a alça do resto do vestido.

Ele faz esse mesmo processo do outro lado, o vestido cai ao redor dos meus pés.

Nicolai não perde tempo me coloca no sofá para logo em seguida continuar a distribuir beijos pelo meu pescoço . Retira o sutiã preto de renda que estou usando, nessa hora a vergonha me domina, tento tampar. Ele me impede colocando meus dois braços para cima e começa a chupar o meu seio a sensação de prazer faz com que eu levante ainda mais as costas.

Um prazer incrível começa a se formar no meu corpo começando nas pontas dos meus dedos do pé.

Ele belisca o bico do meu seio esquerdo, para logo em seguida chupá-lo com mais força causando uma ardência no local, faz o mesmo processo no outro

Ele solta as minhas mãos aproveito e puxo a sua cabeça, para dar mais um beijo, ele corresponde na mesma intensidade, mas sem tirar a mão do meu seio apertando e puxando o seu bico já duro.

Dou um pequeno grito, que é silenciado pela sua boca. Ele vai descendo a sua mão até encontrar a barra da minha calcinha travo as pernas com medo do que ele vá fazer.

Ele para o que está fazendo e olha para mim.

— Você não quer?

Observo-o atentamente, meu rosto nesse momento deve estar parecendo um tomate.

— Eu não tenho certeza.

—Ok! Então podemos aproveitar um pouco. Não precisa ter penetração. Só se você quiser.

Não consigo responder com palavras, apenas balanço a cabeça concordando com ele.

O que o leva a avançar em direção a minha boca me dando mais um beijo de tirar o fôlego.

Posso estar errada em relação a estar fazendo isso tudo mais sempre tive medo de me envolver com alguém, sei também o que sou para ele, uma coisa passageira, mas tem algo nele que me atrai, não sei o que é. Mas ao mesmo tempo quero matá-lo também quero beijar essa boca gostosa que ele tem.

— Se vamos nos agarrar, que seja em um local mais confortável.

Ele não espera a resposta apenas passar a mão abaixo das minhas pernas e ergue, passo o braço pelo seu pescoço e encosto o rosto no seu peito sentindo o seu cheiro.

Ele me leva para o seu quarto e me coloca em sua cama com uma delicadeza que pensei que nunca fosse presenciar.

— Você é muito linda.

Fala observando cada parte do meu corpo e começa a desabotoar a sua blusa social preta revelando um corpo perfeito por debaixo. Ele retira a calça e fica só de cueca.

Vem para cima de mim, distribuindo beijos pelos meus seios e a mesma sensação de calor se intensifica ainda mais. Parece que estou queimando de dentro para fora um calor que aumentar a cada toque que ele me dá.

Vai dando beijos do meu pescoço até a minha barriga, parando na barra da minha calcinha. Olhar-me como se me pedisse permissão balanço a cabeça e ele a tira em um único puxão me deixando totalmente nua em sua

cama.

Abre as minhas pernas me deixando totalmente vulnerável.

— Você não imagina a vontade que eu estava de te chupar todinha.

Agora ferrou... as suas palavras me levam para um lugar que nunca estive, um lugar de pura luxúria e desejo, que jamais senti em toda a minha vida.

Ele coloca a sua mão na minha boceta, passando o dedo na minha entrada já toda molhada de prazer.

— Você vê, Isabella, — fala me mostrando o seu dedo todo molhado.
— O quanto está gostando o que estou fazendo com você.

Não respondo e ele continua a sua exploração passando o seu dedo em movimentos circulares no meu clitóris já inchado. Nessa hora já estou me contorcendo toda, um prazer fenomenal que estou sentindo agora. De uma hora para outra ele começa a passa a língua na minha entrada me deixando louca.

Estou já sem forças nas mãos de tanto que estou apertando o seu lençol, ele me chupa passando a sua língua no meu clitóris sem deixar de apertar o meu seio ao mesmo tempo.

— Eu não aguento mais.

Isso faz com que ele intensifique ainda mais, me chupando e apertando o meu seio com mais força. Uma corrente elétrica se forma nos meus dedos do pé e vai indo aos poucos até onde a sua língua está. Começo a debater-me com suas investidas, ainda sinto pequenos espasmos de prazer.

Ele vem para cima de mim e continua a me beijar.

— O seu gosto é ainda melhor do que imaginei, adorei fazer você gozar em minha boca.

— Quero.

Ele fica me observando desconfiado

— Tem certeza? Você sabe que não haverá nada mais do que sexo entre nós.

— Sei.

— Mesmo assim você quer?

— Sim.

— Ok.

Ele se levanta e retira a sua cueca, o seu membro já apontando para cima. Ele olha para mim.

— Vê o que você faz comigo?

Observo o seu pau já ereto em toda a sua glória com veias por todo o seu comprimento.

Ele vem para cima de mim e continua a me beijar com mais intensidade apertar a minha cintura firmemente e se esfrega em mim, passando o seu pênis na minha entrada esfregando a cabeça da seu pau em meu clitóris.

Pega uma camisinha e a coloca chegar perto do meu rosto e me dar um beijo.

— Tem certeza?

— Para de ficar perguntando, daqui a pouco me arrependo.

Em uma única estocada ele me penetra, se colocando todo dentro de mim, uma dor horrível e o que estou sentindo agora.

Eu o aperto com toda a força que tenho, com certeza que deve ficar as marcas das minhas unhas no seu ombro.

Meu coração se acelera ainda mais, encosto a minha cabeça no seu peito tentando controlar as lágrimas que se formaram em meus olhos.

— Desculpa, achei melhor ir de uma vez para não prolongar o seu desconforto, se você quiser, posso para agora.

— Quero continuar, só espera me acostumar com você.

— Ok.

Tento me mover um pouco e consigo e seguro com as duas mãos na lateral do seu rosto, o que o leva a me olhar ao mesmo tempo, desconfiado e com algo a mais.

Encosto a minha boca na dele o beijando, ele corresponde e começa a se mover em um vai e vem lento no começo, mas vai se intensificando em um movimento muito rápido respiro com dificuldade com as suas investidas suor se formar entre nós dois.

Sinto um pouco de dor principalmente no meu quadril quando ele o segura firme fazendo com que as minhas pernas fiquem ao redor da cintura.

Nessa posição sinto-o por inteiro dentro de mim e cada estocada era mais forte e rápida que a outra.

Começo a sentir o orgasmo vindo e me aperto ainda mais nele gritando o seu nome, ele vem logo em seguida gozando e caindo em cima de mim.

Surreal, essa é a palavra que descreve o que acabou de acontecer entre nós. A nossa respiração está acelerada, ele se retirar de dentro de mim e sinto um desconforto com seu movimento.

Ele encosta-se à cabeceira da sua cama, faço o mesmo o meu corpo está totalmente esgotado estou sentindo uma ardência no meio das minhas pernas e o meu quadril que começou a doer de novo.

— Está sentindo alguma dor?

— A que está mais me incomodando e o quadril.

— Vou mandar um dos meus soldados comprar algo para você.

Ele me olha de cima a baixo, de novo vem em minha direção retira uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Para o que quero fazer com você, deverá estar cem por cento.

Ele se levanta e se vira para mim.

— Que tomar banho comigo?

— Acho melhor não, o quadril — falo mostrando.

Ele não responde apenas entra no banheiro e fecha a porta quando ouço o barulho do chuveiro ligado me levanto com dificuldade.

— Porra, isso está ardendo para caralho.

Saio do seu quarto e vou para o meu fecho a porta e entro debaixo do chuveiro.

— Será que fiz certo em ter feito sexo com ele?



Nicolai Pezzino

Acabo de tomar um banho, saio do banheiro pronto para terminar a sessão de sexo que tive com a Isabela mais cedo.

Tenho que admitir não esperava ter gostado tanto de trepar com uma garota que me irrita ao extremo. Nunca tive tanta vontade de matar e, ao mesmo tempo, jogá-la na cama e foder de todas as formas possíveis.

Ela provoca e me tira do sério com sua língua afiada, mas tenho que admitir, gostei de ter sido o primeiro dela. Isso é revigorante saber que ninguém a não ser eu, estive no meio das suas pernas.

Pego o meu celular e mando uma mensagem para o meu soldado mandando comprar o remédio para ela.

Entro no quarto esperando encontrá-la na minha cama, mas ela não está.

Abro a porta do seu quarto e a encontro enrolada em um lençol branco dormindo tranquilamente, o que me desarma imediatamente.

Ela está segurando o travesseiro como se fosse uma tábua de

salvação, o seu cabelo loiro esparramado em camadas como ouro líquido.

Com mais uma de suas roupas ridículas chamando mais atenção, do que um cone de sinalização.

Chego mais perto para poder observar melhor a sua respiração lenta, ela dorme como se nada a pudesse atingir. Como se não tivesse preocupação, ela não sabe, mas o próprio demônio dorme no quarto ao lado.

Pego uma mecha de cabelo e a levo ao nariz cheirando o seu perfume, uma mistura de baunilha e rosas me invade o que faz me lembrar do sabor único dos seus beijos.

— Durma minha gatinha selvagem, pois agora irei descobrir se você mentiu para mim como tenho quase certeza, resta saber por quê?

Levanto-me, mas antes de sair do seu quarto a observo mais uma vez, já imaginando como será o nosso próximo encontro.

Me visto como sempre, desço as escadas e mando uma mensagem para o Paollo avisando para me encontrar no galpão onde o infeliz que a atacou estará e em menos de dois minutos tenho sua confirmação.

Não posso deixar de sorrir em imaginar a diversão que terei logo.

Entro no meu carro e o meu motorista já está me esperando.

— Desculpe a indelicadeza, senhor, mas você está mais feliz do que o normal.

Olho para o meu motorista a minha frente me observando atentamente.

— Tive uma ótima noite de sexo.

— Parece que foi boa mesmo, faz tempo que não o vejo desse jeito.

— Foi realmente muito boa mesmo.

Não falamos mais nada e em menos de vinte minutos chegamos ao galpão.

Eles já estavam me esperando, lá dentro os meus soldados já deram uma boa surra nele.

Retiro o meu blazer e o coloco em uma cadeira perto da mesa, depois a gravata e em seguida me aproximo dele, o seu olho direito está tão inchado que o desgraçado nem consegue abrir.

— Vamos ter uma conversa.

Ele me olha e começa a sorrir para mim.

— Nicolai Pezzino em pessoa, quanta honra. Isso tudo pela sua nova vagabunda?

— Não, isso tudo por você ter a audácia de tentar matar alguém protegido por mim.

Viro-me e pego o meu alicate, chego bem perto dele passando na lateral da sua bochecha.

— Quem te mandou?

— Pode fazer o que você quiser nunca falarei nada.

— Acredite todos falam isso no começo.

Pego o seu dedo indicador encosto o meu alicate na sua base e pressiono com força vejo o seu dedo cai no chão o que faz um sorriso surgir em meu rosto.

Continuo a arrancar dedo por dedo deixando somente um em uma mão.

Já estou aqui a uma hora e o infeliz ainda não falou nada.

— Decidiu falar?

Ele cospe sangue, mas ainda continua com um sorriso no rosto, mesmo sem a metade dos seus dentes.

— Não.

Pego a faca e faço vários cortes um mais profundo que o outro. Os seus gritos se intensificam. O sangue continua a sair, mais e mais.

Ainda continua a aguentar firme, confesso que estou adorando passar essa madrugada com ele.

Agora ele está totalmente nu na minha frente.

— Tem certeza que não vai falar quem te mandou

— Desgraçado.

Pego minha belezinha, a minha faca militar e aproximo do seu pau.

— Não... Por favor, não.

Ele começa a gritar ainda mais quando aproximo a faca.

— Então fale.

— Foi ela, ela mandou.

— Ela quem, desgraçado?

Ele começa a sorrir de novo.

— Vou morrer de qualquer jeito, vou leva-la comigo.

Ele se contorce de rir.

— Foi a sua futura sogra.

— O quê? Qual é o interesse dela em matar a Isabela?

Isso não faz sentido.

— Aí você tem que descobrir, você não é o todo-poderoso Nicolai Pezzino, chefe da máfia italiana?

— Isabela sabia disso?

— Ela não sabia quem foi, mas sabia que era uma mulher que queria a ver morta.

Pego minha arma e disparo duas vezes na sua cabeça.

Isso está ficando cada vez melhor.

— O que você vai fazer, Nicolai?

— Coloque soldados para vigiar cada passo que todos da família Mancini der, de hoje em diante quero saber de tudo.

— Ok, a Isabela conseguiu descobrir algo sobre o dinheiro?

— Ainda nada.

— E mesmo assim, você continuará com ela?

— Claro, ela está me sendo muito útil.

— Conseguiu, levá-la para a cama?

— Você tinha alguma dúvida sobre isso?

— Nenhuma, imaginei. ela é uma moça muito bonita talvez esse seja o motivo da sua futura sogra ter mandado matar ela.

— Pode ser, mas tem algo a mais nessa história e descobrirei.

— Qualquer novidade eu entro em contato com você.

— Ok.

Agora vou para o meu apartamento, afinal tem alguém que quero muito acordar.



Isabela Miller

Fico na cama, mesmo estando acordada há uns vinte minutos, não consigo dormir direito. Cenas da noite ficam passando na minha cabeça sem parar, poderia ser culpa da bebida, mas eu estava sóbria o bastante para saber o que estava fazendo.

Tem uma batalha acontecendo dentro de mim, uma parte gostaria de continuar a manter relação com ele e a outra fala para que eu fuja para o mais rápido possível. Pela primeira vez na minha vida, não sei o que fazer.

Meu Deus, me ajuda a decidir!

Olho o relógio e já são quatro da manhã. Decido levantar e procurar algo para comer. Espero que ele tenha cumprido com a sua palavra e tenha deixado comida nesse apartamento.

Saio do quarto, a minha parte íntima não está ajudando, as pessoas falam que é um desconforto. Desconforto é o escambau, está e ardendo para caralho, o tanto que está sensível e um pouco machucado.

Vou para a cozinha e procuro. Ela está totalmente cheia, nunca estive tão feliz. Pego um prato e coloco um pedaço de bolo, um copo de suco e duas maçãs e saio dali, voltando para o meu quarto.

Sento-me na cama e pego o meu notebook. Achei muito suspeito aquela mulher fazer boas ações, logo ela que roubou do próprio genro.

Entro na conta da ONG que ela é benfeitora e descubro que a vaca nunca mandou um mísero tostão para lá.

— Como uma pessoa pode não prestar a esse ponto, roubar até de crianças? — Balanço a cabeça inconformada.

Pego toda a quantia que foi arrecadada e mando para a instituição a quem pertence.

Ela achou mesmo que iria ficar com esse dinheiro? Triste engano. Termino de comer e continuo a hackear a sua conta. Tento achar algo que me indique o porquê de ter me colocado no meio dessa confusão.

Fico até às cinco e meia, e nada.

— Droga, droga, droga! Mil vezes droga! Tem que ter algo, tem que ter um por quê.

Levo um susto quando alguém abre a porta.

Viro-me e vejo-o parado me observando. É impossível não se lembrar de seus beijos e de suas carícias. Do sabor único dos seus lábios. Só de imaginar começo a ficar ainda mais quente.

— Perdeu o sono, Isabela?

— Sim e também estava com fome, então fui fazer um lanche.

Ele entra e se senta do meu lado, não posso controlar os batimentos do meu coração que a esse, momento já está disparado com sua presença.

— Você quer alguma coisa?

Ele acaricia a minha mão e vai subindo até o meu pescoço.

— Sim.

— O quê?

— Você.

Ele me empurra contra a cama e sela nossos lábios em um beijo.

Coloco a minha mão no seu pescoço e vou subindo sentindo a maciez do seu cabelo, o seu cheiro já está em cada canto desse quarto.

— Por que não ficou no meu quarto me esperando? — fala mordendo a minha orelha e beijando o meu pescoço.

Quero responder, mas não sei o que falar.

Ele coloca sua mão por debaixo da minha blusa apertando o meu seio com força, fazendo com que eu levante ainda mais. Ele aproveita e começa a tirar a minha blusa.

Como num passe de mágica, pensei na insegurança e em tudo mais, me afasto dele o mais rápido possível.

— O que foi?

— Eu não estou pronta ainda para fazer outra rodada de sexo com você.

— Por que não?

— Nicolai. Estou conseguindo nem andar direito. Não vou fazer sexo agora. Exagero um pouco, mas não é tudo mentira.

Ele passa a mão pelo cabelo o desarrumado e se levanta.

— Deixa de ser fresca, Isabela.

— O quê? Fresca é sua mãe, sai daqui agora.

— Quero ver quem vai me tirar.

— Deixa de ser infantil, vai fazer o que? Obrigar-me a fazer sexo com você?

— Você sabe muito bem que nunca, te obrigaria a ter relações sexuais comigo.

— Então sai.

— Quer saber, ok se está tão machucada, descanse um pouco.

Fico apenas olhando para ele, travando uma batalha comigo mesma.

Ele está saindo, mas antes para na minha frente, engulo em seco ao olhar para aqueles olhos.

— Toma.

Fala me entregando uma caixa de remédio e se vira para sair.

Droga, quer saber que dane se tudo.

— Nicolai.

Ele se vira e fica me olhando.

— Que seja o que Deus quiser me joga em seus braços. — Ele corresponde me erguendo entrelaçando as pernas na sua cintura o que faz com que ele me empurre em direção a porta e me beija como nunca.



Isabela Miller

Sinto a sua boca descer em direção ao meu pescoço, me causando arrepios até a base da minha coluna, as minhas costas devem estar toda vermelha de tanto que ele me pressiona contra a parede.

Sinto o seu pênis me pressionar ainda mais, acaricio o seu rosto.

— Você é tão gostosa e linda, Isabela.

Cada parte do meu corpo parece que vai entrar em colapso a qualquer momento. Começo a retirar a sua blusa, botão por botão.

— Quantos botões têm essa merda?

— Está com pressa?

— Só cala a boca e tira logo essa blusa.

— Vou fingir que é você que manda, que tal?

— Que seja!

Ele me ajuda e acaba retirando-a, o seu corpo é tão gostoso que a única coisa que quero é passar a mão por todo o seu peitoral e isso que acabo

fazendo.

— Você é muito gostoso.

Acabo falando em voz alta.

— Que bom que gostou.

Droga de boca grande do inferno.

Ele se vira me levando junto, sinto cada toque, cada carícia, cada arrepio que está acontecendo entre nós.

A única coisa que quero agora é sentir, só isso, sentir o que é ser desejada, pelo menos uma vez. Mesmo sabendo que é errado sentir isso em relação a ele, mesmo assim quero.

Ele retira a minha blusa, desejo que ele continue e é isso que acaba fazendo, a sua mão apertar o meu seio com delicadeza passando o seu dedo áspero pelo bico já rígido de prazer.

O único som que consigo ouvir nesse momento e da sua respiração irregular, se misturando com os gemidos que saem da minha boca.

Ele vai distribuindo, beijos da base do meu pescoço e vai descendo passando a mão no meu seio e começa a sugá-lo com força. Uma mistura de prazer com uma leve dor se faz presente misturando tudo, me fazendo gemer ainda mais.

Continua o mesmo processo no outro, com a mão livre começa a retirar o meu short de dormir passa a mão pela minha coxa a apertando com mais força, vai subindo e a coloca no meio das minhas pernas.

— Nunca vou me cansar de sentir essa sua bocetinha na minha mão.

E vai passando o seu dedo da minha entrada que a esse momento já está toda molhada com suas carícias, até massageando o meu clitóris com delicadeza me causando um prazer perfeito. Ele aumenta os movimentos quase me levanto ao limite, os meus gemidos são calados pela sua boca.

Sinto quando ele coloca a sua língua me causando arrepios, as nossas

línguas começam uma dança perfeita em uma sincronia única.

Sem deixar de acariciar a minha boceta no processo, o orgasmo vem com muita força me levando ao paraíso mais uma vez. Ainda estou sentindo os espasmos do orgasmo quando ele tirar a sua calça e vem para cima de mim.

—Vem cá — fala me levando para a beirada da cama. — Ele senta e fico na sua frente, sem saber o que fazer. Você ainda está dolorida, não está? — pergunta olhando para mim, e levantando uma sobrancelha.

— Sim.

— Então você fica por cima, se eu ficar por cima vou acabar te machucando, você controla o quanto aguentar para não se machucar entendeu.

Apenas balanço a cabeça concordando com ele.

Ele coloca as duas mãos ao redor da minha cintura me trazendo ao seu encontro distribuindo beijos por toda a minha barriga.

— Coloca as pernas ao redor da minha cintura.

Assim faço coloco as duas pernas ao redor da sua cintura me sentando em seu colo os meus seios ficam na altura do seu rosto.

Ele não perde tempo e começa a sugá-los com mais força me levando a loucura, no processo acabo me movendo no seu colo, em um vai e vem lento.

— Assim você me deixa louco — fala sussurrando

Ele coloca a mão entre nós, indo até o seu pênis colocando na minha entrada.

— Vai abaixando até se sentir confortável entendeu, se você sentir alguma dor falar que paramos na hora.

— Ok.

Vou me abaixando lentamente sentindo a cabeça da seu pau entrar

devagar, me causando uma leve dor respiro profundamente e continuo sentindo entrar centímetro por centímetro agora ele está totalmente dentro de mim.

— No seu tempo, você pode começar a se movimentar.

Quando olho para ele percebo que está sendo uma tortura, suor já está se formando na sua testa, mesmo com sua mão na minha cintura sinto-a cerrada.

Começo a subir e descer lentamente tentando controlar a dor que estou sentindo, ele é grande nessa posição sinto o ir fundo até o limite.

— Assim, assim continua.

Fala me dando mais um beijo na boca. Vou um pouco mais rápido. Sinto-o crescer dentro de mim, se isso é possível. Vou aumentado mais e mais quando não sinto mais dor me levanto e me sento com tudo.

— Puta que pariu, se continuar assim vou acabar gozando antes da hora.

Ele começa a me apertar ainda mais na cintura, me causando arrepios por todo o corpo.

Começa a ditar a velocidade não me importo a essa hora a única coisa que estou sentindo é prazer e não quero que acabe. Seguro em seu cabelo, mais e mais forte ele começa a me levantar ao máximo sinto apenas a ponta da cabeça do seu pau, ele me desce repetidas vezes.

— Ahhhh, assim.

— Você gosta não é? — fala fazendo de novo e de novo sinto as paredes da minha boceta se apertando ainda mais em torno dele.

— Para de me apertar assim, Isabela, desse jeito não vou aguentar.

Continuamos em um vai e vem alucinante.

— Quero te comer de quatro.

— O quê?

— Você vai gostar prometo.

Concordo o que faz com que ele, mude de posição me levantando com ele. Só que em vez de me leva para a cama ele me prensa contra a parede.

— Não ia ser de quatro?

— Ainda vai, mas vamos brincar um pouco aqui primeiro.

Entrelaço as pernas ainda mais na sua cintura e contínuo a segurá-lo pelo pescoço.

Ele vai me penetrando mais fundo e mais rápido.

Estou respirando com muita dificuldade, sentir o seu cheiro e a sua boca no meu pescoço, a sua mão áspera na minha cintura e principalmente o seu pau totalmente dentro de mim me leva a loucura.

Tira-me da parede e coloca na beirada da cama de costas para ele. Observo a cama com seus lençóis todos amassados. Ele passa a mão do meu pescoço até a base da minha coluna, e vai descendo até chegar à minha boceta introduzir dois dedos dentro e começa a estocar, mete com força e rapidez chega perto do meu ouvido e fala.

— Você gosta, não gosta, de dar essa boceta gostosa para mim?

Não respondo apenas gemidos saem da minha boca.

Ele mete com mais força me levando ao paraíso.

— Responde, você gosta?

— Sim.

— Sim, o quê?

— Gosto de dar a minha boceta para você.

— Só para mim?

— Sério, Nicolai!

— Responde!

Ele continuar a me penetrar com os dedos, e com a outra mão

massagear o meu clitóris.

— Ahhhh, assim vai.

— Responde!

— Gosto de dar a minha boceta só para você.

— Isso mesmo, só para mim.

Ele me empurra em direção à cama, me deixando de quatro.

Passa a mão nas minhas costas, até a minha bunda totalmente empinada na sua direção.

— Um dia ainda vou comer esse seu cuzinho.

— Vai sonhando, aí ninguém mexe.

— Um dia, não hoje.

Ele continua a passar a sua mão em cada parte do meu corpo e vem para cima de mim, começa a me penetrar com uma estocada mais rápida que a outra.

Nessa posição sinto o seu pau indo cada vez mais fundo, a mesma corrente elétrica começa de novo nos dedos do pé e continua. Outro orgasmo veio forte me dando espasmos e mais espasmos o Nicolai vêm logo em seguida me apertando ainda mais.

Ele sai de dentro de mim, Respiro com dificuldade.

— Droga!

— Droga, por que droga?

Viro-me e ele está parado nos pés da cama me observando atentamente.

— O que aconteceu?

— Esqueci de colocar a camisinha.

— Você o quê?

Levanto-me igual uma louca dando tapas no seu peito.

— Para sua doida.

— Você esqueceu, como você esqueceu?

Começo a passar a mão desesperada, pela cabeça.

— Ei, calma.

— Calma nada.

— É só tomar a pílula.

— Não é isso.

— É o que então?

— Se eu pegar alguma doença?

— Ei espera aí, eu não tenho nenhuma doença.

— Eu, não tenho nenhuma doença — falo apontando o dedo para mim. — Você eu não sei.

Sento-me tentando me acalmar. Ele se senta do meu lado.

— Sério, Isabela! Faço exames regularmente prezo pela minha saúde.

— Pela vida que você leva, tem que ser mesmo. Você falar é uma coisa, quero é ver.

— Ok. Assim que amanhecer mostro os resultados dos exames para você, vamos terminar o que começamos.

— Não, muito obrigado quero é dormir, sozinha.

— Você consegue ser insuportável, até em um momento como esse — fala se levantando e saindo.

Fico sentada na cama, olhando para a porta sem saber o que fazer.



Isabela Miller

O que aquele imbecil tem na cabeça, como pode esquecer-se de algo tão importante. Isso é para que eu aprenda a deixar de ser idiota, mas também poderia ter percebido.

Coloco outro travesseiro em cima da cabeça pensando que isso vai fazer alguma diferença. Quer saber, não ficarei aqui na cama me auto depreciando, mas não vou mesmo.

Levanto-me, pego o meu notebook. Não preciso esperar ele trazer os exames se eu mesmo posso entrar no sistema da clínica e descobri tudo.

Entro no sistema da clínica e procuro todos os exames que ele já fez e nada, nem uma glicose alta. Impressionante ele estava certo, não tem nenhuma doença.

Mesmo assim ele é um irresponsável, para falar a verdade eu também sou, mas não, estava ocupada demais tendo um orgasmo melhor que o outro.

Esperei esse tempo todo para perder a virgindade, para ser sincera

esperei porque nenhum outro homem me despertou esse interesse que tenho por ele, é errado eu sei.

Levanto-me, já é quase meio-dia, tomo um banho e me visto com um vestido simples rodado na cor amarela.

Saio do quarto e vou para a cozinha procurar algo para comer. Pego uma caixa de cereal. Coloco em uma tigela acrescento leite e pego uma colher. Sento-me na sala, ligo a televisão e coloco Game of Thrones. Tenho que admitir, o Jon Snow seria perfeito se fosse só um pouquinho mais alto, só um pouquinho.

Já são quase cinco horas e continuo nesse mesmo sofá — que droga.

Ouçó alguém abrir a porta.

O Nicolai entra, olha para mim e começa a subir as escadas.

Ah, mas não vai mesmo!

Quem ele pensa que é? Nem um oi ou é aí como você está? Melhor ainda, aqui o remédio para você não engravidar, qualquer coisa.

Levanto-me e vou atrás dele. Ele vê que estou atrás dele, mas continua a seguir o caminho do seu quarto.

— Tem como você esperar?

— Tenho muita coisa para fazer, não tenho tempo para ficar conversando com você.

— Você tinha tempo ontem.

Ele para e se vira em minha direção, já estamos no corredor a essa hora.

— Só porque fizemos sexo ontem não quer dizer que tenho que ficar conversando com você, eu disse para você é apenas sexo nada mais que isso.

Dentro de mim, tem uma voz falando — não é apenas sexo, não sei se percebeu, mas você foi o meu primeiro. Tranco essa voz dentro de mim, engulo essa merda de dor que estou sentindo agora e coloco um sorriso falso

no rosto.

— Sei disso, só quero o remédio só isso.

Ele se virar e começa a andar de novo.

— Que inferno Nicolai, o remédio, porra... — falo gritando, Ele me pega pelo braço e começa a me arrastar em direção ao seu quarto. Joga-me em cima da cama, o meu coração se acelera ainda mais com ele tão próximo.

— Para de ficar gritando comigo. Posso gostar de trepar com você, mas se você gritar de novo arrebento a sua cara.

Fala passando a mão na lateral do meu rosto.

— Não tenho medo de você, já deveria ter percebido isso.

— Percebi que você é petulante, isso sim.

— Sai de cima de mim, Nicolai.

— Você gostou quando eu estava em cima de você ontem.

— Ontem, não hoje sai — falo tentando retirá-lo de cima de mim.

— Podemos terminar o quê começamos ontem.

— A única coisa que quero de você é a merda do remédio.

— O meu soldado já deve estar trazendo.

— Ok. Agora sai.

— Tem certeza disso?

— Sim, saí.

Ele se levanta e faço o mesmo.

— O que você tem de tão importante para fazer, que seja melhor que fazer sexo comigo?

Já estou saindo quando olho para ele.

— Tenho que ver Jon Snow.

— Quem é Jon Snow?

— Uma personagem de uma série de TV.

— Você não quer fazer sexo comigo, por uma personagem que nem

existe.

— Quem te falou que não existe?

— Sério desisto, faça o que você quiser.

— Eu sei disso.

Saio sem me preocupar com seus resmungos. Afinal é Jon Snow.

Já são oito horas e nada do Nicolai, ele saiu assim que terminamos a nossa discussão. Até parecer que só porque perdi a minha virgindade com ele que vou ir para a cama na hora que ele quiser, deixe que ele continue sonhando.

Continuo a assistir a minha série, tranquila ele que se exploda não estou nem aí.

Quando já são oito e meia ele aparece na sala, vem em minha direção, com sua pose de sou foda para caralho e me entrega uma sacola.

— Aí está o seu remédio.

— Ainda bem! Já era para ter tomado faz tempo.

Ele não responde apenas se senta próximo de mim, retira o seu blazer e o coloca do seu lado.

Encosta-se ainda mais no sofá e fica massageando as têmporas em um claro sinal de frustração.

— Esse tempo que estou com você aprendi na marra a me controlar se fosse em outros tempos você já estaria morta.

— Ainda bem né. Ainda tenho fé na humanidade — falo colocando os meus pés em cima do sofá.

Ele me olha e dá um sorriso sacana.

— O que foi?

— É engraçado pensar, que estou me acostumando com o seu jeito de se vestir.

— O que tem de errado com isso? — falou me observando.

Estou normal com a minha blusa do Bazinga do The Big Bang Theory e a calça do senhor dos anéis.

— Sério que não percebe o tanto que é ridículo. Você se veste muito mal.

— Ah! Desculpa se o meu jeito de se vestir te incomoda é que me visto para mim não pra você. O seu problema Nicolai é pensar que só porque sou uma mulher tenho que me vestir de saia e vestidos delicados, cresce, há muito tempo que não damos a mínima para o que vocês homens pensam.

— Virou feminista agora.

— Não sou feminista é apenas a realidade, você que é machista em pensar que tenho que me vestir do jeito que você quer.

Ele não responde.

— Não vai tomar esse remédio logo?

— Pensei que não ligava, já que estou esperando o dia todo para você trazê-lo.

— Não estou à sua disposição, tenho muitas coisas para fazer.

— Ah! Imagino comandar uma máfia deve dar muito trabalho mesmo.

— E roubar de pessoas que você nem conhece é uma coisa muito digna, né.

— Sei que o que faço, não é uma coisa digna. A diferença é que não preciso sair matando pessoas para ter o que quero, todo o estrago que faço. Faço do meu quarto e comendo uma pipoca e outra todas as pessoas que fiz isso o dinheiro não era delas ou era de roubo, drogas ou qualquer coisa ilegal igual ao o que você faz.

— Você tem muita sorte por ninguém ter descoberto até hoje.

— Aí que você se engana, não é sorte é competência.

— Se fosse tão competente já teria descoberto quem me roubou. Fico

em silêncio porque com essa boca grande que tenho, daqui a pouco falo mais do que é normal.

— Ou você já descobriu quem me roubou?

— Se eu tivesse descoberto você já saberia.

— Assim espero, Isabela, porque se eu descobri que você sabe quem foi e não me falou, nada que esteja acontecendo entre nós vai mudar o que vou fazer com você.

Vai Isabela, essa é sua chance fala para ele que foi a própria futura sogra que o roubou vai falar.

Uma voz insiste em se repetir dentro de mim.

Ignoro, no fundo, tenho certeza que vou me arrepender amargamente por essa escolha.

— Quer saber, se levanta desse sofá.

— Por que faria isso?

— Porque vamos sair.

— Não quero ir para outro restaurante metido a besta.

— Não vamos para um restaurante, vamos para uma das minhas ‘boates’.

— Não, obrigada, prefiro ficar aqui.

— Em que momento você pensou que era um pedido, é uma ordem.



Isabela Miller

— Quando você vai entender que não manda em mim.

— Você sabe que mando, então suba logo troque de roupa.

— Eu não vou!

— Você vai, nem que para isso eu tenha que te levar pelos cabelos.

— Vá para o inferno, eu não vou.

— Ah! Não vai?

Ele chega perto de mim e me pega colocando sob os ombros, fico de cabeça para baixo começo a bater chutar e gritar com ele.

— ME COLOCA NO CHÃO AGORAAAA. — Dou soco, puxo a sua camisa, arranho, faço de tudo, mas no final nada acontece com ele. — Você é muito idiota, vou te matar, me tira daqui.

— Pode espernear à vontade, só vou te soltar no seu quarto.

Ele me leva e coloca do lado da cama. Vou para cima dele tentando lhe bater.

Ele pega os meus braços os colocando para trás, tento tirar, mas não

consigo.

— Merda, Nicolai, me solta que droga.

— Quem é a criança agora hem?

— Você, lógico.

— Para de pensar que manda em algo aqui, vai anda, se vista. —

Fala me soltando.

— Estou esperando você sair droga.

— Já vi tudo aí, por que sairia?

— Privacidade, Nicolai, não sabe o significado de privacidade?

— O que eu sei, é que não vou sair daqui então se eu fosse você, começaria a se vestir logo. — Fala se sentando na cama.

— Quer saber? Tô nem aí para você que me ver tirando a roupa, então olha.

Pego um vestido preto todo rodado que não chega ao meio das minhas pernas. Retiro a minha blusa e logo em seguida a calça ficando só de calcinha e sutiã na cor rosa.

— Adorei a cor.

Olho para ele que agora está sorrindo para mim.

— Pena que hoje você vai ficar só olhando mesmo.

— Se você está falando.

— Tenho certeza

— Tem mesmo?

— Claro.

Continuo a colocar o vestido, pego meu tênis All Star também na cor preta e coloco. O Nicolai se levanta e ficar perto de mim.

— O que foi?

— Até o fim dessa noite você vai me pedir para ter outra rodada de sexo.

Começo a dar uma gargalhada alta que os meus olhos começam a lacrimejar.

— Até parece, vai sonhando.

— Me fala isso no final.

— Ok. Então vamos ver.

Termino de me arrumar passo apenas um batom na cor rosa e solto o cabelo. O Nicolai pega o seu blazer e o coloca. Saímos e os seus seguranças já estão à nossa espera perto dos carros. Passo perto do pirulito de terrorista, o que ficou com a minha espada do Jon Snow.

Fico cara a cara com ele.

— Você pensa que esqueci minha espada? Eu a quero de volta.

— O que você está fazendo, Isabela?

— O cabeça de ovo do seu segurança, ele ficou com a minha espada do Jon Snow.

— De novo com isso.

— Você tem ideia de quanto que paguei por ela.

— Não estou interessado em saber sobre isso. Você está com a espada dela?

— Não senhor, a deixei no apartamento.

— Mentiroso.

— Isabela!

— O que foi, por acaso você viu alguma espada no meu apartamento?

— Tinha tantas bugigangas naquele apartamento, desculpa se não notei.

— Seu rabo, não tinha bugigangas no meu apartamento.

— Quer saber, cala essa boca porra e entra nessa merda de carro agora — fala me pegando pelo braço e colocando dentro do carro.

Desgraçado, infeliz pensa que me engana tenho certeza que ele está

com a minha espada. O Nicolai se senta do meu lado, fico calada pensando em como pegar a minha espada de novo.

— Vai ficar com esse bico como uma criança?

— Vai se foder. Só quero a minha espada de volta.

— Ele já falou que está no seu apartamento.

— E você acreditou, tenha dó né Nicolai.

— O que ele iria querer com uma espada Isabela?

— Isso porque você não a viu, ela é linda.

— Depois resolvo isso.

Ele segura a minha mão e a acaricia.

— O que você está fazendo?

— Já te falei acho sua mão linda.

— Só você mesmo para achar a minha mão linda.

— Na verdade, gostaria de estar passando a mão na sua boceta, mas pode ficar tranquila até o fim dessa noite isso acontecerá.

Não respondo, ele vai subindo a mão, arrastando os seus dedos delicadamente pelo meu braço até chegar ao meu pescoço sinto arrepios por todo o meu corpo, a minha respiração já está irregular.

Nessa hora, a sua boca já está dando vários beijos no meu pescoço.

— Para.

— Tem certeza disso? O seu corpo me diz algo diferente. — Ele segura a minha nuca aproximando a sua boca da minha.

Um beijo rápido faminto cheio de desejo, agora ele chupa, lambe e dá pequenas mordidas no processo me deixando quente ao ponto de apertar uma perna na outra tentando controlar o prazer que estou sentindo em seus braços.

— Tenho certeza que você dormirá na minha cama essa noite.

— Sonha. Somos interrompidos pelo seu motorista.

— Chegamos, Senhor!

O carro para, com o meu coração. Uma sensação de que algo vai acontecer essa noite, e que não vou gostar nada disso.



Isabela Miller

Saímos do carro e os seus seguranças atrás.

Um local com sua fachada toda escura, na porta várias pessoas fazem fila esperando a sua liberação para poder entrar.

O Nicolai me segura pela cintura, não me soltando em nenhum momento passamos pela fila e vamos direto para a entrada. O segurança que estava na porta apenas sai da frente dando passagem para que possamos entrar.

Um cheiro extremamente forte, uma mistura de álcool com cigarro invade o meu nariz. Paredes na cor vermelha e preta estão por todos os lados.

Passamos pelo bar com suas Bartenders cada uma com um mini vestido na cor vermelha.

As pessoas em nossa volta observam atentamente quando passamos principalmente as mulheres. O que não é de espantar por mais que não goste

de admitir o Nicolai é lindo, com seu porte atlético e sua presença marcante, coisas que muitas mulheres olham se também fico olhando tenho certeza que outras também vão olhar.

Ele solta a minha cintura para logo em seguida segura a minha mão, me conduzindo em direção a uma escada, subimos ela e vamos para uma área mais reservada.

O barulho aqui é menor, os seus seguranças a todo o momento nos acompanham, dois ficam próximo da escada e os outros dois vão para um bar ali presente.

O seu dedo a todo o momento acaricia o interior da minha mão fazendo círculos na palma, uma sensação gostosa toma conta de mim. Ele me conduz até um sofá se senta e me coloca no seu colo repousando a sua mão na minha perna — sério isso?

— O que foi?

— Para de assistir filmes, Nicolai, agora é a parte que fico... ah! Ele me colocou no seu colo quanta honra, até parece. Saio do seu colo e me sento do seu lado.

— Não sou uma de suas prostitutas, me respeite.

— Você se preocupa com coisas pequenas demais, Isabela, outra mulher estaria muito feliz de estar aqui comigo.

— Quero ver o dia que você, vai perceber que não sou qualquer uma.

— Você não acha que está muito nervosinha não?

— Sou um doce de pessoa.

— Está mais para um limão de tão azeda que é.

— Ainda bem que você é mafioso, se fosse humorista estaria morrendo de fome.

Uma garota loira se aproxima de nós, e serve uma dose de uísque para ele.

— Você gostaria de algo?

Assim que vou responder o Nicolai me interrompe.

— Pode trazer uma água para ela.

— Tenho boca sabia?

— Sei disso, já senti o gosto.

A garota volta e me entrega um copo de água e se retira.

— Você está muito bonita Isabela, quando você quer, consegue ficar ainda mais linda.

— Já você estraga tudo com suas palavras.

Ficamos uns minutos sem falar nada, de uma hora para outra avistamos uma movimentação estranha lá embaixo.

— Vai lá vê o que está acontecendo.

Ele fala com os dois seguranças que estavam na escada, que no mesmo instante saem para resolver o problema, tem algo errado a mesma sensação não me deixa em paz e um aperto no peito que com o passar dos minutos vai se intensificando cada vez mais.

— Nicolai.

— Fala.

— Eu gostaria de ir embora.

— Por que, isso agora?

— Não estou me sentindo bem.

— O que você tem?

— Estou com um pressentimento ruim.

Ele começa a rir de mim no mesmo instante que termino de falar.

— Sério, Isabela? Você acredita nisso?

— Esquece o que falei.

Viro-me na direção do bar as duas moças que nos serviram estão preparando algo. Acho que um aperitivo. Não sei, a única coisa que quero é

ir embora.

A sua mão massageava as minhas costas, carícias que vão do meu pescoço até a base da minha coluna, fazendo com que os pelos do meu corpo se arrepiem no mesmo momento. Ele começa a dar pequenos beijos na região do meu pescoço.

— Você está muito preocupada, Isabela, aconteceu alguma coisa?

— O que poderia acontecer? Eu não saio daquele apartamento por nada.

— Não sei, você que deveria falar afinal é você que está estranha.

Percebo que os seguranças, ainda não voltaram.

— Nicolai, os seus seguranças ainda não voltaram, não acha isso estranho.

Ele para de beijar o meu pescoço e dar uma rápida olhada ao redor, não fala nada apenas se levanta.

— Luiz você vem comigo, você. — Fala apontando o outro segurança fica com ela.

— Ok, senhor.

— O que você vai fazer?

— Calma Isabela — fala me sentando de novo no sofá. — Vou ver o que está acontecendo.

— Que necessidade você tem de ir lá?

— Quero ver com os meus próprios olhos, não saia daqui. Ok.

— Ok.

Ele me dá um beijo e desce as escadas me deixando aqui com seu segurança. Já tem uns dez minutos que ele saiu e nada droga.

— Você não acha melhor ir ver o que está acontecendo com o seu patrão não.

— Ele mandou que eu ficasse aqui com você.

— Então eu vou, e você vem comigo.

Falo indo na direção da escada, uma mão segura o meu braço fazendo com que eu parasse imediatamente.

— Me solta, você não vê que pode estar acontecendo algo com ele.

— Ele sabe se defender muito bem, se eu deixar você sair daqui ele me mata.

— Deixar de ser burro se ele morrer, não vai ter ninguém para te matar só eu.

— Não recebo ordens de você e sim dele.

Assim que abro a boca para responder ouço barulhos de tiros e uma gritaria para todos os lados. Sinto uma mão me empurrar com toda a força caio no chão e bato a cabeça.

Abro os olhos e o segurança do Nicolai está na ponta da escada trocando tiros com dois homens que tentam vir em nossa direção.

Pequenos pontos de luz se fazem presentes na minha frente, a minha cabeça começa a doer na mesma hora.

— Droga.

Passo a mão na minha cabeça.

Arrasto-me em direção a uma porta quando estou quase chegando nela, ela se abre revelando dois homens enormes. Eles olham para mim e depois para o segurança, este entra em desespero, no final ele sabe que não tem como ganhar esse confronto, afinal são quatro contra um.

Ele continua a trocar tiros com eles, o que não faz muita diferença. Ele leva um tiro no peito e cai, quando vou me arrastando em sua direção sinto quando alguém me segura pelos cabelos me levantando.

— Você vem conosco.

— Me solta não tenho nada a ver com isso. — Começo a dar socos nele o que não tem nenhum efeito.

Sinto a sua mão ao encontro do meu rosto, vou parar no chão com o impacto, sou levantada de novo e logo em seguida senti que ele me deu um soco no estômago. Só estou de pé porque ele está me segurando com força.

Lágrimas já embaçam a minha visão, choro como nunca.

— P-para para por favor.

Sou ignorada sinto a sua mão em volta do meu pescoço, ele me prende na parede me suspendendo.

— Não consigo respirar. — Ele não responde

Sou lançada em direção a mesa de vidro, onde está o copo de água de mais cedo, ela se quebra com o impacto.

Sinto algo escorrer na minha perna, olho para baixo e vejo um pedaço de vidro enfiado lá, entro em desespero não um vidro pequeno, ele é grande muito grande.

Meu corpo está todo doendo a minha cabeça, o pescoço, o estômago e agora a minha perna. Estou ficando tonta, sinto mais e mais sangue escorrer uma poça, já está se formando embaixo de mim.

Sou levantada de novo ficando cara a cara com ele.

— Não quero nem mais uma palavra saindo da sua boca, ou eu te mato aqui mesmo.

Não consigo nem responder, sinto que vou desmaiar a qualquer instante, a dor da minha perna se intensifica ainda mais quando ele me força a andar em direção a porta. Caio no chão de tão fraca que estou.

— Levanta.

Quando ele vai me dar um chute, apenas fecho os olhos esperando o impacto, que não chega, ouço vários disparos, mas não consigo abrir os olhos, eles estão pesados.

Uma mão é passada de baixo da minha cabeça e me suspende, esse cheiro, conheço esse cheiro. Uma dor muito forte se alastra na minha perna,

agora estou tremendo em seus braços. Dou um grito agonizante de dor.



Nicolai Pezzino

Quando fui ver o que estava acontecendo, não imaginei que seria uma armadilha.

Encontro meus soldados no beco, do lado de fora da boate. Todo momento fico pensando em suas palavras “estou com um pressentimento ruim” não acredito nisso, mas a certeza em suas palavras me deixou intrigado.

— O que aconteceu? — Pergunto para o meu soldado.

— Esse cara começou uma briga lá dentro, resolvemos trazê-lo para fora para resolver.

— Por que a demora?

— Ele não queria sair senhor, tivemos que tirá-lo a força.

— Já resolveu? Tenho uma noite para aproveitar.

Imagens da Isabela naquele vestido rodado não sai da minha mente, fico criticando o seu estilo mais para vê-la irritada, mas acho que o seu estilo

combina com ela.

Nunca tinha saído com uma mulher que prefira tênis que salto alto ou ela está de tênis, ou com suas meias uma mais estranha que a outra. Ainda me lembro das que ela estava usando quando a vi pela primeira vez.

Quando vou entrar ouço barulhos de tiros, o que faz com que eu e meus soldados fiquemos atentos na hora.

Retiro a minha arma imediatamente, abro a porta e uma gritaria já se instalou aqui dentro, vejo dois homens armados trocando tiros com o soldado que deixei com a Isabela, mando dois ficarem na retaguarda e o outro vem comigo.

Fico atrás de uma pilastra, não tenho uma boa visão. Tem muitas pessoas correndo de um lado para o outro.

— Inferno...

Faço um sinal para o meu soldado o mandado ir pela lateral, ele obedece na hora, espero mais uns dois minutos e avanço chegando aos pés da escada sem fazer muito barulho consigo ver quatro homens dois perto da porta um próximo do bar e o outro com a Isabela.

O meu soldado está caindo, provavelmente morto.

Dou mais uma olhada bem na hora que vejo-a cair.

Uma sensação que pensei nunca mais iria sentir toma conta de mim e o mesmo sentimento que jurei para mim mesmo nunca mais sentir por ninguém.

O ódio, o mesmo ódio quando vi a minha mãe sendo espancada e violentada na minha frente pelo desgraçado do homem que dizia ser meu pai.

A impotência de não poder fazer nada por eu ser uma criança, o medo da perda tudo isso junto — não pode ser ela, é só mais uma, só isso, não é importante, não é.

Falo comigo mesmo na tentativa de gravar essas palavras na minha mente — você não tem sentimento isso é só curiosidade e o fato dela ser linda só isso apenas isso.

Repito para mim mesmo.

— Levanta.

Nessa hora não consigo enxergar mais nada na minha frente, só faço um sinal e os outros dois soldados já estão do meu lado.

Já entro atirando no que estava próximo do bar, um tiro certo no meio da sua testa, o barulho do seu corpo sem vida caindo no chão acorda o monstro em mim, o demônio.

Mato mais um, os outros dois são eliminados pelos soldados, caminho em direção onde a Isabela está. Uma coisa que pensei que nem existia mais começa a dar sinal de vida, o meu coração há muito tempo morto começa a bater de novo.

Ela está respirando com dificuldade, mas a minha maior preocupação é a sua perna que não para de sangrar.

Passo a mão por debaixo da sua nuca, a suspendendo. Encosto-a no meu peito, ela não abre os olhos, mas dá um grito de dor, lágrimas não param de sair, está tremendo. A encosto ainda mais em mim.

— Calma, calma, Isabela estou aqui.

— Nicolai.

— Sim sou eu, vai ficar tudo bem.

— Estou com sono, muito sono.

Ela começa a ficar ainda mais mole em meus braços.

Merda... não poderia ter deixado ela sozinha isso foi um erro.

— Isabela, fique acordada me entendeu, acordada.

Ela está desmaiando droga, balanço os seus ombros tentando mantê-la acordada.

— Isabela, fique acordada, Isabela.

Não adianta, coloco-a no sofá preciso estancar esse sangue primeiro.

— Me passa o seu cinto. — Falo para o Luiz, ele imediatamente o retira e me entrega.

Coloco o cinto em volta de sua perna apertando bastante, não posso retirar o vidro preciso levá-la para um hospital. Pego ela de novo, a aproximo do meu peito saio dali e vou para o meu carro.

— Limpe essa bagunça, antes que a polícia apareça.

— Sim, senhor.

Entro no carro e a coloco em meu colo.

— Vamos direto para um hospital.

— Sim, senhor.

O meu motorista sai em alta velocidade. Pego o meu celular e ligo para o Paollo.

— Nicolai.

— Paollo. Quero que você investigue o que aconteceu na boate, quatro homens armado invadiram.

— Você está bem?

— Sim, não vieram atrás de mim, mas sim da Isabela eles queriam levá-la. Estou indo para o hospital, quero soldados protegendo ela vinte e quatro horas por dia.

— Vou providenciar isso.

— Quero saber o porquê desse trabalho todo para pega-lá.

— Ok, qualquer novidade te aviso.

— E quero também o relatório de tudo que a família da minha noiva fez nesses dias.

— Ok.

Desligo o celular, ela está pálida, na lateral do seu lindo rosto tem um

hematoma.

O carro para, saio com ela nos meus braços.

Uma equipe médica se aproxima com uma maca a colocam deitada e me afastam.

— Você a conhece?

Uma médica com uma prancheta me pergunta.

— Sim.

— O que ela é sua?

Penso um pouco e respondo

— Minha namorada.

Nunca pensei que falaria essas palavras em voz alta, mas depois de ditas penso que não sairão da minha cabeça.

— Ok qual é o seu nome e o da sua namorada?

— Nicolai Pezzino, a dela é Isabela Miller.

— Ok Sr. Pezzino, se o senhor quiser, pode esperar naquela sala, logo um médico virá vê-lo.

Ela sai e me sento esperando notícias. A angústia não para, falo para mim mesmo que não é nada, absolutamente nada.

Observo as minhas mãos estão manchadas com o seu sangue, nunca me preocupei em manchar as mãos com sangue de pessoas, mas por algum motivo o sangue dela em minhas mãos é algo estranho demais.

Já se passou uma hora e nada, estou pronto para ir atrás dela quando vejo um médico de meia-idade se aproximar.

— Senhor Pezzino?

— Sim.

— A sua namorada está bem.

Acabo suspirando de alívio.

— Ela passou por uma cirurgia na perna, mas já está se recuperando,

tivemos que fazer uma transfusão de sangue ela já está no quarto, o senhor gostaria de vê-la?

— Sim.

— A enfermeira o acompanhará.

Sigo a enfermeira ela abre a porta e a vejo dormindo tranquilamente na cama. Ela já não está mais pálida e a sua perna está em cima de um travesseiro enfaixada.

— Ela ficará dormindo por mais uma hora você pode ficar a vontade qualquer coisa e só me chamar.

Ela se retira e me deixa sozinho com a mulher que me tira do sério, mas que também não consigo deixá-la.



Isabela Miller

Será que tudo que faço é sofrer? Não tem outra explicação é cada coisa que me acontece que às vezes penso que foi para isso que nasci.

Os meus olhos estão tão pesados. Tento abrir uma, duas, mas só consigo abri-los na terceira, mas a claridade não ajuda muito.

Consigo enfim focar onde estou. Esse é o quarto do Nicolai? O que estou fazendo aqui? Não deveria estar em um hospital?

Só de pensar demais a minha cabeça começa a doer mais, não tem ninguém aqui. Tento encostar-me na cabeceira da cama quando me movo um pouco sinto uma fisgada muito forte na minha coxa fecho os olhos e respiro profundamente tentando controlar a dor. A cada movimento que faço sinto mais e mais fisgadas. Depois da terceira tentativa, enfim consigo.

Que merda, quero ir ao banheiro, a minha bexiga está quase estourando aqui e agora o que faço?

Melhor ainda, cadê o Nicolai? Merda, merda, mil vezes merda, vejo que a minha perna está enfaixada, coloco um travesseiro embaixo só assim

me sinto um pouco mais aliviada. Quando abro a boca para começar a gritar, ele abre a porta.

Entra no quarto com uma blusa branca apertada e uma calça de moletom na cor cinza, é até estranho estou acostumada a vê-lo só de terno. Desse jeito o seu corpo fica ainda mais delicioso, droga, foco, Isabela, foco.

— O que estou fazendo aqui, Nicolai?

— Aqui em meu quarto ou aqui no apartamento?

— As duas coisas.

— Te levei para o hospital, eles fizeram uma cirurgia na sua perna, tiveram também de fazer uma transfusão de sangue. Você perdeu bastante, quando tudo terminou resolvi te trazer para cá, achei mais seguro.

— Por que estou no seu quarto?

Ele se senta na beirada da cama.

— Isabela, você não conseguiria ficar sozinha, aqui pelo menos poderei ficar de olho em você.

— Não acho isso uma boa ideia.

— Se você está achando ruim é só se levantar e ir para o seu quarto.

— Você sabe muito bem que não consigo.

— Então não estou entendendo, o questionamento.

— Gosto de ter pelo menos um pouco de privacidade.

— É melhor você pensar bem, tem certeza de que quer ficar sozinha?

Deixa de ser burra, Isabela, você não está nem conseguindo ir ao banheiro direito.

— É melhor aqui mesmo.

— Pensei que seria cabeça dura até nisso.

— Para de falar isso eu não sou assim.

— Se você acha! Como você está se sentindo?

— Apesar de tudo, estou bem. A minha perna está doendo a cada

movimento e a minha cabeça também.

— O médico falou que isso iria acontecer, por isso passou esse remédio. — Fala pegando um vidro e um copo de água que estava em uma mesa próximo da vidraça enorme que tem no seu quarto. Ele me entrega, tomo o remédio e encosto a cabeça.

Ele fica me observando atentamente e se senta do meu lado, fico sem saber o que fazer isso está tão estranho.

— Quando você estiver melhor, tenho uma proposta para te fazer.

Viro-me para ele.

— O que seria?

— Deixa de ser curiosa, vou esperar você está melhor aí te falo.

— Se você vai esperar qual o motivo de me falar, só vai me deixar mais curiosa. Odeio isso ou fala ou cala a boca.

Ele começa a rir de mim.

— Para de ficar rindo de mim, Nicolai, estou falando sério.

— Sei.

— Então para.

— Ok! Parei, você está precisando de algo?

— Você não imagina o quanto é assustador, ter que ver você sendo tão gentil comigo.

— Por que teria algum motivo para não ser?

A única coisa que vem na minha cabeça é eu saber quem o roubou.

— Nenhum.

— Então não vejo motivo para te tratar mal.

— Sabe, tem uma coisa que gostaria muito mesmo.

— O que seria?

— Estou morrendo de vontade de ir ao banheiro.

— Por que não falou antes?

- Porque estou morrendo de vergonha.
- Você querendo ou não, vou te ajudar Isabela.
- Sei.
- Então vamos.



Isabela Miller

Ele me pega no colo e me leva para o banheiro. Coloca-me em pé, seguro a pia para ter um pouco de equilíbrio já que não posso força a perna no chão.

Espero ele sair para poder tentar fazer xixi, mas ele não sai apenas se encosta na lateral da porta e ficar olhando para mim.

— Você não estava querendo ir ao banheiro?

Fala levantando uma sobrancelha.

— Quero só estou esperando você sair.

— Eu não vou sair.

— Ah! Mais vai sim, não vou fazer nada enquanto você estiver aqui.

— Se você que assim tudo bem, só se lembre disso, se você cair não me chame não te ajudarei, fala e sai batendo a porta com força.

— Agora eu vi o que foi que fiz?

— Às vezes parece até uma criança, mereço.

Vou tentar usar o banheiro sozinha. O lado bom é que estou do lado

do vaso sanitário e o fato de estar só com uma blusa social preta ajuda muito, nossa agora que percebi que estou com a blusa dele.

Um sorriso se abre no meu rosto só de imaginar o fato dele estar me tratando melhor, já decidi, só vou esperar melhorar um pouco que vou contar tudo o que sei sobre a sua futura sogra.

É a melhor coisa que vou fazer. Devagar consigo fazer minhas necessidades, me seguro na pia de novo aproveito e lavo o meu rosto, acabo vendo minha nécessaire e pego a minha escova de dentes, termino e me olho no espelho.

O meu cabelo está parecendo um ninho de ratos, faço um coque no alto da cabeça, o lado do meu rosto está um pouco inchado, mas tirando a perna estou bem, porque sinceramente por um momento pensei que estaria morta uma hora dessas.

Será que o seu aviso era também relacionado a pedir uma ajuda para chegar até a cama?

Melhor não arriscar, tento andar o mais devagar possível não colocando peso na que está machucada.

Até que estou indo bem, chupa essa, Nicolai. O sorriso logo morre quando olho para o machucando, e vejo que gotas de sangue começam a escorrer.

Merda, término de chegar até a porta e a abro devagar assim que ele me vê ele me olha e foca na minha perna. Ele vê o sangue, mas continua sentando.

— Se você abrir esses pontos por causa da sua cabeça dura, não a levarei em um hospital eu mesmo vou costurar de novo.

— Não estou te pedindo ajuda.

— É bom mesmo porque não vou dar. Ele se levantar pega uma caixa e colocar em cima da cama.

— Aqui tem tudo que você vai precisar para dar um jeito nessa perna, não tenho um pingo de paciência para lidar com uma garota de dezenove anos que age como se tivesse cinco, já que não precisa da minha ajuda se vira sozinha.

Fala saindo me deixando aqui sozinha, com a minha boca grande.

Com muito esforço consigo chegar até a cama. A perna está latejando muito tenho certeza que só não estou sentindo tanta dor pelo remédio que tomei.

Retiro a faixa que está em volta dela, logo em seguida as gazes cheias de sangue, aperto a minha mão em punho fazendo muita força para não gritar de dor agora. Só percebo que estou chorando pelas lágrimas caindo na blusa , passo a manga da camisa limpando o meu rosto, respiro fundo e retiro uma por uma.

Confiro se algum ponto arrebentou, mas graças a Deus não, coloco um pouco de álcool no algodão e passo em cima dos pontos, tampo a minha boca com a minha mão para conter o grito que sai sem aviso.

Termino de limpar e coloco as gazes e por último a faixa e com as duas mãos coloco primeiro a perna em cima da cama e logo em seguida me arrasto me deitando.

Gradualmente vou sentindo o meu corpo relaxar e acabo dormindo profundamente.



Isabela Miller

Acordo, não sabendo direito que horas são. A minha perna está latejando mais do que o normal, mas o pior nem é isso, mas sim porque aqui está tão frio que estou tremendo. Me encolho toda tentando ficar mais quente, me abraço tentando me aquecer mais.

Dou uma olhada para a janela e vejo que já é noite, a minha cabeça está doendo de novo, tem algo de muito errado comigo. Tento levantar a cabeça, mas sinto-a mais e mais pesada.

Sinto pequenas gotas de suor se formarem na minha pele, o frio aumentou mais.

Tento gritar pelo Nicolai, mas o que sai são apenas murmúrios.

Fico chamando por ele, uns vinte minutos e nada, estou fraca as minhas pálpebras estão quase se fechando tento mais uma vez chamar por ele.

— Nicolai, por favor, me ajuda, por favor...

A cada instante que passa, sinto que estou mais quente, os meus olhos

vão se fechando a minha boca ficando ainda mais seca.

Apago, em um sono pesado demais.

Acordo mais uma vez, já é a terceira vez que fico acordando e caindo em um sono a cada minuto que passa, sinto as minhas forças se diminuindo mais e mais.

Já tem muito tempo que estou aqui sozinha, eu preciso de um banho talvez assim consiga ficar um pouco melhor e assim pedir ajuda.

Retiro o edredom que estava me cobrindo, só para sentir mais frio, os meus ossos parecem que a qualquer momento vão se quebrar em milhares de pedaços, é uma sensação horrível.

Coragem, você consegue.

Levanto a cabeça aos poucos sentindo-a e doer me sento na cama a muito custo.

Respiro profundamente, coloco um pé no chão, paro um pouco, para logo em seguida colocar o outro, o meu estômago está doendo, não como nada desde ontem.

Levanto-me, sinto uma tontura e me sento de novo — isso vai ser mais difícil do que imaginei, onde aquele infeliz deve estar? O pior é o frio, respiro fundo umas três vezes tentando tomar coragem. Só aí consigo me levantar com segurança. Me seguro na parede e vou super devagar me arrastando até chegar até a porta do banheiro.

— Ótimo só mais um pouco — falo para mim mesma. Pego na maçaneta abro a porta e entro, vou até o vaso sanitário e me sento em cima da tampa tentando controlar um pouco a respiração. Abaixo a cabeça e nisso olho para a minha perna e vejo um caminho de sangue. Gotas de sangue vem da porta até aqui.

— Eu mereço, eu mereço — falo para ninguém em especial, — droga.

Vou desabotoando os botões da blusa nisso percebo que está encharcada de suor, a retiro ficando só de calcinha e sutiã.

Quando me levanto, dou três passos, caio e uma escuridão toma conta de mim: apago.



Nicolai Pezzino

Saio do quarto e vou para o meu escritório e fico lá uns quarenta minutos e decido ir vê-la. Entro no quarto e a vejo dormir, tranquilamente.

É melhor sair um pouco para poder tentar controlar a raiva que estou sentindo, tomo um banho, me visto e saio dali.

Decido ir a alguma boate que não seja minha, sou recebido por um barulho alto e bem-vindo, a única coisa que quero é esquecer a Isabela por um momento só isso.

Sento-me em uma mesa de frente para o palco, onde está acontecendo um ‘show’ de pole dance.

Uma garota com um cabelo preto usando uma máscara prateada está fazendo sua performance, é linda tenho que admitir, talvez eu me envolva com outras mulheres. Isso pode me ajudar a parar de ficar preocupado com aquela ingrata.

Aviso ao dono que a quero hoje, depois de umas duas horas ela já está liberada, a espero em um quarto lá mesmo.

Agora estou aqui a vendo dar um show particular só para mim, a sua pele super branca seu corpo todo bem definido, seu cabelo no meio da cintura, rebolando no meu colo, está me deixando muito excitado.

Ela abre o zíper da minha calça e a baixa com a cueca, logo o meu pau já está pronto.

Ela segura firme fazendo movimentos de vaivém, lentamente para logo em seguida o colocar em sua boca, a sua língua passa firmemente na cabeça do meu pau fazendo com que eu fique louco.

Essa puta sabe fazer um belo boquete, prendo o seu cabelo com uma mão e meto tudo em sua boca, ela o recebe sem problemas enfio até a sua garganta o mantenho ali uns bons segundos, ela como é bem treinada, respira pelo nariz. Fazendo assim com que eu faça várias e várias vezes até gozar direto em sua garganta.

Quando a mando ficar de quatro, a imagem da Isabela vem na minha mente na hora.

— Merda — falo saindo de perto dela.

A garota se vira para mim.

— Algum problema?

— Não é nada com você, preciso resolver um assunto. — Retiro umas notas e deixo do seu lado.

Termino de me vestir e saio dali só pensando no que tem de errado comigo, não paro de pensar nela.

Entro no meu apartamento e pego um copo de suco para ela, subo as escadas e vou para o meu quarto, não a encontro na cama.

Coloco o copo na mesa e a chamo nada de resposta, ando até a porta do banheiro e ela está destrancada.

— Isabela, eu posso entrar?

Nada então decido entrar, para logo vê-la caída no chão. Vou até ela e

vejo se tem pulsação, quando percebo que tem um suspiro de alívio toma conta de mim.

Ela está muito quente — que merda, Isabela o que você fez?

Pego-a no colo e coloco-a debaixo do chuveiro, a encosto no meu peito me molhado todo mais não ligo. Pego uma toalha e a enrolo.

Pego-a no colo e a levo para a cama ela está tremendo, retiro a sua roupa molhada e coloco outra blusa minha, mando uma mensagem para o meu soldado o mandado comprar um remédio para febre.

Enquanto espero, refaço o seu curativo e coloco um edredom em cima dela, logo o meu soldado me entrega o remédio e a faço beber um pouco de cada vez.

Deito-me do seu lado e começo a passar a mão na sua cabeça fazendo carinho igual a minha mãe fazia comigo quando eu tinha sete anos.

— Quando você vai aprender, Isabela, que só quero cuidar de você, só basta você deixar cabeça dura.



Isabela Miller

Nem acredito que já se passaram dez dias, que eu quase morri naquela boate, tenho que admitir que o Nicolai está sendo uma pessoa que não imaginei que seria, mas para falar a verdade agora estou com mais medo ainda do que ele vá fazer ou pensar quando eu falar toda a verdade, no final estou morrendo de medo da sua reação.

Todos esses dias ele tem me ajudado sem reclamar, se não soubesse o que sei dele, e o nosso começo, poderia até dizer que agora está parecendo um príncipe, começo a ri do meu próprio pensamento.

Tá bom! Não vou exagerar, não um príncipe, mas pelo menos não está sendo um completo idiota comigo, para falar a verdade olhando para ele agora deitado comigo, assistindo os sete pecados e até engraçado.

— O que é tão engraçado?

— Você.

— Por quê?

— Nunca pensei que um dia, fosse ver você assistindo a um anime

comigo

— É meio impossível, já que não fico aqui o tempo todo.

— Vou fingir que é isso, até parece que você não está interessado em assistir?

— Não estou. Só estou aqui para passar o tempo mesmo, mas tenho que admitir. Entendo a Meliodas de querer ficar passando a mão na Elisabete, afinal tenho esse mesmo pensamento em relação a você.

— Nicolai! Falo dando um soco no seu braço.

— Estou falando a verdade, ainda bem que amanhã mesmo já vai tirar esses pontos.

— Também estou doida para poder andar normal de novo.

Ele encostou ainda mais em mim, mesmo estando dormindo na mesma cama que ele, há dez dias ainda acho tão estranho acordar e dormir ao seu lado todos os dias.

O único problema em relação a isso tudo, é que sei que estou me apegando a ele. Sei também que ele pode até corresponder, mas não vai passar disso, tento a todo o momento coloca uma barreira em volta do meu coração, para que nunca precise saber qual vai ser a dor de uma rejeição.

É melhor parar de pensar nisso agora

— Está tão desinteressado, que sabe o nome de cada personagem.

— Está bem, Isabela você que ouvir que estou gostando, sim estou, satisfeita?

— Sim. — Começo a ri da cara que ele está fazendo.

— Espero que você esteja bem melhor até domingo.

— Por quê?

— Tenho que ir até a Inglaterra até segunda resolver alguns problemas e você vai comigo

— Por que tenho que ir?

— Talvez você não tenha percebido até agora, mas não é atrás de mim que estão, e sim de você.

— Descobriu algo relacionado à boate?

— Só que quem mandou aqueles homens para te levar fez tudo por telefone, e o pagamento foi com dinheiro vivo.

— E a ligação, talvez eu possa descobrir quem foi.

— Pode esquecer, foi por um telefone público no centro da cidade.

— Está cada dia mais difícil de descobrir o motivo.

— Não só o motivo, mas sim quem está por trás de tudo.

— Claro tinha até me esquecido, desse detalhe.

— Pode ficar tranquila penso que logo depois da nossa viagem, terei o nome da pessoa — fala passando a mão no meu cabelo, ele tem feito isso sempre acho que nem percebe.

— Por que essa certeza?

— Apenas intuição e no mundo em que vivo isso é muita coisa.

Continuo a olhar para a televisão, mas não consigo prestar atenção em mais nada. Acabei de perder uma grande oportunidade de contar toda a verdade. Tudo isso por causa dessa insegurança que um dia vá acabar me matando.

Sento-me do seu lado, ele passa o braço pelo meu ombro me trazendo para mais perto dele, impressionante acho eu nunca vou me cansar do seu cheiro.

Já estamos no seu jatinho particular há uma hora, estou louca para chegarmos. Nunca saí dos Estados Unidos e agora conheço a Itália e a Inglaterra meu coração parece que vai sair pela boca de tão feliz que estou.

Gostaria que fosse só isso, mas não é, o fato de ter o Nicolai mais perto de mim estes quinze dias foi inesperado para não falar inesquecível. Isso é uma coisa que vem remoendo dentro de mim, querendo sair. Faço-me

de durona, mas o meu coração insiste em bater mais forte sempre quando estou perto dele. O medo e a certeza que tudo isso vai acabar assim que eu dizer a verdade, mas tenho que falar.

Tentei não sentir não ligar, mas cada vez mais impossível. Estou me apaixonando por ele a cada momento e isso dói porque sei que ele nunca vai ficar comigo.

Ele vai se casar com aquela garota, só de pensar nisso o meu coração se aperta mais e mais, ele deixou claro que isso era só sexo desde o começo, mas não, eu tinha que colocar sentimento nessa bagunça que agora é minha vida. Sou tirada dos meus pensamentos com ele dando beijos no meu pescoço.

— Nicolai?

— O que foi? Nada que você falar vai fazer com que eu pare, Isabela.

— Tem pessoas aqui.

— Eles que fiquem olhando, você não imagina o quando eu me controlei estando na mesma cama que você, e não poder fazer nada.

— Eu também gostaria de ter aproveitado, mas não estava conseguindo nem mexer a perna.

— Sei, por isso me controlei.

— Isso não muda o fato que não vou fazer showzinho para ninguém.

— Pode ficar tranquila, ninguém vai ver. Só não prometo que eles não vão ouvir. — Ele me levanta e me leva para o fundo do jatinho, nem tinha percebido da primeira vez que estive aqui que tinha esta porta.

Ele abre revelando um quarto pequeno, mas confortável, com uma cama de casal e do outro lado uma porta que tenho certeza deve ser o banheiro.

Dou um pequeno grito, quando sinto o pressionando-me contra a

parede.

— Te falei que eles iriam ouvir.

Não respondo, apenas quero sentir os seus beijos e carícias, a sua mão está em toda parte do meu corpo. Gostaria que fosse lento, mas no fogo que estou não vou me segurar.

Então mudo de lugar com ele, já retirando o meu vestido.

— Nossa ... Vejo que não era só eu que estava se segurando.

— Pode ter certeza disso — falo colocando uma mão na cintura — , vai ficar só olhando?

— Com certeza que não. — Ele vem na minha direção me levantando, entrelaça as pernas na sua cintura, sentindo o seu pau já pronto para mim.

O beijo é magnífico, as nossas línguas começam uma batalha, uma com a outra.

— Porra, você é muito gostosa.

— Nicolai cala a boca e me fode, você não imagina o quando estou louca aqui.

Ele apenas dá mais um dos seus sorrisinhos safado para mim, sou jogada na cama e o vejo retirar a sua roupa com uma agilidade impressionante, logo já o sinto em cima de mim o beijo como nunca antes.

Logo a sua boca já está na minha intimidade, tento controlar os sons que saem da minha boca. A cada instante seguro o lençol da cama como se ela fosse a minha tábua de salvação. Tenho um orgasmo maravilhoso, estou sentindo os últimos espasmos quando o sinto entrando em mim.

Cada estocada é mais forte que a outra, as paredes da minha boceta vão se apertando ainda mais, se preparando para o outro orgasmo que vem logo em seguida, ele dá mais duas estocadas e cai em cima de mim.

Ficamos assim por uns minutos, até que as nossas respirações

voltarem ao normal, logo depois ele sai de dentro de mim, retira a camisinha e a joga no lixo do banheiro se deita do meu lado. Encosto a minha cabeça no seu peito e fico ouvindo os batimentos do seu coração se regularizarem a cada minuto.

— Isso foi muito bom.

— Tenho que admitir, eu achei também. — Ele deposita um beijo na minha testa, um pequeno sorriso se forma em seu rosto, achei esse gesto tão bonitinho.

Ele me aperta ainda mais contra seu corpo, e pela primeira vez em muito tempo me sinto protegida.

— Pode dormir, Isabella, assim que estivermos chegando, te acordo.

Com essas palavras durmo tranquila, porque sei que quando acordar ele estará aqui comigo.



Isabela Miller

Sinto alguém passando a mão no meu rosto, abro os olhos lentamente para logo ver o Nicolai do meu lado.

Sorri para ele que é logo correspondido.

— Oi!

— Oi! Dormiu bem?

— Muito bem, e você?

— Eu não dormi, mas fiquei vendo você e nossa você ronca demais.

— Sério? — falo me sentando. Ele começa a rir de mim.

— Brincadeira.

— Que merda, você não conseguiu dormir?

— Não, nunca consigo dormir em viagens assim.

Dou um suspiro de alívio.

— Que bom, já chegamos?

— Sim, por isso vim te acordar.

— Ok. — Levanto e me visto. — Você sabe onde estão os meus

óculos?

— Aqui. — Ele os pega do lado da cama e me entrega.

— Obrigado, só vou ao banheiro um minuto. Entro no banheiro com a minha necessaire escovo os dentes e prendo os meus cabelos fazendo um rabo de cavalo. Saio e ele já não está mais aqui.

Pego a minha bolsa com o meu notebook, saio e ele está na porta me esperando. Chego perto dele, saímos e somos recebidos por um ar frio, ele passa o braço pelas minhas costas me trazendo para mais perto. Fico muito feliz com seu novo comportamento em relação a mim.

Um carro já está nos esperando. Entro e ele entra e se senta do meu lado, colocar uma mão na minha perna e fica fazendo círculos ali por um tempo.

Depois de uns trinta minutos já estamos na porta de um grande edifício, entramos e vamos para o Hall, minha boca deve estar aberta agora. O local é todo decorado nas cores amarelo-ouro e branco, uma mesa no centro de vidro com um vaso cheio de rosas amarelas, passamos por ele e vamos para a recepção. Duas moças de uniforme preto e branco estão na nossa frente agora, a de cabelo preto nos atende e começa a sorrir tanto que estou começando até a ficar com medo dela.

— Boa noite, já tem reserva?

— Sim está no nome de Nicolai Pezzino.

— Ok. — Ela digita algo no seu computador e logo depois entrega um cartão.

— Sejam bem-vindos! Qualquer dúvida é só entrar em contato, estou a disposição do que o senhor precisar. — Ela pisca tanto que quase perguntei se tinha algum problema no olho.

— Obrigada... — Olho o seu crachá. — Elaine.

Vamos para o elevador e fico encostada olhando as minhas unhas.

— O que foi aquilo?

— Aquilo o quê?

— Você é muita coisa Isabela, menos burra.

— Não sei do que você está falando.

Ele coloca os braços ao redor da minha cabeça e chegar próximo do meu ouvido.

— Está com ciúmes?

— Vai sonhando.

— Já te falei, ultimamente costumo sonhar muito principalmente com você.

Ele chega perto e nos beijamos ali mesmo sem se preocupar com absolutamente nada, só paramos quando o elevador para. Saímos e ele passa o cartão e a porta se abre revelando um quarto lindo. Vou direto para o banheiro, estou morrendo de vontade de fazer xixi, acabo o que fui fazer e saio, paro um pouco próximo da porta. Fico observando ele próximo da sacada olhando para fora, já não está com o blazer está agora com a blusa social preta, as mangas enroladas até o antebraço, bebendo seu uísque como sempre.

Aproximo-me mais e passo os braços pela sua cintura, absorvendo seu cheiro. Ficamos assim por um tempo sem falar nada só curtindo o momento, que é quebrado quando alguém bate na porta.

Quando vou ver quem é, me sinto um pouco tonta, respiro fundo e vejo que é um rapaz na minha frente com a nossa bagagem. O Nicolai o recebe e logo estamos sozinhos de novo, me sento na beirada da cama e vejo que as minhas mãos estão trêmulas.

— Algum problema?

— Eu devia ter comido algo, estou tremendo de fome, você acredita?

— Vindo de você acredito com certeza, vou pedir algo para

jantarmos.

Balanço a cabeça apenas, retiro o meu tênis e procuro uma roupa para vestir, pego conjunto de dormir do Harry Potter e vou tomar um banho. Nicolai fica no quarto mexendo em seu computador.

Tomo um banho e fico lá uns quinze minutos, termino e me visto deixando o cabelo solto para secar mais rápido. Quando vou abrir a porta para sair ouço o Nicolai falando no celular.

— Não me interessa, quero saber o que ela estava conversando com o cabo da máfia russa, descubra o mais rápido possível, em dois dias estou de volta e quero isso na minha mão. De quem ele está falando?

Mais uma vez sinto um calafrio pelo meu corpo.

Saio e o encontro sentado a mesa que por sinal está repleta de umas coisas melhores que a outra. Sento-me na sua frente e meus olhos chegam a brilhar de vontade de comer cada coisinha ali.

— Como sei que gosta de comer bastante, pedi umas coisas a mais.
— Dou um sorriso de agradecimento para ele.

— Obrigada mesmo, estou morrendo de fome.

Pego um copo de suco e logo em seguida como tudo que tenho direito. Na verdade, como até demais, acho que vou explodir de tanto que comi agora. Olho para o Nicolai, este está me observando atentamente.

— Não sei como me surpreendo com você em relação a comida ainda, só espero que não passe mal comendo desse jeito.

— Nunca passei mal com comida até hoje, não vai ser agora que vou começar.

— Então vou dar uma saída agora. Devo voltar tarde não fique me esperando qualquer coisa que precise é só ligar para a recepção.

— Onde você vai?

— Quer mesmo saber? — fala levantando uma sobrancelha.

— Não, não precisa.

— Ok, já ia me esquecendo. — Ele retira algo do closet, e me entrega.

Abro e vejo a minha carteira com todos os meus documentos. Fico olhando para ele sem saber o que fazer.

— Por que decidiu me devolver?

— Agora confio em você.

Com essas palavras ele sai e fico sentada olhando para a porta.



Isabela Miller

Burra, burra e burra fez merda e uma merda das grandes quando vou aprender.

Levanto-me e fico andando de um lado para o outro com os meus documentos na mão sem saber o que fazer, por que não é mais simples, não... Tem que ser complicado senão não seria a minha vida.

Sento e coloco a cabeça no meio das minhas pernas tentando controlar a minha respiração que inferno porque fui me apaixonar por você, se não tivesse envolvido sentimento nisso tudo não estaria nessa situação.

Burra mil vezes burra, se eu falar ele vai me odiar tenho certeza disso, lágrimas já inundam os meus olhos, deixo que elas caem uma por uma, só pensando na merda que fiz, não contando para ele no começo de tudo.

Fico ali uns quarenta minutos só chorando, aperto a cada instante a minha mão com esses papéis que foram tão importantes em tudo isso.

Levanto-me e vou ao banheiro, lavo o meu rosto e fico ali olhando para a minha imagem tentando pensar em uma saída que não inclua o Nicolai

acabando comigo no final.

Nada absolutamente nada, nem uma miserável ideia, já são meia-noite e nada dele e se aconteceu alguma coisa?

A angústia não para, fico acordada até as duas e meia, os meus olhos vão pesando mais e mais quando vou ver, ele entra e fecha a porta.

Acendo a luz do abajur e pego os meus óculos, para logo o ver retirando a blusa revelando pequenas manchas de sangue próximo do seu abdômen levanto-me na hora chego próximo dele procurando ferimentos e nada.

— Você está machucado?

Ele fica olhando para mim por um tempo, se vira e começa a tirar a roupa.

— O que você está fazendo acordada até essa hora?

Vou atrás dele.

— Você não chegou, fiquei preocupada, você não me respondeu e esse sangue, está machucado?

— Esse sangue não é meu, Isabela — fala como se não fosse nada, o meu coração está batendo mais rápido a cada segundo.

— O que você fez, Nicolai?

Ele se vira e olha diretamente nos meus olhos.

— Você é inteligente aposto que sabe o que fiz.

— Você, você matou alguém?

— Por que isso agora? Você sempre soube do que sou capaz.

— Não faça essa cara de espanto. Na verdade, lá no fundo pensei que ele fosse mudar, mas pelo visto eu estava completamente enganada.

— Onde você estava?

— Para com isso, Isabella, você não tem o direito de me cobrar nada. Não aja como se tivesse algum poder sobre mim, porque você não tem e vá

dormir estou cansado e não te devo satisfação da minha vida.

Ele entra no banheiro e me deixa aqui parada no meio do quarto. Lágrimas caem livremente pelo meu rosto, as seco e me deito. Ele fica uns quinze minutos no banheiro quando não ouço mais o chuveiro ligado. Fecho os meus olhos, não quero mais falar com ele.

Sinto quando se deita do meu lado, está muito próximo sinto a sua respiração. Ele passa a mão pelo meu rosto me causando arrepios e me dá um beijo nos meus lábios e fica passando a mão pelo meu cabelo por um tempo.

— Você é tão linda.

A minha garganta se fecha a cada minuto, por que não é diferente? Porque tem que ser tão complicado gostar de você, será que algum dia irá sentir o mesmo que eu?

No fundo, sei que estou me enganando, que nada do que aconteceu foi real, que tudo absolutamente tudo foi um sonho.

Um sonho que você pode mudar que possa entender porque mentir ou simplesmente que possa sentir pelo menos a metade do que sinto por você.

Não quero aceitar, mas sei que no final disso tudo o único coração em pedaços será o meu.



Isabela Miller

Acordo oito e meia e continuo na cama sem nenhuma vontade de me levantar, as palavras dele ficaram na minha cabeça repetindo várias e várias vezes, o meu coração se aperta ainda mais gostaria de não me importar mais não consigo.

Ele saiu cedo e até agora não voltou, não vou ficar nesta cama me lamentando por ele. Levanto tomo um banho e me arrumo visto uma calça jeans e um ‘top’ cropped na cor preta, calço meu tênis All Star e deixo o meu cabelo solto e passo um batom claro.

Não vou ficar aqui sozinha nem morta, pego a minha bolsa com a minha carteira, no corredor não tem ninguém. Ótimo! Pego o elevador. Quando este se abre tem um rapaz, ele me olha de cima a baixo e dá um sorriso para mim. Ele foca na minha barriga exposta, entro um pouco sem graça aperto o botão e me encosto um pouco na parede.

— Está aqui a passeio?

— Sim.

— Me chamo Alan.

— Isabela.

— Prazer Isabella, desculpa a minha indelicadeza, mas você gostaria de tomar um café comigo.

Fico sem graça na hora.

— Desculpa, mas estou acompanhada.

— Não estou vendo ninguém com você agora.

— Só porque não tem ninguém agora comigo, não quer dizer que estou disponível.

— Só um café. Prometo não morder só se você quiser.

— Muito obrigada, mas dispenso.

Quando ele vai responder, o elevador para e a porta se abre, aproveito e saio.

Passo pela recepção e vou para o restaurante, sento-me em uma mesa mais afastada, uma moça me atende peço um café e uns pãezinhos.

Depois de uns minutos ela traz o que pedi, ouço uma risada e olho para uma mesa próxima da saída.

Tem uma mulher morena, linda sentada com um rapaz ela segura em sua mão depois começa a acariciar o seu pescoço.

Espera aí conheço aquele pescoço não pode ser desgraçado infeliz.

Aquele é o Nicolai, o que ele está fazendo aqui e melhor ainda quem é aquela mulher?

As minhas mãos começam a suar na hora, uma raiva começa a me dominar respiro fundo. Levanto-me pego a minha bolsa e coloco o sorriso mais falso do mundo e vou a sua direção. Vou mostrar que também sei brincar.

Chego perto e lhe dou um beijo, depois me sento próximo a ele que por sinal me olha com uma mistura de ódio e espanto.

— Amor eu te esperei. Você não apareceu fiquei preocupada — falo ignorando completamente a mulher que está a minha frente está por sinal está com a boca aberta até agora.

— O que você está fazendo aqui, Isabela?

— Já te falei estava preocupada.

— Não vai me apresentar sua amiga, Nicolai?

Eu e ela olhamos ao mesmo tempo, para ele.

— Ah! Desculpa Vanessa essa é...

Antes que ele termine de falar respondo.

— Prazer sou Isabela Pezzino, a esposa do Nicolai.

Ele começa a tossir sem parar, entro no jogo e começo a dar pequenos tapas nas suas costas.

— Você está melhor bebê. — Ele me olha com tanto ódio que dou um sorriso para ele em resposta.

— Estou.

— Não sabia que era casado, Nicolai.

— Ah! Tem pouco mais que um mês deve ser por isso, né amor? — Pego no seu rosto e começo a acariciar.

— Depois terminamos essa conversa, Nicolai tenho ainda outra reunião daqui a pouco — fala se levantando — Foi um prazer te conhecer Isabela até mais Nicolai.

Ela sai e aproveito e pego um copo de suco e bebo tranquilamente.

— Simpática ela, né?

Ele pega o copo da minha mão e o colocar na mesa.

— Eu queria beber.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim tomar um café, já que você não apareceu.

— E essa cena?

— Que cena?

— Não se faça de burra não combina com você, tem noção de quem é aquela mulher?

— Eu não, mas você deve saber por que a intimidade que estava com ela era notada de longe.

— Você não tem esse direito de se meter na minha vida.

— Por que não? Você se mete na minha a hora que quer, é bom né?

Ele respira fundo e passa a mão, diversas vezes pelo cabelo, eu pego um bolinho e como ignoro.

— Vamos! — fala se levantando.

— Pode ir, estou comendo ainda.

— Não estou te perguntando, anda se levanta.

— Não.

— Isabela! Estou fazendo um esforço fora do normal para não te arrastar pelos cabelos, então levanta daí agora!

— Idiota! — Me levanto para logo em seguida ser parada por ele.

— O que foi agora?

— Que roupa é essa Isabela?

— É uma roupa por quê?

— Desde quando você se veste mostrando a barriga.

— O que tem de mais, é apenas uma barriga.

— Toma. — Ele fala retirando o blazer.

— Obrigada, mas não estou com frio.

— Pega essa merda agora!

— Não. — Saio de perto dele e vou para a recepção ele vem logo atrás e segura o meu braço me trazendo para perto.

— Para de fazer cena, Nicolai.

— Pega essa merda agora!

— Não pego mesmo, mal-educado.

— Se mais um homem olhar para você como aqueles que estavam no restaurante. Juro que mato um por um e coloco a cabeça deles do seu lado amanhã de manhã.

— Você não teria coragem.

— Você quer mesmo pagar para ver.

— O que tem de errado eles olharem, afinal você estava quase caindo de boca no decote daquela mulher.

— Pega agora — fala entredentes.

Sustento o olhar dele dou um sorriso cínico.

— Não.

Ele segura o meu braço com força e sai me levando junto, tento me soltar, mas não consigo, cada pessoa que passa por nós olha com espantado.

— Para, Nicolai todos estão olhando.

— Que olhem. — Quando estamos chegando ao elevador sinto alguém segurar o meu braço paramos na hora.

Viro-me para logo ver o Alan olhando de mim para o Nicolai.

— Algum problema, Isabela?

Merda o Nicolai me observa com mais ódio ainda.

— Quem é esse, Isabela?

— Não tem problema nenhum, Alan.

— Da onde você conhece esse cara, Isabela? — pergunta apertando o meu braço.

— Do elevador — falo me soltando.

— Se esse cara estiver te incomodando, é só falar.

— Por quê? Se eu estiver a incomodando o que você vai fazer?

Antes que ele responda me meto no meio.

— Não tem problema nenhum aqui, Alan é só uma briguinha à-toa.

— Deixe-o terminar estou doido para ouvir a sua resposta.

— Nicolai, vamos! — falo pegando no seu braço, por favor...

Ele olha para mim e a sua expressão melhora.

— Por favor, não faça nada.

— Quando chegarmos ao quarto. Quero uma explicação sobre isto — fala olhando para o Alan.

Balanço a cabeça apenas, saímos dali e pegamos o elevador. Em momento nenhum ele olha para mim, mas vejo que está com muita raiva, a sua boca está em uma linha reta.

Saímos. Ele abre a porta e entro, quando me viro para ele e sou recebida com um tapa na cara, meus olhos se enchem de água, só que a raiva é tão grande que devolvo no mesmo nível. A minha mão começa a latejar

Ele agora me olhar com mais raiva ainda.

— Você ficou louca?

— Eu não, mas vejo que você ficou, escuta aqui, Nicolai essa é a última vez que falo se você encostar um dedo em mim de novo, juro por tudo que é mais sagrado na minha vida, nunca está me ouvindo nunca mais olho na sua cara.

Ele chega mais perto de mim.

— Você está subestimando o seu valor para mim, você não vale tudo isso.

O meu coração se aperta mais e mais com suas palavras, mas me recuso a aceitar.

— Eu sei disso, sou apenas a mulher que você está trepando.

— Nunca se esqueça disso.

— Pode ficar tranquilo, nunca vou me esquecer.

— Estou cansado de ficar discutindo com você, nunca mais faça o que você fez lá embaixo, não terei mais pena de você está me ouvindo.

— Perfeitamente, tenho problema nos olhos não no ouvido.

Ele fecha a mão em punho e se aproxima de mim, fico esperando o seu ataque de fúria, mas esse não vem.

— Você não faz ideia do que acabou de fazer. Aquela mulher era o assunto que eu vim resolver. Graças a você agora não tenho nada.

— Você dará outro jeito.

Ele começa a sorrir de ódio para mim.

— Não coloque a prova a minha paciência, Isabela você não gostará que vai encontrar.

— Não penso que você tenha mais alguma coisa para me mostrar — falo me sentando na beira da cama. Não estou me sentindo bem minha cabeça está rodando.

— Sério... Tento conviver com você, mas a cada dia que passa parece mais impossível.

— Porque para mim, é muito fácil, né.

— Estou louco para descobrir quem é a pessoa que me roubou e porque quer você morta. para assim acabar de vez com isso.

Cada palavra que sai da sua boca é uma faca enfiada no meu coração. Como chegamos a esse ponto?

Engulo essa dor que está se formando em mim, uma dor amarga, uma dor horrível.

— Faço das suas palavras as minhas.

— Ótimo, assim está melhor e acho também que acabou o que começamos isso que aconteceu só mostra o quando foi errado, assim que descobrimos quem me roubou você voltará para sua vida e eu para a minha.

— Ótimo e tudo que quero.

Ele me olha por mais um tempo, abre a boca para falar algo, mas se cala.

Dentro de mim, está uma batalha, lá tem uma garota implorando para que ele fale que gosta de mim e que nada mudou que quer ficar comigo só comigo.

Mas o seu silêncio é a confirmação de tudo que eu tinha mais medo, a sua rejeição a indiferença de tudo que vivemos, não fui nada para ele.

— Arrume as suas coisas vamos partir daqui a pouco, não temos mais nada para fazer aqui.

Ele entra no banheiro, a minha cabeça parece que vai explodir agora mesmo, lágrimas caem livremente pelo meu rosto.

Afinal eu não estava errada, sou apenas mais uma, mas no fundo gostaria de estar enganada.

A sua confirmação, está doendo tanto é uma dor que espero nunca mais sentir, mas tenho certeza que não é nada em comparação do que está por vir.



Isabela Miller

Já faz uma semana que chegamos de viagem e até agora não me encontrei com ele. Só de pensar em suas palavras o meu coração se aperta ainda mais, gostaria de falar que estou bem que nada do que ele me disse me afetou. Estaria mentindo, fico a maior parte no quarto lendo um livro. Não estou com ânimo para nada só quero ficar aqui quieta.

Hoje em especial a minha cabeça está doendo muito, reviro o quarto à procura de um remédio e nada. Vou ao banheiro e começo a procurar nas gavetas, no fundo da última acho uma caixa a pego leio, começo a chorar que merda como fui ser tão estúpida a esse ponto, esqueci de tomar a pílula que ele comprou para mim.

Sento-me ali mesmo, o nervosismo é tanto que estou tremendo, como esqueci algo tão importante. Espera aí que dia é hoje? Faço as contas na minha cabeça. Já tem mais de um mês que estou aqui e até agora a minha menstruação não veio.

— Merda, merda! — Estou ferrada.

Calma! Talvez seja só um atraso. Não vou começar ficar doida sem ter certeza. Aconteceu tantas coisas talvez seja só o nervosismo. Preciso ir a uma farmácia, tenho que encontrar o Nicolai.

Lavo o meu rosto, procuro primeiro no seu quarto e nada, vou para a sala, cozinha e a mesma coisa onde aquele infeliz deve estar?

Vou a sua procura no seu escritório, bato na porta duas vezes.

— Entre.

Abro a porta para logo vê-lo sentado em sua cadeira digitando algo no seu computador, em momento nenhum ele olha para mim, engulo o meu orgulho.

— Preciso ir a uma farmácia.

Ele para de digitar, e olha para mim.

— O que você está querendo, me fala o nome que mando alguém comprar para você.

A minha língua coça para falar, vou comprar um teste de gravidez. Porque esqueci de tomar a merda do remédio que você comprou e eu acho que estou grávida de um filho seu.

— É uma coisa pessoal.

— Que droga, Isabela, fala o que você quer. — Por que ele é assim?

— Eu tenho que comprar um absorvente, tá bom eu tenho alergia a algumas marcas por isso tenho que ir ver qual que eles têm satisfeito.

Ele fica me observando por um tempo, volta a digitar sem me dá atenção.

— Pode ir, o meu motorista vai te levar.

— Obrigada.

Ele nem responde, como fui me meter nessa confusão, a minha vontade e mandá-lo se foder. Esse idiota! Por que fui me apaixonar logo por ele?

Pego a minha bolsa e saio, o motorista está do lado do carro me esperando, ele abre a porta e entro.

— Para onde, senhorita?

— Você poderia me levar a uma farmácia?

— Claro.

O meu único desejo é que esse teste dar negativo, porque se der positivo estou perdida.

Tem quinze minutos que estou segurando esse teste sem ter coragem de olhar o resultado, uma angústia toma conta de mim.

Tomo coragem e o viro, lágrimas e mais lágrimas caem no meu rosto, conhecendo ele como conheço tenho certeza que vai falar que fiz de propósito agora sim ele me mata, deu positivo.

Levanto-me e limpo o meu rosto, ele que se exploda não fiz nada sozinha.



Nicolai Pezzino

Estou fazendo de tudo para evitar me encontrar com ela, toda vez que a vejo a minha única vontade é apertar aquele pescoço.

Aquela viagem foi um desastre em todos os sentidos, ela acabou com um negócio que eu estava trabalhando há três meses. Tento me aproximar da Valéria quando finalmente consegui, ela estraga tudo.

Imagens dela com aquela roupa, isso se aquele pequeno pedaço de pano pode ser chamado de roupa. Cada homem que passava por ela a comia com os olhos. Só de imaginar a sua petulância desafiando-me na frente de todos. O meu sangue ferve de raiva.

Não sei como me controlei com aquele rapaz, o meu pensamento era matá-lo ali mesmo, o único motivo que não fiz isso foi quando olhei para ela e vi que esta estava apavorada.

Tenho que admitir que quando vi aqueles olhinhos cheios de água por algum motivo, quis tirar tudo que falei, mas não consigo.

No final é melhor assim mesmo, não suportando a Valentina tenho a

obrigação de cumprir o acordo feito pelos nossos pais e conhecendo a Isabela como eu a conheço, nunca que ela aceitaria se tornar a minha amante. Esta era a proposta que tinha para fazer para ela, hoje vejo que jamais aceitaria esse acordo.

Saio do meu quarto quando vou passar pela porta do dela e ouço um barulho estranho, abro a porta e nada entro e vejo que a porta do banheiro está aberta a vejo debruçada no vaso sanitário vomitando. Aproximo-me, quando ela me vê dá descarga e se senta na tampa.

Vejo-a abaixar a cabeça e ficar assim por um tempo.

— O que você tem?

— Nada — fala limpando a boca na blusa.

— Então o que estava fazendo?

— Estava procurando o Nemo, pelo amor de Deus.

Ela se levanta e sai do banheiro me deixando aqui plantado igual um idiota.

Respiro fundo para não arrancar um dente da sua boca, vou atrás dela.

— Tem como você deixar de ser mal-educada e me responder porra.

— Não estou a fim, e tem outra já respondi. — Aperto a minha mão em punho para não a esganar agora mesmo.

— É impossível ter um diálogo decente com você, às vezes me esqueço o quanto você é infantil.

— Obrigada pela observação, mas dispenso. Se eu quiser uma análise procuro um especialista e tem mais, não sei o porquê da pergunta, até parece que se importa comigo.

Tento me conter, mas quando vejo já estou prensando-a na parede. Ela tenta se soltar, mas prendo os seus braços para trás.

— Me solta, Nicolai, que mania mais insuportável de me prender na

parede, que inferno...

Não consigo prestar atenção em nada do que sai da sua boca, o meu único pensamento é em seus lábios nos meus e assim faço. Ela tenta se soltar, mas a seguro com mais força, quando penso que ela não vai mais lutar sinto um forte gosto metálico e a solto.

Encosto a mão na boca.

— Você me mordeu? — pergunto ainda não acreditando no que ela acabou de fazer.

— Você não tem o direito de fazer isso — responde passando a mão na boca.

Está com tanto ódio que o seu rosto está vermelho.

— Você... — fala apontando o dedo para mim. — Acha o que hein, que depois de me tratar como um lixo, eu vou fazer o quê? Ficar aqui pronta para a hora que quiser, está muito enganado quero que você vá para o INFERNO está me ouvindo? Eu tenho sentimentos sabia? Você me destruiu com palavras e acha que vai ficar tudo como antes? Está muito enganado, eu já te falei e vou repetir, eu não sou sua prostituta está me ouvindo.

A sua mão está tremendo, lágrimas já inundam os seus olhos.

— Isabela, deste o começo, falei que era só sexo. O que você achou que iria acontecer que iríamos namorar ou o que, me fala?

Ela se senta na beira da cama, quando levanta o olhar por um momento apenas gostaria de lhe abraçar e ficar assim até vê-la melhor, mas não posso fazer isso, ela sabia que não iria haver nada a não ser sexo entre nós.

— Sabe qual é o problema disso tudo? É que por mais que eu não queira acabei me apaixonando por você, se não pode retribuir esse sentimento, então não tente me usar. Você não tem esse direito de brigar comigo na hora que bem desejar, eu não sou um objeto.

Estas palavras saindo da sua boca me desarmam imediatamente, sou um monstro e sei também que se ela fica do meu lado vai se destruir como todos a minha volta. Gostaria de retribuir o que ela sente por mim, mas sou incapaz de corresponder a esses sentimentos. Não só por ela, mas por ninguém. Mas lá no fundo sei que estou mentindo para mim mesmo, ignoro esse pensamento.

— Eu não posso retribuir este sentimento.

— Por que não?

— Isabela, mesmo se eu pudesse retribuir, o único jeito de ficarmos juntos seria se você quisesse ser minha amante você aceitaria?

— Nunca.

— Eu sei disto, por isso não te fiz essa proposta, infelizmente tenho um acordo para cumprir com a Valentina e um acordo na máfia não é quebrado nem mesmo por mim.

— Me deixa ir embora, Nicolai, por favor.

— Você sabe que não posso deixar.

Ela limpa o rosto e fica cara a cara comigo.

— Nicolai, tenho algo para te falar.

A sua expressão muda de tristeza para medo, tem algo errado?

— Fala.

— Descobri quem te roubou.

— Quem?

Ela fica em silêncio por um tempo, sei que ela está me escondendo algo.

— Responde, Isabela quem?

— Verônica Mancini.

— O que? Você tem certeza disto?

— Sim — ela fala e abaixa a cabeça.

Por que sinto que tem mais alguma coisa?

— Você descobriu hoje?

Ela fica calada. Chego mais perto.

— O que você está me escondendo? RESPONDE.

— Nicolai! Por favor. Ela está tremendo

— FALA.

— Não.

Já estou segurando o seu braço.

— Quando?

Ela olha para mim e começa a chorar.

— Na primeira semana.

Um ódio tão grande toma conta de mim seguro no seu pescoço.

— Vou te matar, Isabella.



Isabela Miller

— Me solta, Nicolai!

— Por que você não me falou isso antes Isabela? — fala me soltando.

O meu coração está acelerado, não queria, mas estou morrendo de medo dele, tento me afastar, sou impedida quando o sinto segurar o meu braço.

— Responde! A paciência que eu tinha com você acabou. No momento que descobri que você é uma mentirosa.

— Você queria o que, hein? Falar no começo disso tudo? Você só me ameaçava! Eu tive medo, tá bom? Medo do que você poderia fazer. Medo de ser machucada e medo de tudo isso, por essa razão eu menti e para falar a verdade não me arrependo de nada.

— Você teve muitas oportunidades para me falar, mas preferiu esconder algo tão importante, o meu arrependimento é de ter confiado em você.

Cada palavra que sai da sua boca dói, mas ele tem que entender, eu não tive escolha.

— Então me responda o que você iria fazer comigo se eu tivesse lhe contado antes?

Ele fica calado.

— Está vendo? No fundo você sabe a resposta. Vamos ser sinceros, se eu tivesse lhe contado eu não estaria viva ou então estaria em uma das suas casas de prostituição, como você mesmo falou.

— Isso não muda o fato de que você sempre soube, tem ideia do que eu poderia ter evitado se soubesse da verdade? Primeiro — fala apontando o dedo para mim — não teria se ferido naquele tiroteio na boate.

— Para Nicolai, para de fingir que se preocupa comigo — falo aos gritos.

— Se eu não me preocupasse com você, já estaria morta há muito tempo.

— VÁ PARA O INFERNO, não quero nada seu. — Limpo o meu rosto das lágrimas já nublam a minha visão, isso tudo é mentira nada do que ele fala é verdade. — Não acredito em nada que você me fale.

— Você acredita no que quiser já é bem grandinha para saber o que é melhor. Só não se esqueça que eu nunca menti sempre te falei que iria ser só sexo, você que colocou sentimentos nesta merda.

— Desculpa se me apaixonei por um completo imbecil como você.

Ele me prende contra a parede e fecha a mão em punho. Fecho os meus olhos esperando o impacto que não veio. Abro os olhos para ver a mão dele na parede do lado do meu rosto, observo a sua mão está toda machucada. Ele acertou um soco na parede, me desespero de medo.

— Me deixa ir embora, Nicolai...

— Se eu já soubesse, porque dela ter te colocado no meio disso, pode

ter certeza você não estaria mais aqui.

Meu coração se aperta.

— Grave bem estas palavras! Você vai se arrepender de tudo isso.

— Eu nunca me arrependo de nada.

— Eu espero que isso seja verdade.

Ele se vira para sair.

— Nicolai ainda não terminei.

— Qual é a mentira agora?

Engulo as minhas palavras.

— Não é nada.

Ele sai batendo a porta com força. Sai levando um pedaço do meu coração com ele, sei que menti, mas não me arrependo de nada, preciso dar um jeito de fugir daqui.

Não suporto mais tenho que dá um jeito. Pego meu notebook e começo a pesquisar, se eu conseguir fugir. Tenho que ter um país e não pode ser os Estados Unidos esse seria o primeiro lugar que ele iria me procurar.

Fico até altas horas pesquisando, no final decido pela Irlanda. É um país calmo, perfeito para criar o meu filho bem longe deste inferno que é a vida do seu pai, ele nunca vai saber, esse filho é só meu — penso passando a mão na barriga.

Perfeito, tenho umas economias. Dá para uns cinco meses. Assim que chegar lá, darei um jeito de arranjar um emprego. A parte difícil será sair daqui.

Pensa qual o único jeito do Nicolai me tirar daqui, do jeito que ele está com ódio falar que quero ir a um restaurante não vai ajudar merda o que eu faço?

Enquanto penso, troco de roupa. Visto uma calça jeans, calço o tênis pego a minha bolsa e retiro o passaporte e a identidade e pego meu cartão.

Coloco-o no bolso de trás da calça, visto um moletom grande com o tema de Game of Thrones esse vai até à metade da minha bunda, ótimo.

Já são seis horas da manhã não consegui dormir de jeito nenhum, ele não dormiu aqui esta noite, escovo os meus dentes amarro os meus cabelos em um rabo de cavalo e saio do quarto vou para a sala, a porta está destrancada.

Abro a porta e não tem ninguém, penso que ele nunca pensou que eu poderia querer fugir daqui. Não tem como ir pelas escadas, pego o elevador coloco o capuz do moletom e abaixo a cabeça. O elevador para e saio em nenhum momento levanto a cabeça, já próximo da saída vejo dois seguranças dele.

— Merda.

— Posso ajudar, senhorita?

— Pode sim, estou um pouco tonta acho que minha pressão baixou.

— Você quer que eu ligue para alguém?

— Se você puder trazer um pouco de sal ajudaria.

— Vem comigo, tem uma cozinha ali atrás.

— Nossa, sério perfeito.

Vou com ele, entramos em uma pequena sala atrás do balcão que ele estava.

— Pode se sentar aqui. Vou pegar o sal — fala apontando uma cadeira do lado da porta.

Obrigada.

Ele apenas balança a cabeça e se vira começando a procurar o sal, aproveito e fico de pé me aproximo do alarme de incêndio e aperto, um barulho muito alto começa.

— O que aconteceu?

— É o alarme de incêndio, moça, acho melhor irmos para fora.

— Ok.

Saímos e vejo os seguranças do Nicolai correndo em direção às escadas, um sorriso se forma no meu rosto.

— É melhor ficar aqui fora moça até termos certeza.

— Claro.

Ele se distancia, aproveito e saio dali ando mais rápido até encontrar um táxi entro e fecho a porta, suspiro de alívio.

— Para onde, senhorita?

— Aeroporto, por favor.

Pelo menos a primeira parte do plano deu certo.

Depois de uns vinte minutos ele me deixa lá, saio, e vou comprar a passagem, compro e dou sorte, o embarque é daqui a vinte minutos. Fico sentada até o horário, quando o embarque é anunciado me dirijo até o check-in.

—Boa viagem, senhorita.

— Obrigada.

Entro e procuro o meu assento, só depois do avião levantar vôo é que me sinto segura. É hora de começar uma nova vida longe de tudo isso. Amo o Nicolai, mas não posso viver assim, antes de tudo amo esse bebê que está dentro da minha barriga.



Nicolai Pezzino

Sai do quarto dela com tanto ódio que a minha única vontade é matar aquela vadia da Verônica, se ela pensa que está a salvo se enganou profundamente vou arrancar a verdade custe o que custar. Pego o meu celular e ligo para o Paollo.

— Nicolai, algum problema?

— Paolo quero que você leve a Verônica Mancini para o galpão e a deixe lá chego daqui a pouco.

— O que aconteceu, Nicolai?

— Descobri que foi aquela vadia que me roubou.

— Ok. Vou fazer isso.

Desligo o celular, tomo um banho e me visto, “eu me apaixonei por você”, suas palavras ficam se repetindo várias e várias vezes.

— Droga.

Porque ela tinha que se apaixonar por mim, não posso sentir nada por ela, não posso. Cada vez que fecho os meus olhos, as imagens dela aparecem,

eu a odeio por ter escondido essa informação de mim, quem ela pensa que é afinal?

Saio do quarto e pego o elevador em menos de trinta minutos chego ao galpão. Saio do carro e entro.

A cena que vejo faz meu coração se acelerar a adrenalina corre solta nas minhas veias, um prazer fenomenal, só de imaginar o que vou fazer com ela.

— Tem certeza disto, Nicolai?

— Tenho. Ela vai me falar tudo que quero ouvir.

— Ok então, qualquer coisa é só me chamar vejo que isso vai demorar.

— Pode apostar.

Ele sai, agora somos somente nós dois.

Chego perto da cadeira na qual que ela está amarrada e me aproximo.

— Nicolai o que está acontecendo?

— Verônica Mancini, não tem nada que você queira me contar?

— Claro que não, o que aconteceu?

E o Paollo estava certo vou passa um bom tempo aqui, retiro o meu blazer e fico cara a cara com ela.

— Primeiro quero que você me diga, por que me roubou?

Ela está apavorada começa a gaguejar na hora.

— Eu... eu nunca faria isso.

— Tem certeza?

— Claro.

Dou-lhe um tapa na sua cara, ela começa a chorar.

— Por que está fazendo isso?

— Você pensa que sou idiota?

— Claro que não.

— Então me fale, já sei que foi você que me roubou, mas o que está mais me incomodando é saber o porquê você colocou a Isabella, no meio disso tudo.

— Isabela, quem é Isabela?

Mais um tapa. Aproximo-me da mesa e pego o meu alicate.

— Por favor, Nicolai eu vou ser a sua sogra para por favor.

— Você acha mesmo que me importo com isso. Estou louco para saber que a sua amada filha está no meio disso, para poder arrancar cada dente daquela boquinha.

— Você está louco.

— Não querida, você não me viu louco — falo pegando o alicate e aproximando-o do seu dedo pressionado e em poucos segundos ele já está no chão.

Ela começa a se debater e a gritar, quando mais ela grita mais a felicidade me domina, meu sorriso aumenta. Já estamos aqui há três horas e não consegui nada.

— E aí Verônica decidiu me falar. — Passo o meu canivete no seu rosto limpando-o.

— Por favor, Nicolai...

— Fala!

— Eu não sei de nada.

— Sabe, Verônica, já me cansei disso vou tornar isso mais interessante, acho que vou mandar buscar a sua linda filha o que você achar?

— Ela vai ser a sua esposa.

— Eu não me importo se ela não tiver os dentes na cerimônia.

— Por favor, ela não sabe de nada.

— Se você quer tanto proteger ela, me fala o que quero saber.

A vadia começa a rir, dou mais dois socos no seu estômago.

— Qual é a graça?

— Sabe, Nicolai em pensar que tudo isso poderia ter sido evitado, se você tivesse matado aquela vadia.

— Fala.

— Tenho certeza de que não vou sair daqui viva, mas minha filha não sabe de nada, não a coloque no meio disso.

— É só você me falar toda a verdade, que nada acontecerá a ela.

— Espero que cumpra a sua palavra.

— Você não tem que esperar nada, me fale logo.

— Vou te contar uma história, Nicolai.

— Não quero saber de história nenhuma, quero a verdade.

— Mas é disso que se trata. Depois que você ouvir tudo saberá a verdade.

— Então comece logo essa merda.

— Há vinte anos eu tinha uma amiga, não, quero dizer, uma melhor amiga, o nome dela era Luciana. Sabe, crescemos juntas e considerava uma irmã, mas tudo isso mudou quando eu me apaixonei por um rapaz fiquei muito feliz quando fui contar para ela. Fiquei sabendo que esse mesmo rapaz era noivo dela. Ela não sabia de nada, foram os pais dela que fizeram este acordo, fiquei calada não contei para ela de nada. Tentei matar esse sentimento dentro de mim, mas não consegui, fui ao seu casamento vi a felicidade dela, mas tudo mudou.

— Não quero saber da sua vida, quero saber a verdade.

— Calma, logo você vai entender onde quero chegar. Tudo mudou, ela ficou sabendo das crueldades do seu marido, muito inocente sabemos que nascemos na máfia isso vem junto do fardo de se casar com um mafioso.

Logo depois ela ficou grávida, como o seu marido era na época o braço direito do Dom eles fizeram um acordo. O acordo era que o filho do

Dom na época uma criança deveria se casar com a primeira filha do seu grande amigo. Tenho que admitir, eu morri de inveja e raiva dela. Na época ela não fazia ideia do que isso significava, era uma ignorante. Eu me mantive perto na época do parto, fiquei com ela, o seu marido não estava na cidade, tudo estava planejado subornei o médico, ela não fazia ideia, mas não sairia viva daquele hospital.

Para todos ela morreu no parto com a sua filhinha recém nascida, mas o que os outros não sabem é que a filha dela não morreu, o meu maior arrependimento é não ter matado ela ali mesmo.

— O que você está querendo dizer com isso tudo.

— O que quero dizer, Nicolai é que o Dom na época era o seu pai, o amigo dele o meu querido marido e a Luciana bem a Luciana era a mãe da vadia que você manteve na sua casa esse tempo todo.

— A Isabela é filha do Esteves?

Ela cospe sangue.

— Sim, ela é.

— Ela é minha verdadeira noiva.

O meu coração está acelerado, merda a Isabela é a minha verdadeira noiva, droga saio de perto dela e fico um pouco perto da porta.

Depois de uns vinte minutos pensando, volto, quero saber toda a verdade.

— Por que você me roubou?

— Pensei que seria épico o próprio noivo matar a noiva, o que não estava nos meus planos era que tudo não sairia do jeito que planejei, estava tudo certo se você tivesse matado ela nada disso teria acontecido. Subornei o seu hacker para incriminar a Isabella, todas as provas levavam para ela.

Os pequenos roubos, tudo, mas não você tinha que trazê-la logo para cá, tentei matá-la duas vezes e nada, deveria tê-la matando quando era um

bebê, mas na época fiquei com pena e a mandei para bem longe, hoje vejo o meu erro.

— Você fez isso tudo, para a sua filha se casar comigo?

— Na época não pensei nisso, foi apenas um bônus só queria ficar com o Esteves.

— Você é uma vadia, me usou para o que você queria.

Sou interrompido quando sinto o meu celular no bolso, pego e vejo que é o Paollo.

— O que é tão importante para você me interromper.

— Nicolai, a Isabela fugiu.

— Ela o quê?

— Estou vendo as imagens do sistema de segurança, ela acionou o sistema de incêndio e fugiu já tem uma hora.

— Porra. Quero todos atrás dela agora mesmo está me entendendo. Agora!

Ouçó uma risada me viro para a Verônica.

— Qual é a graça?

— Parece que nós dois vamos perder algo hoje, eu a vida, e você a futura esposa.

— Aí que você se engana, eu nunca perco nada — falo retirando a minha arma da cintura e dou três tiros na sua cabeça.

Saio dali e entro no carro.

— Para onde senhor?

— Para casa.

Isabela. Vou te achar nem que seja a última coisa que eu faça. Afinal você será a minha futura esposa, por algum motivo um sorriso se formar no meu rosto.



Isabela Miller

Já faz quatro meses que fugi do Nicolai, para falar a verdade no começo foi difícil começar do zero. As coisas estão caminhando muito bem. Estou com quase cinco meses de gravidez amanhã tenho consulta e o médico me disse que talvez dê para saber o sexo do bebê. Eu queria deixar tudo para trás, mas não dá, vira e mexe me pego pensando nele. Nas suas carícias e nos seus beijos, gostaria de esquecer, mas é muito difícil.

Depois que cheguei em Dublin, na Irlanda decidi ir para Limerick por ser uma cidade mais nova com a sua alta concentração de pubs e restaurantes, foi graças a isso que consegui um emprego de Bartender em pub local. Aqui é tão lindo, o estilo rústico e medieval me faz lembrar tanto de Game of Thrones, e do meu amado Jon Snow, só de lembrar disso me dá uma grande saudade da minha espada.

O dono do pub que trabalho é um senhor muito bom mesmo, trabalho para ele a noite e consegui um pequeno apartamento que divido com a Laura. Uma menina de dezoito anos que faz intercâmbio, ela é da Itália também,

mas para todos aqui sou apenas uma americana a procura de um lugar para viver com o meu filho. Nunca fui de ter amigas, mas a Laura é ótima, quando estou perto dela é como se ela fosse a minha irmã, além de ser muita mais doida do que eu. Economizo tudo que posso, afinal faltam quatro meses para o meu filho nascer.

— Isa, olha o que eu trouxe para o meu afilhado?

— Que afilhado, Laura?

— Nossa... Isabela porra, eu não vou ser madrinha do seu filho?

— Estou brincando, boba e lógico que é você.

— É bom mesmo porque, já me considero

— Você está lendo muito, mostre logo o que você trouxe.

Ela me dá uma caixa, abro para ver um macacão com o tema do Harry Potter, lágrimas já se formam nos meus olhos.

— Eu vou te matar, Laura você sabe que amo o Harry Potter.

— Sei e é por isso que somos amigas. — Ela se senta no sofá comigo e fica assistindo os sete pecados.

Laura é escritora e como eu adora animes e séries a única diferença é que ela fala tudo que pensa, resumindo é doida.

— E o seu livro?

— Mandei para várias editoras só esperando uma resposta.

— Você vai conseguir, ele é ótimo.

— Tomara mesmo o meu sonho é conseguir sobreviver só escrevendo livros.

— Você vai conseguir.

— Você sabe que é por isso que te amo.

— Eu sei.

Ela faz um intercâmbio cultural, para se aprimorar para o seu livro.

— Você não tem vontade de voltar para a Itália?

— Por enquanto não, você sabe não deu muito certo com a minha família e toda aquela merda de vida.

— É sei.

— Mudando de assunto amanhã é sábado que tal irmos passear um pouco?

— Com certeza.

— Ok então. Amanhã vamos a sua consulta de manhã e de lá, vamos passear.

— Combinado, estou louca para saber se é menino ou menina.

— Eu também, mas no fundo gostaria que fosse uma menina imagina as roupas que poderemos comprar para ela, já estou até imaginando ela de Hermione. Melhor ainda de vampira, ou então de bruxa ia ser muito louco.

— Calma aí! Não se esqueça da Daneres.

— E se for menino nós vamos vestir ele de Jon Snow.

— Ia ser perfeito.

— Vai ser perfeito, confia em mim.

— Tenho medo de não conseguir sozinha.

Ela me dá um tapa na cabeça.

— Isso dói — falo passando a mão.

— E quem te falou que está sozinha, eu não sou ninguém é?

— Você tem sua vida, não quero te atrapalhar ainda mais.

— Pode ficar tranquila, assim que você ganhar o nosso filho ficará com ele e eu trabalho nem que seja em uns dois a três empregos, mais não vai faltar nada para você e o bebê eu te prometo, você agora é minha família.

— Por que você não apareceu na minha vida antes?

— Provavelmente porque, não era à hora certa.

Terminamos de assistir e fomos dormir e na manhã seguinte me arrumo e espero a Laura na sala.

— Anda logo sua doida, tenho hora marcada.

— Já estou indo.

Ela aparece na sala, com as suas típicas roupas pretas.

— Já te falei que adoro a cor do seu cabelo?

— Sério? Tô pensando em pintar de preto — fala pegando em uma mecha e a analisando.

— Eu te mato se você pensar em pintar ele.

— Tá bom! Oh!... Estressadinha, não era você que estava atrasada?

— É mesmo, vamos.

Saímos e pegamos um táxi em menos de vinte minutos chegamos.

— Estou tão nervosa.

— Calma estou aqui.

Ela segura na minha mão enquanto o médico passa um gel em minha barriga.

— E aí doutor, vai dar para ver o sexo?

— Acabei de ver.

— Então desembucha.

— Laura!

— O que foi?

— Pode deixar Isabela, já estou acostumando com o jeito da sua amiga.

— Desculpa, doutor.

— Parabéns é uma menina.

Meu coração se enche de alegria, uma menina.

— Sabia não te falei Isabela é uma menina, vou ser a melhor madrinha para ela.

— Eu sei disso.

Saímos e ficamos a tarde toda andando pela cidade, nunca pensei que

seria tão feliz como agora.

Assim, deu sete horas nós duas nos vestimos e saímos para trabalhar.

O pub nos finais de semana fica lotado.

— Daqui em um mês quero ver se você consegue ficar em pé tanto tempo, vou colocar uma cadeira aqui dentro assim se você se cansar é só sentar.

— Não precisa, Laura.

— Me fala isso quando estiver com os pés inchados.

— Credo.

— Que tal uma das gostosas me servir uma cerveja. — Viro-me no mesmo tempo que ela, quando vou responder ela já começo a ficar só observando.

— Claro, pego a cerveja e enfio no seu cu seu idiota.

— O que você falou garota?

— Além de escroto é surdo?

— Vou falar para o dono dessa porcaria, como sua funcionária está tratando os clientes.

— Quando você o ver, aproveita e manda um beijo, fala que foi a Laura que mandou.

Ele sai resmungando.

— Você gosta de arrumar confusão?

— Só esse bando de imbecil começa a tratar as mulheres com respeito, ele deu sorte já ia pular este balcão e arrebentar a cara dele.

— Tenho certeza disso.

Ela me dá um beijo no rosto e vai atender outros clientes.

Já é uma hora da manhã a Laura já se arrumou e foi dormir. Prefiro ficar um pouco na sala assistindo televisão.

Quando vou me levantar para ir para a cama, ouço um estrondo. Viro-

me para ver dois homens entrando, no impulso fico de pé e vejo a Laura correr em minha direção ficando do meu lado.

A pessoa acende a luz, o que vejo me deixa sem chão, na frente está o Nicolai e logo atrás dele está o Paollo.

Ele anda até nós, me olha dos pés à cabeça, dá um dos seus sorrisos.

— Sentiu saudade, amor?



Isabela Miller

Minhas mãos estão tremendo. O meu coração parece que vai sair pela boca não estou conseguindo me mexer estou em choque.

— Não vai me dar as boas vindas, amor?

Por um milagre, consigo mexer a minha língua novamente.

— O que você está fazendo aqui?

— Não era essa a recepção que eu gostaria, mas entendo. Vim te levar para casa.

— Que casa? Você é louco, vá para o inferno. — Já estou gritando.

Sinto a mão da Laura no meu ombro.

— Você conhece este cara, Isabela?

— Infelizmente.

— Assim fico magoado.

— Vou te matar, Nicolai. Agora que estou começando a ter uma vida de verdade.

— Ninguém está falando com você idiota!

Ela fica na minha frente como uma muralha.

— Quem é essa, Isabela?

— Não é da sua conta.

— Aí que você se engana meu amor, tudo relacionado a você é da minha conta.

Agora é a minha vez de sorrir.

— Deste quando? Você acha isso, vai se foder Nicolai e aproveita e vá para o quinto dos infernos.

— Tem como essa garota sair da sua frente, eu preciso conversar com você.

— Eu não vou sair, ela não quer conversar com você.

— Paollo tire-a daqui!

O Paollo vem na nossa direção, uma coisa que me esqueci de falar é que a louca da minha amiga faz aulas de defesa pessoal a um bom tempo, vejo a mão da Laura se fechar de ódio.

— Não faça isso, Laura, por favor.

Mas vem me falar, se ela me ouviu.

O Paollo fica na nossa frente e tenta pegar no braço dela em menos de um segundo a Laura desvia e lhe acerta um chute no abdome.

— Garota. Vou te matar.

— Nicolai mande-o parar.

— Eu não, estou gostando de ver isso — fala cruzando os braços na sua frente.

— Paollo, para! — Mas nenhum dos dois me ouve.

— Laura, pode ficar tranquila, só vamos conversar.

— Você vai e estou esperando. — Ela fala dando um passo na direção dele nem me escuta.

— Merda, Nicolai. Porra, faz alguma coisa.

—Tá! Bom amor, vocês dois parem com isso agora.

— Para de me chamar de amor inferno...

A Laura se vira para me olhar, nisso ele a imobiliza.

— Solta ela!

— Leva ela para o quarto e fique com ela lá, tenho que conversar com a Isabela.

— Se eu não a matar lá dentro.

Tento passar para ajudá-la, mas o Nicolai segura o meu braço. Ele a leva para o quarto e fica lá, a minha cabeça já está explodido.

— Pode ficar tranquila, ele não vai fazer nada com ela.

— Eu não tenho certeza de que ela não vá fazer nada com ele.

— Precisamos conversar, Isabela.

— Você já falou mais eu não estou a fim.

Dou graças a Deus que estou com uma blusa grande de moletom, a minha barriga não está aparecendo.

— Isso é bem maior do que nós dois, então você vai me ouvir.

— Você tinha é que tomar vergonha na cara, não deveria estar com a sua mulher.

— Se senta preciso conversar com você.

— Estou bem assim.

— Você que sabe, respondendo a sua pergunta não me casei.

Fico sem responder, mas lá, no fundo fico feliz.

— Não era você mesmo que falava que não podia ir contra a sua amada máfia.

— Aconteceram muitas coisas depois que você fugiu. — Ele começa a andar em minha direção dou um passo para trás, tento tomar distância.

— Fica longe de mim.

Coloco um braço na minha frente tentando impedi-lo.

— Por que eu faria isso?

— Sai daqui, Nicolai, vai viver a sua vida e me deixa em paz.

— Não posso, Isabela, porque a minha vida é você.

Começo a sorrir.

— Fala sério você pensa que vou acreditar em uma palavra sua.

— Por que eu mentiria?

— Você é louco por isso.

— Tenho que admitir que não me comportei muito bem com você.

— Você me tratou como um lixo.

— Desculpa.

— Agora pode parar com isso, o que você não está me contando.

— Eu descobri por que da Verônica ter te colocado no meio disso tudo.

— Não quero saber.

— O problema é que você precisa saber.

— Não, não preciso, vá embora daqui.

— Eu só vou com você. Ele dá mais um passo

— Perdeu seu tempo, eu não saio daqui.

— Você vai comigo.

— Não vou mesmo.

Ele aperta as têmporas.

— A paciência que eu tinha com você já acabou.

Ele me pega pelas pernas, me colocado no seu ombro mais uma vez.

— Me coloca no chão Nicolai!

— Você vai vir comigo.

— Eu não posso ficar nessa posição.

Desespero-me, meu bebê.

— Você já ficou assim antes e nada aconteceu, ele dá um passo em

direção a porta.

Merda, merda, merda.

— É seu idiota, mas eu não estava grávida.

Como em um passe de mágica ele para e me coloca no chão, tento controlar a minha respiração, quando olho para ele está branco igual papel.

— O que você falou?

— Estou grávida Nicolai.

— Você fugiu carregando um filho meu?

— E não me arrependo.

Ele abre a boca para responder, mas ouvimos um barulho de tiro corremos até o quarto, abrimos a porta para ver a Laura com uma arma apontada para o Paollo e ele no chão com a mão no braço.

— O que você fez, Laura?

— Atirei nele.

Ainda estou com a boca aberta.

— Como você conseguiu essa arma?

— Depois te explico.

Nicolai entra no quarto e fica próximo do Paollo.

— Foi de raspão.

Ele levanta-se, o seu braço direito está sangrando, pego uma camiseta da Laura que estava na sua cama e chego perto dele.

— Obrigada, Isabela.

Viro-me para ela.

— Abaixa isso, Laura!

— Ainda bem que essa doida é ruim de mira.

— Quem te falou que sou ruim? Meu querido se eu quisesse você já estaria morto numa hora dessas. Só não achei que valeria a pena ir para a cadeia por matar você — fala colocando a arma em cima da cama e começa a

olhar as unhas.

— Garota! Juro que quando eu te pegar, vou fazer você me pagar por isso.

— Sou escritora, não tenho dinheiro, só muita imaginação.

Ele vai em direção a ela, me coloco no meio.

— Parem com isso vocês dois, por favor.

— Você está bem, Isabela?

— Estou um pouco tonta.

— Vem cá.

Ela segura a minha mão e me leva para a sua cama.

— Vou pegar um copo de água para você.

Balanço a cabeça.

Quando ela vai passar pela porta o Paollo está lá, o seu olhar e de puro ódio.

— Sai da frente!

— Laura!

— Que foi? Este cabeção está na frente ocupando todo o espaço.

— Deixe-a passar, Paollo.

Ele obedece e também sai.

— Já volto, Isa.

— Onde você encontrou essa garota?

— Ela é uma das poucas pessoas que me ajudou desde que cheguei aqui.

Ele vem em minha direção, retira a arma de cima da cama e a coloca na cintura.

— Deita um pouco.

Gostaria de não obedecer, mas estou cansada, me deito.

— Por que você fugiu?

— Você queria o quê? Que eu ficasse para ver o seu casamento com aquela mulher, não obrigado.

— A minha vontade é te matar, por ter fugido e por ter escondido a existência de um filho meu.

— Filha.

— O quê?

— Filha. Estou esperando uma menina descobri hoje.

— Vou ser pai de uma menina?

— Não, eu vou ser mãe de uma menina, você eu ainda não sei.

Ouçõ uma discussão.

— Teu rabo — fala a Laura entrando no quarto

— O que aconteceu?

— O idiota do amigo desse aí, perguntei se ele queria que eu fizesse um curativo e ele mandou-me ir pastar, até parece que sou da família dele.

— E você sabe fazer curativo?

— Não estou falando com você.

Vejo o Nicolai se levantando para ficar na frente dela.

— De novo não, tem como vocês pararem.

— Escuta bem, eu já matei pessoas por muito menos.

— Isso só mostra o quanto você tem problemas sérios, deveria procurar ajuda.

— Para de provocar, Laura.

— Vou fazer isso por você.

Ela me entrega um copo com água, bebo e fico encostada na cabeceira da cama.

— Vou ficar lá na sala qualquer coisa é só gritar, que o coloco daqui para fora.

Vejo que o Nicolai vai falar mais alguma coisa decido interrompe

mais uma vez.

— Não, Nicolai.

Ele olha para mim e depois para ela, dá um suspiro e se senta na cama. Ela sai e fecha a porta.

— Você nunca iria me contar do nosso filho?

— Não.

— Estou tentando não estourar com você, mas está bem difícil.

— Na sua vida não tinha espaço para mim e duvido que teria para esse bebê.

— Se eu te falar que agora tem.

— Eu te falaria que não quero envolvimento com a máfia.

— Isabela, você já está envolvida.

— Eu estava envolvida quando estava com você, agora não estou mais.

Você sempre esteve envolvida.

— O que você está falando?

— Isabela o meu pai fez um acordo com o Esteves há vinte anos de que a primeira filha que ele tivesse seria a minha esposa.

— E?

— A Valentina não foi a primeira filha dele.

Fico olhando sem saber o que dizer.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Porque você foi a primeira filha dele.

— Você fumou maconha antes de vir para cá, só pode.

Mas contrariando o que pensei, ele não sorri, fica com a expressão séria.

— Você está brincando?

Minhas mãos começam a suar.

— Não brinco com coisas sérias.

— O que você está querendo dizer é que sou sua noiva?

— Sim — fala pegando na minha mão.

— Me conta a história completa.

Depois de um tempo, ainda não consigo acreditar minha mãe, sempre pensei que ela não me quis para depois saber tudo que aquela vadia fez de mal na minha vida. Ela destruiu tudo um amor que pensei que não era digna uma família, uma mãe um pai tudo. Ele me abraça, fico encostada a cabeça no seu ombro por um tempo, no fundo do meu coração sinto a mesma coisa pelo Nicolai, esse amor que ele destruiu sem ao menos se importar com os meus sentimentos.

Afasto-me dele, limpo os meus olhos.

— E o Esteves?

No começo ele não reagiu muito bem em saber que matei a Verônica, mas depois que falei o motivo era ele que queria ter dado um fim nela.

— E a Valentina?

— Me amaldiçoou e outras coisas, que não vêm ao caso, você sabe que querendo ou não você tem uma obrigação com a família.

— Não tenho obrigação com nada.

— Já estou cansado de discutir com você, sei que é muita informação de uma vez vou te dar um tempo para aceitar. Você querendo ou não será a minha mulher no final. Estou em um apartamento aqui perto esse é o meu número, qualquer coisa que precise é só me ligar. Para deixar bem claro, vai ter uma equipe sempre próxima a você.

— Não quero seguranças.

— Conhecendo a sua amiga agora, sei que está protegida, mas mesmo assim eles ficam de olho em você e em nosso filho., amanhã volto, ainda temos muita coisa para resolver.

Ele me dá um beijo na testa, esse gesto faz com que o meu coração se acelera.

— Senti saudades de você.

E sai. Logo depois a Laura entra e começo a chorar.

— O que aconteceu Isa? Ele fez alguma coisa? — fala se levantando seguro no seu braço.

— Fica aqui comigo.

Ela se senta ao meu lado e começa a passar a mão na minha cabeça e com este gesto acabo lembrando dele.

— Vou te contar tudo, mas primeiro me fale como você conseguiu aquela arma?

— Você se lembra quando fui assaltada voltando de uma boate?

— Sim o que tem?

— Esqueci de te contar que o assaltante estava armado.

— Laura o que você fez?

Ela começa a rir.

— Eu tomei a arma dele e fiquei para mim.

— Nossa Isabela sua história daria um livro, puta que pariu.

— Pois é, o que faço?

— Não tem como eu te dizer o que fazer, mas acho que você precisa conversar com ele se não der certo, eu te ajudo a fugir de novo.

— Tenho certeza disso, por que você atirou no Paollo?

— Sério, odeio aquele cara, você acredita que ele tentou me beijar, deu sorte que não atirei nas suas bolas.

— Você é a melhor sabia, por isso que te amo.

— Eu também te amo boba, mas confesso que fiquei surpresa em saber o que eles fazem.

— Está com medo?

— Não diria medo, só surpresa eu sempre pensei que estes caras fossem velhos barrigudos com um charuto na mão.

— Depois você fala que sou eu que assisto muitos filmes.

— E o seu pai? Está pronta para reencontrá-lo?

— Pior que estou. Só a Valentina que não, na última vez que a vi ela pareceu meio neurótica, imagina agora.

— Se você decidir voltar com ele. Vou morrer de saudades de você.

— Fala me abraçando

— Calma Laura, eu ainda nem sei o que fazer e além do mais você é a madrinha da minha filha, ai de você se não fica perto dela.

Ela se aproxima da minha barriga.

Pode ficar tranquila viu minha princesa, a madrinha nunca vai deixar você sozinha.

—Eu e ela sabemos disso.

— Mass juro para você, é melhor aquele babaca do pai da sua filha consertar a porta.

— O que você fez para fechar ela?

— Escorei com o sofá, é melhor irmos dormir já está super tarde. Você fica aqui durmo no seu quarto.

Não falo mais nada, mas fico pensando, ele está mais bonito do que eu me lembrava.



Já são dez horas da manhã.

— Nós podíamos ir andar um pouco. O que você acha? E depois

comer um sanduíche?

— Eu devia estar comendo coisas mais saudáveis, mas você fica me chamando para comer sanduíche.

— Ta! Isabela, até parece que você não gosta.

— O pior é que amo.

— Eu sei, se veste que eu só vou pegar a minha bolsa.

— O que tem de errado com a minha roupa?

— Você é quem sabe, quem pode encontrar, desculpa a sinceridade o gostoso do pai da sua filha.

— Só um minuto.

Saio da sala e vou para o quarto pego um vestido solto de renda branco. Faço uma trança no cabelo e calço um tênis All Star, pego a minha bolsa.

— Vamos.

— Agora sim está parecendo gente.

— Eu sou gente.

— Tá bom sua safada.

— Por que eu sou safada?

— Vai me falar que em nenhum momento pensou em dar para ele, por isso o vestido.

Fico mais vermelha que um pimentão.

— Você é uma égua mesmo, hein! Só peguei o vestido porque é fresco.

— Não precisa ficar com vergonha, aí embaixo deve estar cheio de teias de aranha, dá mesmo.

— LAURA!

— ISABELA.

— Vamos logo antes que eu te mate.

Passamos a manhã toda andando, depois ficamos em uma lanchonete comendo dois sanduíches, batata frita e refrigerante. Nossa manhã foi ótima estamos chegando perto de casa quando vejo um carro parado, o Nicolai sai e vem andando em nossa direção, aperto a minha mão de tão nervosa que estou.

— Onde você estava?

— Sai um pouco com a Laura.

Ele olha para nós.

— Boa tarde para você também.

Belisco-a com força.

— Aí Isabela, doeu.

Ele não responde.

— Isa, qualquer coisa me liga.

Quando está quase entrando ela grita.

— Vê se fala para ele mandar alguém consertar a porta, e dá próxima vez usar a campainha.

— Não liga ela é assim mesmo.

— Ela é insuportável, entendo porque o Paollo quer tanto matar lá.

— Nicolai não o deixa fazer nada com ela.

— Às vezes nem eu consigo controlar ele, é só ela parar de ficar provocando, mas mudando de assunto quer tomar um café comigo?

— Eu gostaria, mas estou muito cheia, acabei de vir de uma lanchonete com a Laura.

— Então vamos para o apartamento que estou ainda temos que conversar.

— Está bem.

Ele abre a porta do carro para mim, entro e me sento, ele se senta do meu lado. A todo o momento fico olhando disfarçadamente a minha mão que

coça de vontade de tocá-lo.

Ele segura a minha mão e a leva aos lábios.

— Você não imagina o quanto esperei para fazer isso.

— Pensei que não fosse importante para você.

— Não fala isso, você sempre foi. Só fui idiota de não ter percebido antes, sei que você não vai me perdoar de um dia para o outro, mas espero que consiga, porque estou louco para ficarmos juntos de novo.

— Para de ficar falando essas coisas.

Ele segura o meu rosto.

— Por que não?

— Já me machuquei demais por gostar de você.

— Me dá mais uma chance para mostrar para você que posso mudar.

— Nicolai se eu te der mais uma chance e você me magoar de novo nunca mais vou te perdoar.

— Isso é um sim.

— É um talvez.

— Melhor que um não.

Já tem uns cinco minutos que chegamos, estou sentada no sofá, esperando por ele que foi atender uma ligação.

— Desculpa a demora.

— Não demorou tanto, o que você gostaria de conversar?

— Você terá de fazer um exame de DNA para comprovar se é filha mesmo do Esteves.

— Já imaginava, mais alguma coisa?

Ele segura a minha mão me trazendo ao seu encontro.

— Sim.

— O quê?

Ele não responde apenas sela os nossos lábios, em um beijo calmo e

ao mesmo tempo cheio de significado.

— Você não imagina o quanto estava esperando por isso.

— Eu também.

— Tem uma coisa que gostaria muito de fazer.

Olho-o desconfiada.

— Quero muito tocar a sua barriga.

Fico olhando para ele por um tempo, pego a sua mão e a levo até a minha barriga, ele começa a passá-la com cuidado.

— Ainda não acredito que vou ser pai de uma menina.

— Eu também não.



Isabela Miller

— Para Laura, não vale a pena.

— Seguro em seu braço tentando impedi-la de pular o balcão, a sua mão ainda está tremendo depois que jogou o uísque no rosto do Paollo.

— Se eu fosse você ouviria a sua amiga, se continua a me desafiar vou ter que estragar seu lindo rosto.

A minha amiga começa a rir para ele.

— Sério... sabe Paollo o que acho engraçado, você fala demais para uma pessoa que levou um tiro de uma garota que você julga não sabe se defender. Chega a ser cômico você não acha? E tem outra, está esperando o que para tentar? Porque uma coisa eu te falo, você vai tentar, porque conseguir tenho certeza que não consegue.

Vejo o Nicolai segurar o seu braço, ele recua, dou graças a Deus.

— Por favor... Laura!

— Ele me irrita Isa, esse idiota fica me ofendendo a cada oportunidade meu arrependimento é não ter mirado na sua cabeça, agora vejo

o meu erro.

— Você não é assim, não deixe que ele consiga o que quer.

— Você não imagina o tanto que é difícil.

— Eu sei, calma.

— Boa Isabela, controle o seu cão.

— O único cão aqui é você, vamos embora Laura, já deu nossa hora.

— O meu uísque. — Respiro fundo.

— Chupe a sua camisa tem bastante uísque aí.

— Nicolai. Já estou indo, você vem?

— Vamos.

Saímos e ofereço uma carona para a Laura, ela recusa. Nas suas palavras ela precisa ficar um pouco sozinha.

Ele me leva até o apartamento de mais cedo, estou agora no seu quarto retiro o meu tênis e começo a massagear o meu pé, a Laura tem razão daqui a pouco meus pés vão ficar inchados.

Você está bem?

— Estou só os meus pés que estão doendo.

Ele se aproxima e fica de joelhos na minha frente, está bom isso está ficando cada vez mais estranho começa a passar as suas mãos nos meus pés, fico até sem graça de vê-lo nessa posição, a massagem continua.

— Você decidiu, Isabela?

— Na verdade não, agora tenho uma vida aqui e tem a Laura não quero me separar dela.

— Ela vai entender, Isabela, não quero te pressionar, mas o seu pai está me ligando toda a hora querendo te ver, ele está desesperado.

— Eu sei, Nicolai, mas é difícil.

— O que está lhe prendendo aqui é a Laura não é.

— Ela é como uma irmã para mim, não gostaria de me separar dela.

— Temos uma obrigação com a família e você tem que ser apresentada a todos. Essa é a regra, já esperamos demais.

— No fundo sei disso, amanhã falarei para a Laura que vou voltar para a Itália.

— É o melhor.

— Eu sei.

Ele se aproxima distribuído, beijos no meu pescoço, o seu cheiro como senti saudades disso, a sua barba por fazer arranha a minha pele me causando arrepios por toda a parte. Passo a mão no seu abdômen, sentindo a rigidez ali presente, desabotoo os botões da sua blusa um por um, até sentir a sua pele e acaricio cada parte do seu tórax tentando gravar na minha mente cada canto do seu corpo. Substituo a mão pelos meus lábios distribuindo beijos e pequenas mordidas no processo.

O fogo do prazer está me consumindo pouco a pouco, de tanta vontade que estou de ter ele dentro de mim.

— Por favor, Nicolai!

— O que você quer?

— Você sabe o que eu quero.

— Prefiro que me fale exatamente o que deseja.

A cada palavra dita e um beijo no meu pescoço, a minha blusa já está no chão o sutiã vai em seguida. Os meus seios estão doloridos de prazer, a sua mão os massageado em um ritmo lento e forte ao mesmo tempo.

— Fale — ele chega até a minha orelha a mordendo, a minha calcinha nesse momento já está super úmida.

— Eu quero você, quero o sentir dentro de mim.

Ele não responde, retira a minha calça e logo em seguida a minha calcinha. Deixando-me toda exposta aos seus olhos.

Depois retira a sua própria calça e a cueca, ficando totalmente nu, vê-

lo desse jeito em toda sua perfeição me deixa louca, louca de prazer.

Percebo quando ele vem para cima de mim, o cuidado de não colocar o seu peso, os beijos, as carícias e tudo como me lembrava, e uma coisa que não pretendo esquecer nunca.

— Você não imagina a saudade que eu estava de sentir o sabor da sua boceta.

O orgasmo veio forte me deixando completamente, extasiada.

Cada estocada é mais forte que a outra, sentir o seu pau todo dentro de mim, nossos sons se misturam em uma sincronia perfeita e única. Os nossos corpos unidos como se fosse apenas um, em sua mais completa perfeição. Respiro fundo para controlar o meu coração.

— Te machuquei?

Viro-me para ele.

— Por que você me machucaria?

— Tentei ir devagar, mas não consegui e agora tem o bebê pensei que poderia o machucar.

Começo a sorrir.

— Para de rir, Isabella não ver que fiquei preocupado.

Aproximo-me e lhe dou um beijo na boca.

— Pode ficar tranquilo, ela não vai se machucar só porque estamos fazendo sexo.

— Tem certeza — fala arqueando uma sobrancelha.

— Pode confiar em mim, tenho certeza.

— Eu confio.

Com estas palavras deito no seu peito e aspiro seu cheiro mais uma vez, o guardando no meu coração. Abro os olhos lentamente sentindo alguém passando a mão na minha barriga, vejo o Nicolai acaricia devagar, um sorriso se forma nos meus lábios e fico observando.

— A sua mãe é uma pessoa super inteligente minha princesa, tomara que você puxe isso dela. Só não puxe a sua personalidade porque juro não aguento duas Isabellas na minha vida, espero que um dia a sua mãe me perdoe por tudo que a fiz passar, porque não consigo mais viver sem vocês, mesmo ela me irritando sempre, eu a amo como nunca pensei amar alguém.



Isabela Miller

Ouvir suas palavras me deixa sem chão, ter o Nicolai perto e saber que ele sente a mesma coisa que sinto por ele faz com que meu coração se encha de felicidade e esperança.

Esperança que enfim eu possa ser feliz como sempre sonhei com uma família e uma amiga que nunca pensei em encontrar, mas que a sua presença está guardada em meu coração. Meu único desejo é que ela seja feliz, ela não entra em detalhes mais sei que a sua vida não foi fácil, só espero que dê tudo certo na sua vida.

— Não esquece, amanhã voltaremos.

— Eu sei, tenho que conversar com a Laura e o dono do pub.

— Qualquer coisa me ligue.

— Ok.

Ele se aproxima e deposita um beijo na minha boca e outro na minha barriga. Saio do carro e abro a porta, não vejo a Laura na sala então vou para o seu quarto, a encontro digitando no seu notebook.

— Como foi ontem?

— Legal — falo me deitando do seu lado.

— Só legal?

— Não vou ter conta os detalhes.

— Aconteceu alguma coisa?

— Por que a pergunta?

— Sei lá você está estranha.

— Ele falou que me ama.

— Sério, que bom Isa. Você merece ser feliz depois de tudo que passou.

— Obrigada, Laura, por ser essa pessoa tão especial.

— Você não tem que agradecer boba, eu te amo você sempre vai ser a minha irmã.

— E você a minha.

Chego perto e a abraço, vou sentir tanta falta dela que dói.

— Vou ter que voltar para a Itália.

— Eu imaginava.

— Não quero ficar longe de você.

— Eu também não, quando vocês vão partir?

— Infelizmente amanhã.

— Tão rápido?

— Se fosse por mim, ficaria aqui com você para sempre, mas preciso resolver as coisas por lá.

— O mesmo falo para você, minha barriguda.

— Acho que vou morrer de saudades.

— Eu também.

Saí com a Laura, para pode resolver as coisas com o dono do pub e agradecer por tudo que ele fez por mim, afinal nem todos contratam alguém

grávida. Ela me ajuda a arrumar tudo, como hoje era nossa folga facilitou bastante.

— Não esquece vamos nos falar todos os dias, tá!

— Claro você vai ficar enjoada de tanto ouvir a minha voz.

— Laura, entenda uma coisa, eu nunca vou me enjoar de você.

— Pode parar Isa, daqui a pouco eu vou chorar.

Eu já estou chorando desde que saí de casa e vim para o aeroporto.

O Nicolai chega perto de mim passa o braço pela minha cintura me aproximando ainda mais dele.

— Eu gostaria de te agradecer, Laura, por ter ficado com a Isabela todo esse tempo, se algum dia precisar de algo me ligue. Fala lhe entregando um cartão, ela fica um pouco sem graça, mas acabar aceitando.

— Eu faria tudo de novo, afinal a Isabela é minha irmã.

Ele apenas concorda, e se retira ficando perto do jatinho.

— Assim que você chegar, me liga, por favor.

— Pode deixar.

— E cuida da nossa filha, se acontecer qualquer coisa me ligar.

— Pode ficar tranquila ligo para você primeiro, antes até do Nicolai.

— Assim fico mais tranquila.

Nós nos abraçamos e entro no jato, mas um pedaço do meu coração fica aqui com ela.

— Logo vocês vão ficar juntas novamente.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Você vai ver.

Não respondo apenas aproximo a cabeça do seu ombro.

— E o Paollo?

— O que tem ele?

— Ele não vem conosco?

— Decidiu ficar aqui, me disse que tinha um assunto para resolver.

Rezo para esse assunto, não seja a Laura.

No jato eu durmo a maior parte do tempo. Depois de duas horas e meia chegamos e um carro está a nossa espera. Em menos de trinta minutos chegamos, juro que pensei que nunca voltaria para cá, continua do mesmo jeito.

Entramos e vamos para o elevador, em nenhum momento a sua mão sai da minha cintura.

O seu apartamento continuar o mesmo, não mudou em nada subo as escadas e abro a porta do meu antigo quarto, este continua igual só um detalhe está diferente, me viro para ele.

— Cadê as minhas coisas?

— Estão no nosso quarto.

Esqueci-me completamente.

— Ah! Claro.

Ele abre a porta, entro e coloco a minha bolsa em cima da cama.

— Deita um pouco, deve estar muito cansada.

— Até que não, e o meu pai?

— Conversei com ele mais cedo, ele virá aqui te ver mais tarde.

— Ok. Vou ligar para a Laura.

Ele se senta, pego o meu celular e ligo para ela no segundo toque ela atendeu.

— Isabela, você está bem e como foi a viagem? Estou morrendo de saudades.

Uma pergunta de cada vez. Sim estou bem, a viagem foi tranquila, e também estou morrendo de saudades de você. Ficamos conversando por uns dez minutos, e desligo. Vai ser difícil sem ela do meu lado.

— Por que você não vai tomar um banho? O seu pai já deve estar

chegando.

— É melhor mesmo.

Termino de tomar um banho me visto com um vestido simples na cor azul, e vou para a sala o Nicolai está sentado bebendo alguma coisa, chego perto dele e me sento do seu lado, estou nervosa finalmente vou conhecer o meu pai.

Ele segura na minha mão, esse gesto me traz uma grande tranquilidade.

— Calma vai ficar tudo bem, vou estar aqui com você o tempo todo não se preocupe.

— E se ele não gosta de mim?

— Isso é impossível... você é especial Isabella, mesmo sendo chata às vezes, você é uma mulher incrível ele tem sorte de ser seu pai, nunca se esqueça disso.

— Eu te amo tanto.

— Eu também te amo.

Minhas mãos estão tremendo. O coração parece que vai sair pela boca. A porta se abre, ele está do mesmo jeito que eu me lembrava com um terno na cor preta, não parece real tenho um pai, um pai, meus olhos se enchem de lágrimas.

— Nicolai

— Esteves

Ele me procura com o olhar quando finalmente ele me vê, sinto uma alegria tão grande.

— Filha.

Essa palavra saindo de sua boca, finalmente tenho uma família. As lágrimas que tentei segurar começam a rolar pelo meu rosto.

— Pai.

Jogo-me nos seus braços, sinto o meu coração acelerar a cada instante, é tudo como imaginei. O calor dos seus braços a felicidade de finalmente ter alguém para chamar de pai, se eu pudesse definir essa cena em uma palavra, essa palavra seria sonho.

Um sonho que se tornou real.

— Eu deveria ter percebido, você é tão parecida com a sua mãe. Me desculpe por tudo que a Verônica fez com você.

— Você não tem culpa.

— Espero poder te conquistar, a cada dia e te dar todo amor que você merece, meu anjo.

Ficamos conversando por umas duas horas seguidas, a única coisa que quero é saber tudo da sua vida, a felicidade dele de tocar a minha barriga e saber que será avô de uma menina.

Como esperado a Valentina não veio, afinal acabei ficando com o homem que era sempre pensou que seria seu marido.

Ficamos de nos encontrar amanhã, para almoçar juntos.



Já tem uma semana que chegamos, a cada dia conheço mais o meu pai, a falta que sinto da Laura dói a cada dia que passa sinto saudades de conversar cara a cara com ela, olho para o Nicolai na minha frente e começo a sorrir sem parar.

— O que é tão engraçado?

— Você se lembra quando fomos naquele, restaurante na primeira semana?

— Sim, o que tem?

— Lembro das suas palavras, quando te pedi para me levar em uma lanchonete, a sua resposta foi que se um dia te visse em uma lanchonete com certeza teria um problema, e agora estamos aqui comendo sanduíche e bebendo refrigerante em uma lanchonete.

Ele dá um enorme sorriso para mim, segura a minha mão firmemente.

— Para você ver, você, Isabella Miller, sempre foi o meu problema.

— E espero ser o último.

— Isso eu já não posso garantir, porque se a nossa filha puxar a sua personalidade, sei que os meus problemas só estão começando.

Quando vou responder o meu telefone toca.

— Laura, aconteceu alguma coisa?

— Tenho uma notícia para você

— Você está bem?

— Melhor impossível, se lembra das editoras que mandei o meu livro?

— Sim, o quê que tem?

— Se prepara Isa, o meu livro vai ser publicado por uma editora da Itália, estou voltando para morar aí, finalmente vamos poder ficar juntas.

Não consigo nem responder, estou tão feliz e louca para vê-la de novo.



Este é seu primeiro livro, mas já tem cinco prontos só esperando ter a coragem de publicar. Quando não está no seu computador você pode encontrá-la lendo.

Casada mãe de dois filhos. Amanda nasceu em Rio do Prado vale do jequitinhonha MG e hoje reside em Betim.

Sempre sonhava acordada, então decidiu tornar realidade, em de livros.

Próximo lançamento “Uma Louca na Máfia”, que já está sendo postado no Wattpad.

Contato:

Facebook: Amanda Pereira

Instagram: Amanda170117

